



**Douglas do Carmo Pereira**

**A esponsalidade de Cristo com a Igreja nas Homílias e Comentário  
de Orígenes ao Cântico dos Cânticos**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Rodrigues da Silva

Rio de Janeiro

Março de 2022



**Douglas do Carmo Pereira**

**A esponsalidade de Cristo com a Igreja nas Homilias e Comentário  
de Orígenes ao Cântico dos Cânticos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**André Luiz Rodrigues da Silva**  
**Orientador**  
PUC-Rio

**Abimar de Oliveira Moraes**  
PUC-Rio

**Fábio Magno de Castro Araújo**  
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 29 de março de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

## **Douglas do Carmo Pereira**

Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciência e Biotecnologia da CGADB – FAECAD.

### Ficha Catalográfica

Pereira, Douglas do Carmo

A esponsalidade de Cristo com a igreja nas homilias e comentário de Orígenes ao Cântico dos Cânticos / Douglas do Carmo Pereira ; orientador: André Luiz Rodrigues da Silva. – 2022.

115 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Amor. 3. Verbo. 4. Teologia nupcial. 5. Alma. 6. Orígenes. I. Silva, André Luiz Rodrigues da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

## Agradecimentos

Agradeço ao Deus Trino pela conclusão desse trabalho de dissertação, pelo dom da vida – muito celebrado nesses dias pandêmicos – e por me vocacionar à ciência teológica.

Nesta feita, subo mais um degrau na minha inquietante busca pela Revelação. Agora, que tudo convirja para sua glória e edificação da Santa Igreja de Cristo, mais especificamente à Assembleia de Deus, denominação que orgulhosamente faço-me membro.

A minha eterna gratidão ao meu orientador Prof. Pe. Dr. André Luiz Rodrigues da Silva, por me receber com disponibilidade para a realização deste trabalho.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) por oportunizar a cristãos de tradição protestante, evangélica e no meu caso, pentecostal, uma formação de elevado nível acadêmico, no espírito de fraternidade cristã. Senti-me acolhido e respeitado pelos Docentes e alunos das mais diversas tradições cristãs. Obrigado!

Aos meus familiares, em especial minha esposa Patrícia que foi e é fundamental por todas as etapas que, juntos, enfrentamos e vencemos. Amo-te, muito e muito...! Aos meus filhos Estevão e Noemi do Carmo que são, no final de tudo, a razão para cada esforço e lágrimas de persistência até aqui. Meus pais Milton e Lúcia por darem a mim educação e transmitirem-me capacidade de superação de limites, porque sei o que sofreram por mim e meus irmãos.

Ao meu amigo Pr. Adalberto Telles que sempre me incentivou a seguir estudando Teologia, mesmo depois de ter interrompido e diminuído o desejo de ingressar no PPG da PUC-Rio depois de algumas reprovações.

A todos os professores das disciplinas que cursei, bem como também aos que participaram desta Comissão Examinadora e contribuíram no aperfeiçoamento deste trabalho.

Ao CNPq e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Resumo

Pereira, Douglas do Carmo; Da Silva, André Luiz Rodrigues. **A esponsalidade de Cristo com a Igreja nas Homílias e Comentário de Orígenes ao Cântico dos Cânticos**. Rio de Janeiro, 2022. 115p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Dentre as muitas metáforas que expressam o amor de Deus à humanidade a das núpcias é a que merecia maior destaque na opinião de alguns teólogos, tanto os teólogos da antiguidade como os dos tempos modernos, certamente pelo elevado nível de intimidade que a metáfora autoriza imaginar no tocante ao amor incontido de Deus à sua Igreja. Trata-se, então, de um trabalho oportuno, útil à espiritualidade da igreja, e particularmente a cada cristão. Decerto, tem-se ouvido muitas homílias sobre Deus nos moldes da relação Senhor-servo; Pai-filho; Deus-humano; Pastor-ovelha; Santo-pecador. Todas têm correspondência na Escritura, mas enfatiza pouco – ou não a altura – a categoria do amor daquele que ocupa a superioridade nessa relação e, por isso, nenhuma dessas metáforas se comparam à relação Esposo-esposa. Para isso, a focagem deste trabalho recai sobre uma das obras de Orígenes cujo título é: Homílias e Comentário ao Cântico dos Cânticos. Fato é que Orígenes viu nessa relação Esposo-Esposa uma prefiguração do encontro entre Cristo – o Verbo – que se aproxima indo ao encontro da Esposa – a igreja, mas também ao cristão individual, expressando dessa forma o plano da redenção. Em seguida, este trabalho se achega ao livro bíblico atribuído a Salomão, juntamente com a obra de Orígenes sobre o Cântico dos Cânticos, que por sua vez, está dividido em duas homílias e o comentário. Por fim, este trabalho recortou os principais componentes que podem reforçar a construção de uma teologia nupcial como proposta cristológica, visto que Orígenes aplicou sua teologia à alma do fiel propriamente, não somente à igreja enquanto corpo de Cristo. Assim, ver-se-ão os integrantes mais próximos dessa relação de amor, tais como beijos; leito; perfume; peito; abraço; beleza; sombra; entre outros, num estado de progresso, a fim de magnetizar a alma do fiel a esse encontro nupcial com o Cristo-Esposo.

## Palavras-chaves

Amor; Verbo; teologia nupcial; alma; Orígenes; Cântico dos Cânticos.

## Abstract

Pereira, Douglas do Carmo; Da Silva, André Luiz Rodrigues. **Christ's Spousalness to the Church in the Homily and Origen's Commentary on the Song of Songs**. Rio de Janeiro, 2022. 115p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Among the many metaphors that express God's love for humanity, that of the wedding is the one that deserves greater prominence in the opinion of some theologians, both the theologians of antiquity and those of modern times, certainly due to the high level of intimacy that the metaphor allows to imagine in the concerning God's unrestrained love for his Church. It is therefore a matter of timely work, useful to the spirituality of the church, and particularly to every Christian. Certainly, many homilies on God have been heard along the lines of the Lord-servant relationship; Dad son; God-human; Shepherd sheep; saint-sinner. All have correspondence in Scripture, but it emphasizes little – or not enough – the category of love of the one who occupies the superiority in this relationship and, therefore, none of these metaphors compares to the Husband-Wife relationship. For this, the focus of this work falls on one of the works of Origen whose title is: Homilies and Commentary on the Song of Songs. The fact is that Origen saw in this Husband-Wife relationship a prefiguration of the encounter between Christ – the Word – who approaches, going to meet the Bride – the church, but also the individual Christian, thus expressing the plan of redemption. Then, this work approaches the biblical book attributed to Solomon, together with Origen's work on the Song of Songs, which in turn is divided into two homilies and the commentary. Finally, this work cut out the main components that can reinforce the construction of a nuptial theology as a Christological proposal, since Origen applied his theology to the soul of the faithful, not only to the church as the body of Christ. Thus, the closest members of this love relationship will be seen, such as kisses; bed; perfume; chest; hug; beauty; shadow; among others, in a state of progress, in order to magnetize the soul of the faithful to this nuptial encounter with Christ the Spouse.

## Keywords

Love; Verb; bridal theology; soul; Origins; Song of Songs.

“Bem-aventurado, certamente, é aquele que entra em lugares santos, mas muito mais bem-aventurado aquele que entra no Santo dos santos. Bem-aventurado aquele que observa o sábado, mas muito mais bem-aventurado aquele que observa o Sábado dos sábados. Bem-aventurado, igualmente, é aquele que compreende os cânticos e os canta – pois ninguém os canta senão em solenidades –, mas muito mais bem-aventurado aquele que canta o Cântico dos Cânticos”.

Orígenes de Alexandria (185-253)

## Sumário

1. Introdução .....	9
2. Breve biografia de Orígenes.....	14
2.1. Orígenes: vida e obras .....	14
2.1.1. Piedade de Orígenes.....	17
2.1.2. A carreira de Orígenes .....	20
2.1.3. Orígenes em Cesaréia da Palestina.....	27
2.1.4. Reputação e condenação de Orígenes .....	30
2.2. Cristianismo em Alexandria.....	32
2.3. Neoplatonismo em Alexandria.....	34
2.4. Hermenêutica origeniana .....	38
2.4.1. Interpretação carnal.....	41
2.4.2. Interpretação psíquica .....	42
2.4.3. Interpretação espiritual .....	44
2.5. A “ascensão” ao Cântico dos Cânticos.....	45
3. Esponsalidade: elevada metáfora de expressão do amor .....	48
3.1. Raízes bíblicas da esponsalidade de Deus com seu povo.....	48
3.1.1. Deus-Esposo no Antigo Testamento .....	49
3.1.2. Deus-Esposo no Novo Testamento.....	53
3.2. O Cântico dos Cânticos: amor divino-religioso ou humano-natural? .....	58
3.2.1. O Cântico dos Cânticos na tradição judaica .....	59
3.2.2. O Cântico dos Cânticos na tradição cristã.....	61
3.3. Breve história da obra “Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos” .....	62
3.4. Chaves de leitura das Homilias e do Comentário de Orígenes .....	64
3.4.1. O itinerário espiritual da alma: de volta à perfeição.....	65
3.4.2. O livre-arbítrio como oportunidade para fazer o itinerário .....	70
3.4.3. O amor: entre o “eros” e “ágape” no Cântico dos Cânticos .....	72
3.4.4. A alegoria-dramática da esponsalidade .....	75



4. O itinerário esponsal origeniano no Cântico dos Cânticos .....	78
4.1. A sensualidade no centro do itinerário espiritual de Orígenes .....	78
4.1.1. “Que me beije com beijos de sua boca” (Ct 1,2a) .....	81
4.1.2. “Teu peito é melhor do que o vinho” (Ct 1,2b).....	86
4.1.3. “O rei me levou à sua câmara” (Ct 1,4) .....	88
4.1.4. “Sou negra, mas formosa” (Ct 1,5).....	91
4.1.5. “Faze-me saber onde apascentas o rebanho” (Ct 1,7).....	93
4.1.6. “Como é gracioso o nosso pequeno quarto à meia luz” (Ct 1,15) ..	96
4.1.7. “À sua sombra desejei estar e me assentei” (Ct 2,3).....	98
4.1.8. “As mãos esquerda e direita me abraçam” (Ct 2,6).....	101
4.1.9. “Ei-lo aqui atrás da nossa parede” (Ct 2,9b).....	102
4.1.10. “Tua face é tão formosa” (Ct 2,14-15) .....	104
5. Conclusão .....	107
6. Referências Bibliográficas.....	110

## 1.

### Introdução

Quem já experimentou ler a Bíblia do início ao fim observando as culminâncias dos eventos desta história, talvez, tenha se deparado com a imagem de duas mulheres, em estado contrastante, buscando prevalecer-se sobre a outra. Tem-se, de um lado, uma prostituta que se veste de escarlate, em contraposição a uma mulher virgem-noiva, vestida de branco (Ap 17, 1-3; 19,1-10). No fim da Bíblia há um convite à celebração do matrimônio entre Cristo e sua noiva, a Igreja, convidada a esposar-se com seu tão aguardado Esposo. A cena em si progride pela presença dos *Cânticos de Aleluia*, em tom de comemoração desta solenidade. Insta-se por alegria, pois as núpcias se aproximam, e a noiva tornar-se-á esposa, estando já adornada para este fim (Ap 19,7).

Essa imagem é muito significativa na tradição pentecostal assembleiana brasileira, da qual faço parte como pastor, no entanto, em meu segmento de fé, a esponsalidade de Cristo com a Igreja é um tema que pertence à escatologia, e pouco ao nada à eclesiologia. Menos ainda à cristologia, porque soa como uma exaltação da sexualidade, e isto afetaria a pureza de Cristo, despojando-o de seus trajes santos. Particularmente me interessa pela teologia da esponsalidade de Cristo faz tempo e é por isso que nesta dissertação tentei abranger ainda mais a minha paixão pelo tema da esponsalidade de Cristo, mas fora da escatologia, porque a meu ver deve-se buscar intimidade com Cristo nesta vida.

Fato é que a imagem marital de Deus e do Filho perpassa toda a Sagrada Escritura, destacando, sobretudo, um amor incondicional em direção ao seu povo. As metáforas amorosas da linguagem matrimonial exprimem o amor religioso, que deve ser insistido, para fazer-se compreendido às pessoas hoje, drasticamente carentes de afeto no mundo dos homens e até por isso este trabalho faz-se oportuno, principalmente àqueles que recorrem à religião, cuja finalidade visa suprir os vazios existenciais. Quer dizer, em falta de amor, Cristo ama-te... Decerto, tem-se ouvido muitas homilias sobre Deus nos moldes das relações Senhor-servo; Pai-filho; Deus-humano; Pastor-ovelha; Santo-pecador. Em geral todas estas metáforas têm correspondência na Escritura – é verdade –, mas enfatiza pouco a intensidade do amor de Deus, mas mais a imagem do senhorio de Deus.

É comum em minha denominação de fé estabelecer relações de distanciamento para que a santidade de Deus seja mantida. Estimula-se a aproximação com devoção, entretanto, enfatizando sempre uma relação quase feudal com a divindade. Nenhuma dessas metáforas acima mencionadas se compara à relação Esposo-esposa. Esta é uma das poucas metáforas bíblicas que nos propõe uma relação de fundição com Deus, aliás, como realmente é entre marido e mulher devidamente casados. Foi a isso que Paulo instruiu seus convertidos em Corinto, a saber, a que se fundissem com o Senhor numa relação nupcial (1Co 6,17). Isto assim há – bíblicamente falando –, uma oportunidade de construir uma relação de tamanha proximidade entre Cristo e o homem, através de uma teologia nupcial e, Orígenes, fez isto como poucos em toda história da produção teológica cristã mundial.

Orígenes é autor de mais de duzentos livros<sup>1</sup> e livros importantes que são ainda hoje fonte de extração do seu pensamento genial e singular. Um dos mais famosos livros desse teólogo começou, na verdade, com homilias em grego<sup>2</sup> acerca do livro bíblico de Cântico dos Cânticos, atribuído a Salomão (Ct 1,1). O original grego das homilias perdeu-se. Foi só no ano 383, portanto, cerca de cento e cinquenta anos depois, é que foram recuperados uns fragmentos e por Jerônimo foram transcritos e traduzidos para o latim<sup>3</sup> recebendo inclusive um Prólogo. Dessa versão jeronimiana, conforme o texto estabelecido na edição crítica de M. Simonetti foi possível a reconstituição da obra cujo título é: *Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos de Orígenes*.

A começar pelo livro bíblico, sabe-se que o Cântico dos Cânticos é, sem dúvidas, um dos mais comentados por autores judeus e cristãos, justamente porque foram atraídos pela teologia nupcial. A tradição judaica, por sua vez, viu no esposo dos poemas do Cântico dos Cânticos um símbolo de YHWH e o povo judeu. O livro bíblico era tão estimado entre os judeus que, como reproduziu Luis Stadelmann, proferiram-se no Sínodo de Jâmnia, em 90 d.C., as seguintes palavras: “Todo aquele que entoar o Cântico dos Cânticos na sala do banquete,

<sup>1</sup> MCDERMOTT, G. *Grandes Teólogos: Uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de igreja*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2013, p. 18.

<sup>2</sup> ORÍGENES. *Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos – Introdução*. Tradução, introdução e notas de Heres Dian de O. Freitas; João E.P.B. Lupi. São Paulo: Paulus, 2018, p. 20.

<sup>3</sup> ORÍGENES, *Introdução*, p. 20.

como se fosse uma canção qualquer não terá parte no mundo que vem... porque este livro é o mais sagrado dos Hagiógrafos”<sup>4</sup>.

Em sentido literal, o livro bíblico não passa mesmo de uma celebração do amor e da fidelidade entre um homem e uma mulher. Ou seja, o Cântico dos Cânticos não foi escrito como uma alegoria. Mas, quando se ressignificam as suas declarações, abre-se a visão para uma bela relação afetiva entre Deus e seu povo.

Orígenes legou-nos um tesouro, embora não tenha sido ele o primeiro a compor um comentário ao Cântico dos Cânticos, porém, para muitos, foi quem elevou a intensidade de desse amor nupcial, dando cor a elementos do texto bíblico pouco acessado antes dele. Isso porque o doutor alexandrino faz-nos percorrer em direção ao amor sentido na alma, isto é, pessoalmente. Seu itinerário percorre, desde as ânsias, até se entrecruzarem, feito um casal.

Seguindo o formato do PPG da PUC-Rio, o presente trabalho dá-se em três partes: na primeira parte foi feito um breve apanhado biográfico de Orígenes, sua formação e face teológica no berço do neoplatonismo. Fez-se necessário, além disso, revisitar o que alguns padres da igreja disseram a respeito de Orígenes. Nessa parte tem lugar às controvérsias sobre o seu pensamento e atitude, fruto do seu radicalismo, frente ao entendimento que obteve ao ler trechos da Escritura. Orígenes é também um dos padres da igreja que mais sofreu injustas sentenças. O perfil biográfico de Orígenes é, decerto, o que nos coloca em contato com seu método. Enfim, seus postulados teológicos são imprescindíveis à aproximação da obra que vamos imergir, quer confirmando o que disseram sobre ele quer o justificando.

Na segunda parte desta dissertação entramos no tema da sponsalidade na Escritura, pontuando textos seletos no Antigo e Novo Testamento, percorrendo até ao livro bíblico de Cântico dos Cânticos, aonde se dará ênfase ao amor de Deus como chave hermenêutica de Orígenes<sup>5</sup>, à devoção de Orígenes ao Cântico dos Cânticos, destacando a antropologia que formulou, dando origem ao estado do homem como sujeito receptor do amor incontido de Deus e sua resposta a esse amor incontido.

Recortamos, por fim, os principais textos das suas duas homilias e comentário, cuja intenção foi percorrer o itinerário da alma ou da Igreja-Esposa

---

<sup>4</sup> STADELMANN, L.I. Cântico dos Cânticos. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 16.

<sup>5</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 12.

até ser introduzida ao quarto do rei (Ct 1,4). As cenas em relevo foram organizadas intencionalmente para que um amor romântico culmine na nupcialidade. Há troca de olhares, desejo de companhia, fragrância, abraços e beijos. Tudo isso merece ser imaginado, mas de forma progressiva destacando os gestos românticos de casal enamorado, até saciarem-se de presença um do outro.

O objetivo final, em caráter de conclusão é, na verdade, levar meu segmento de fé a uma compreensão bíblico-teológica de que o cristão necessita ansiar para, nesta vida, ser a Alma-Esposa tal como intentou Orígenes aos seus contemporâneos. Essa é a mais profunda e prazerosa relação de intimidade e, espiritualidade, a se desenvolver com Deus nesses dias de desamor generalizado.

## 2.

### Breve biografia de Orígenes

Neste capítulo trataremos da figura de Orígenes, apresentando um traço biográfico dele com base, primordialmente, no testemunho de Eusébio de Cesareia<sup>6</sup>, ciente, é claro, da existência de outras fontes teoricamente fidedignas que possibilitariam uma reconstituição segura de Orígenes<sup>7</sup>. Ver-se-á, em acréscimo, o depoimento de Gregório Taumaturgo, em referência às suas viagens e a temporada na Cesareia da Palestina. Essa tarefa foi reforçada com base em autores contemporâneos, que se debruçaram sobre a vida e teologia dos padres da igreja do Oriente. Relembrando as dificuldades que enfrentou, desde a juventude até seu martírio, inclusive a sua piedade radical que, infelizmente, o levou a tomar atitudes que lhe custaram à fama que carrega até hoje na historiografia. Discorreremos, ademais, sobre sua reitoria e efervescência na famosa escola catequética de Alexandria, que presidiu por certo tempo, destacando a sua paixão pela Escritura e pela filosofia; sua hermenêutica alegórica; e enfrentamentos com adversários do cristianismo, preparando, portanto, o pavimento para à “ascensão” – conforme cria e dizia Orígenes –, ao Cântico dos Cânticos de Salomão.

#### 2.1.

#### Orígenes: vida e obras

Filho de pais cristãos<sup>8</sup>, Orígenes nasceu em Alexandria no Egito, provavelmente no ano 185, vivendo até 253 da era comum. Gerald R. McDermott refere-se a esse menino de “garoto prodígio<sup>9</sup>”, pelo tanto que se dedicou a memorizar trechos enormes da Escritura. Incentivado por seu pai Leônidas a

---

<sup>6</sup> Sobre a importância de se começar pela biografia de Orígenes, disse Eusébio de Cesareia: “Sobre Orígenes, mesmo os fatos de quando usava fraldas, por assim dizer, parecem-me dignos de menção”. CESAREIA, E. História Eclesiástica, Livro VI, II, 2. São Paulo: Novo Século, 2002, p. 125. Já Hans Von Campenhausen, por sua vez, diz: “Comparada à de Orígenes, a obra dos antigos patriarcas da Igreja parece mesmo um mero prelúdio”. Ressaltando, desse modo, a importância de um relato biográfico de Orígenes. CAMPENHAUSEN, H. Os pais da igreja: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 42.

<sup>7</sup> Há ao menos cinco fontes de extração para um possível mapeamento da pessoa e obras de Orígenes: (1) por Eusébio de Cesareia; (2) pelo 1º livro da Apologia do Presbítero Pânfilo, preservado em latim; (3) pelo discurso de agradecimento que lhe dirigira São Gregório, o Taumaturgo; (4) por São Jerônimo; e (5) por Fócio. ALTANER, B. Patrologia: vida, obras e doutrina dos Pais da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1988, 203.

<sup>8</sup> Orígenes foi provavelmente o primeiro escritor cristão que sabemos com certeza ter vindo de um lar cristão, e que recebeu educação cristã. CAMPENHAUSEN, H, 2005, p. 42.

<sup>9</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 17.

também buscar o significado mais profundo de algumas partes da Bíblia sobre as quais se debruçava, diz-nos McDermott – baseado no testemunho de Eusébio –, que à noite seu pai ia até a cama de Orígenes e beijava-lhe o peito “como se ali fosse o templo do Espírito”, agradecendo a Deus por ter lhe concedido uma criança tão promissora<sup>10</sup>. Eusébio de Cesareia registra o sentimento de seu pai Leônidas ao perceber a paixão do garoto pelo significado oculto de determinada passagem bíblica.

Este aparentava repreendê-lo abertamente, exortando-o a não indagar nada que excedesse sua idade nem mais adiante do sentido evidente, mas no seu íntimo regozijava-se enormemente e proclamava perante Deus, autor de todo bem, seu maior agradecimento por tê-lo feito digno de ser pai de tal filho.<sup>11</sup>

O ano era 202 quando imperador Septímio Severo perseguiu a igreja. Orígenes com apenas dezessete anos, pediu a seu pai Leônidas que não recuasse diante da morte, se acaso a perseguição avançasse e os atingisse.<sup>12</sup> Suas palavras foram: “Cuida-te, não aconteça que por nossa causa mudes de parecer”<sup>13</sup>. Essa fala intrépida de Orígenes fez com que Eusébio, a respeito do que se tornaria o menino, dissesse posteriormente: “Fique isto consignado por escrito como primeiro indício da agudeza de pensamento do menino Orígenes e de sua nobilíssima disposição para a religião”.<sup>14</sup>

Os mártires em Alexandria multiplicaram-se muito. Eusébio de Cesareia chamou-os de “os Atletas da religião”, cingidos com coroas para Deus.<sup>15</sup> McDermott informa que o seu pai Leônidas perdeu, de fato, a vida como um mártir, e muito é dito que Orígenes só não se entregou, igualmente, porque a sua mãe escondeu suas roupas, evitando, desse modo, que o menino saísse às ruas.<sup>16</sup>

Ao acender-se, pois, com a maior violência a fogueira da perseguição e sendo inumeráveis os que se cingiam com a coroa do martírio, tal foi a paixão do martírio que se apoderou da alma de Orígenes, ainda um menino, que ardia para lançar-se de encontro aos perigos e pular e jogar-se à luta. Muito pouco faltou, na verdade, para que a morte se aproximasse, não fosse pela divina e celestial providência que, em proveito da grande maioria e por meio de sua mãe, se interpôs como obstáculo ao seu zelo. Ela primeiramente rogou-lhe com palavras, exortando-o a ter consideração por suas disposições maternais para com ele, mas quando o viu terrivelmente excitado, todo ele preso pelo desejo do martírio ao saber que

<sup>10</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 17.

<sup>11</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, II, 6, p, 125.

<sup>12</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 18.

<sup>13</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 18.

<sup>14</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, II, 6, p, 125.

<sup>15</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, II, 3,4,5, p, 125.

<sup>16</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 18.

seu pai tinha sido preso e encarcerado, escondeu todas suas roupas e assim obrigou-o a permanecer em casa.<sup>17</sup>

Depois da morte de seu pai, a família de Orígenes passou grande necessidade.<sup>18</sup>Foi quando Orígenes passou a residir na casa de uma senhora, herege, abastada, mas trabalhou como professor de gramática para sustentar sua mãe e seus seis irmãos, provendo, assim, o sustento para todos.<sup>19</sup>Verdade é que, naquela época, ser professor na cidade de Alexandria deu-lhe condições de manter a si e sua família, beneficiando-se da sólida educação que seu pai havia lhe dado. O ensino era uma profissão respeitada em Alexandria, aliás, a cidade já era conhecida em todo o mundo por seu intelectualismo, abrigo de uma das bibliotecas mais famosas da Antiguidade, além de escolas de pensamento filosófico.<sup>20</sup>

A fazenda paterna foi confiscada pelo tesouro imperial, e ele com os seus encontrou-se em indigência das coisas necessárias para a vida. Mas foi considerado digno da providência divina e encontrou proteção além de tranquilidade em uma senhora riquíssima em meados da vida e muito distinta, mas que rodeava de atenções um homem muito conhecido, um dos hereges que então havia em Alexandria. Este era antioqueno de origem, e a mencionada senhora tinha-o consigo como filho adotivo e rodeava-o das maiores honras.<sup>21</sup>

Mesmo após a morte do pai, Orígenes ainda assim continuava acreditando no “dom do martírio”. Tanto que acompanhava, conhecidos e desconhecidos, a uma morte gloriosa, já como mestre em Alexandria.

Com efeito, não somente os assistia quando estavam no cárcere e quando eram julgados, até a sentença final, mas também depois desta, quando os santos mártires eram conduzidos à morte, com extrema ousadia e expondo-se aos mesmos perigos. Tanto é que muitas vezes, por aproximar-se resolutamente e atrever-se a saudar os mártires com um beijo, faltou pouco para que a plebe de pagãos que estava em redor, enfurecida, o apedrejasse, mas a cada vez, com a ajuda da destra divina, escapou milagrosamente.<sup>22</sup>

Em 235, por ocasião da perseguição de Maximino, o Trácio, Orígenes, escreveu aos seus amigos, temerosos do martírio, como enxergava, depois de anos, a morte de Leônidas: “Não me é útil ter um pai mártir, se não tenho um bom comportamento e não honro a nobreza da minha estirpe, isto é, o martírio do meu pai e o testemunho que o tornou ilustre em Cristo”<sup>23</sup>. À vista disso, torna-se difícil

<sup>17</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, I, 1, p, 125.

<sup>18</sup> ALTANER, B, 1988, 203-204.

<sup>19</sup> ALTANER, B; 1988, 203-204.

<sup>20</sup> LITFIN, B. Conhecendo os pais da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2015, p.141-142.

<sup>21</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, II, 13, p, 126.

<sup>22</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, III, 4, p, 126.

<sup>23</sup> RIBEIRO, F. A experiência amorosa de Deus no Comentário ao Cântico dos Cânticos de Orígenes. São Paulo: PUC-SP, 2019, p. 15.



definir o real sentimento de Orígenes quanto à morte como martírio. Sabe-se que no cristianismo dos quatro primeiros séculos a igreja via no sofrimento e na morte obra semelhante àquela que ocorreu com o próprio Cristo. Uma forma de imitar seu caminho. Contudo, ao que parece, esse sentimento em Orígenes é mais admirável. Aliás, é justamente com esse fascínio que Daniel-Rops tenta expressar a paixão de Orígenes pelo martírio.

É difícil fazermos uma ideia da vida deste homem, da paixão que o anima, da multiplicidade incessantemente eficaz da sua ação. Mas o perigo continua a ameaçar; as perseguições podem recomeçar a qualquer momento e os pagãos vigiam aquele que tinham visto, impávido, acompanhar ao suplício os seus amigos, os seus alunos, e dar-lhes no limiar do anfiteatro o derradeiro ósculo da paz. Que importa o perigo! Lá está Cristo, a quem Orígenes ofereceu antecipadamente o sacrifício da sua vida.<sup>24</sup>

Vê-se, portanto, como Orígenes era um jovem destemido, frente à perseguição que começava a atingir os mestres do cristianismo alexandrino. A propósito, foi justamente por causa da perseguição aos mestres de Alexandria que Orígenes com dezoito anos assumiu a escola de Alexandria no lugar de Clemente, que foi obrigado a se refugiar na Capadócia.<sup>25</sup>

### 2.1.1. Piedade de Orígenes

A vida devocional de Orígenes remete a influência de seu pai, novamente. Foi com Leônidas que Orígenes começou a treinar com intuito de encontrar o sentido oculto de um texto bíblico. Segundo relata Eusébio: “[Orígenes] tendo-se exercitado desde pequeno nas divinas Escrituras, tinha já lançados não pequenos fundamentos para as doutrinas da fé”.<sup>26</sup> E ainda, por conselho de Leônidas, Orígenes aprendera a priorizar o estudo da Escritura, ao invés de voltar-se à educação secular, como faziam os jovens do seu tempo. Leônidas agiu assim para que a dedicação de Orígenes à Escritura não fosse secundária.<sup>27</sup>

Em consequência, antes de ocupar-se das disciplinas helênicas, em toda ocasião o introduzia a exercitar-se nos estudos sagrados, exigindo-lhe cada dia passagens de memória e relações escritas. Estes exercícios não desagradavam o menino, antes até, empenhava-se neles com ardor excessivo, ao ponto de que, não se contentando com os sentidos simples e

<sup>24</sup> ROPS-DANIEL. A igreja dos apóstolos e dos mártires. São Paulo: Quadrante, 1988, p. 329.

<sup>25</sup> Orígenes também fugiu indo para Cesareia, na Palestina, onde, a pedido do bispo Teotito e de Alexandre, bispo de Jerusalém, pregou nas assembleias cristãs. Em 217, o bispo Demétrio chamou-o novamente a Alexandria, confiando-lhe a escola dos catecúmenos. Passado certo tempo, Orígenes entregou a catequese elementar desta escola eclesiástica a seu auxiliar Héraclas, dedicando-se ele próprio a um público mais seletivo e culto, no ensino da filosofia, da teologia e, em particular, da exegese bíblica. ALTANER, B; 1988, 204.

<sup>26</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, II, 7, p. 125.

<sup>27</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, II, 7, p. 125.

óbvios das Escrituras Sagradas, já desde então buscava algo mais e investigava visões mais profundas, de forma que chegava a pôr em apuros seu pai perguntando-lhe o que queria significar o sentido da Escritura divinamente inspirada.<sup>28</sup>

Sua formação espiritual foi acompanhada por uma prática de fé bastante rigorosa. O jovem de Alexandria foi um asceta, jejuava e, como diz McDermott: “resistia ao sono num esforço para se aproximar de Deus”.<sup>29</sup> Durante algum tempo andou sem sapatos, abstendo-se de vinho. Orígenes vivia com o básico para seu sustento. Pela noite estudava a Bíblia; de dia, preparava seus alunos para o martírio. Eusébio chegou a reproduzir um ditado em honra à piedade religiosa de Orígenes, que dizia: “tal como sua palavra, assim seu caráter, e tal como seu caráter, assim sua palavra”<sup>30</sup>. Foi por sua piedade que Orígenes arrastava muitas pessoas a imitar alguns dos seus costumes, despertando atenção também entre os pagãos.<sup>31</sup>

Seu comportamento despertou impressionismo, a tal ponto de Eusébio de Cesareia chamá-lo de “*Adamantium*”, que quer dizer “Homem de aço”<sup>32</sup>, entretanto, sofreu críticas também. Apiedaram-se da decisão de Orígenes por escolher viver como um eremita, porém um eremita exposto à vida pública e urbana.

Acima de tudo achava que era necessário guardar aquelas sentenças evangélicas do Salvador que exortava a não usar duas túnicas, nem sandálias, e a não consumir-se com as preocupações do amanhã. E mais, com um ardor superior aos seus anos, mantendo-se firme no frio e na nudez e avançando em direção a uma pobreza extrema, enchia de admiração os que o rodeavam. Também causava pena a muitos, que lhe suplicavam que compartisse de seus bens, pois viam as dificuldades que passava pelo ensinamento divino; mas ele em nada cedia a sua insistência.<sup>33</sup>

Provavelmente, Orígenes nunca se enxergou como um *Adamantium*, mas, com toda certeza, via-se como um *vir ecclesiasticus* que quer dizer “Homem da Igreja”.<sup>34</sup> McDermott relata que Orígenes nunca se opôs à disciplina da igreja. Pelo contrário, por vezes, o jovem expressou seu amor pela Igreja e sua indignação quando havia distrações e despreço pela Escritura ou pelas reuniões de modo geral. Orígenes queixou-se de que alguns encostavam-se num dos cantos da igreja e conversavam durante a celebração e o ensino da Escritura.<sup>35</sup>

<sup>28</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, II, 8-9, p. 125.

<sup>29</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 18.

<sup>30</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, III, 7, p. 127.

<sup>31</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, III, 7, p. 127.

<sup>32</sup> ALTANER, B, 1988, 205.

<sup>33</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, III, 10-11, p. 127.

<sup>34</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 20.

<sup>35</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 21.

McDermott oferece-nos uma bela reconstituição de um sermão de Orígenes, no qual, tocou nesses aspetos que o incomodavam.

O Senhor confiou-me a tarefa de dar à sua casa a devida porção de alimento [ensino bíblico] na hora apropriada [Lc 12.42] [...] Como, porém, poderei fazê-lo? Onde e quando encontrarei a ocasião para que possais me ouvir? A maior parte do vosso tempo, praticamente, todo ele, na verdade, gastais em coisas mundanas, no mercado ou em lojas; alguns de vós vos ocupais das coisas do campo, outros se envolvem em litígios. Ninguém ou quase ninguém se importa com a Palavra de Deus [...]. Todavia, por que se queixar dos que não estão aqui? Mesmo os que aqui estão, vós, que viestes à igreja, não prestais atenção. O que vos interessa são histórias desgastadas pela repetição, mas virais as costas a Deus e à leitura da Santa Escritura.<sup>36</sup>

Dado bastante curioso é que os problemas que Orígenes enfrentou nos seus dias são os mesmos que muitos pastores e padres enfrentam em suas paróquias no séc. XXI. Aqui, McDermott contextualiza a realidade do cristianismo atual com o de Orígenes e vice-versa.

Os desafios pastorais que enfrentou se assemelham notavelmente aos que enfrentam os pastores do século XX. Imersos em uma cultura mais interessada num panteísmo fácil do que num discipulado rigoroso, muitos cristãos davam pouca atenção à sua religião, mais preocupados com os prazeres e com o comércio. Mesmo na igreja, queriam ser mimados com histórias interessantes em vez de ouvir as críticas pesadas das Escrituras.<sup>37</sup>

Como consequência da sua espiritualidade ascética e, portanto, radical, Orígenes na máxima obediência à Bíblia, castrou-se, ao interpretar literalmente Mt 19,12, texto que diz: “... *E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus*”. Tal ato, já em seu tempo sou altamente controvertido e, segundo Roger Olson, foi um motivo irrefutável que impediu Orígenes de ser ordenado oficialmente ao ministério.<sup>38</sup> Tanto Daniel-Rops, como o C.C. Kroeger são da opinião de que Orígenes castrou-se não por interpretar literalmente Mt 19,12, mas sim, para evitar incorrer nos pecados de ordem sexual. Daniel-Rops informa que havia muitas belas estudantes e assediavam Orígenes<sup>39</sup>. Daí esta ação para definitivamente conservar-se puro. Já C.C. Kroeger relata que Orígenes se castrou, a fim de poder instruir suas estudantes do sexo feminino sem risco de escândalo.<sup>40</sup> Eusébio, muito antes, diz-nos da mesma forma, mas relata que foi um gesto infantil e precipitado de Orígenes.

<sup>36</sup> MCDERMOTT, G; 2013, p. 21, *apud Homilies on Genesis and Exodus/Origen*, organizado e traduzido por Ronald Heine. Washington: Catholic University of America Press, 1992, p. 42.

<sup>37</sup> MCDERMOTT, G; 2013, p. 21.

<sup>38</sup> OLSON, R. História da Teologia Cristã. São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2001, p. 104.

<sup>39</sup> ROPS-DANIEL, 1988, p. 329.

<sup>40</sup> KROEGER, C. Orígenes. *In*: Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 1205.

Neste tempo, estando ocupado no trabalho da catequese em Alexandria, Orígenes leva a cabo uma façanha que, se demonstra um ânimo imaturo e juvenil, oferece ao mesmo tempo uma prova plena de fé e de continência. Efetivamente, tomando muito ao pé da letra com ânimo bastante juvenil a frase: “*Há eunucos que se castraram a si mesmos pelo reino dos céus*” e pensando, por um lado, cumprir assim a palavra do Salvador, e por outro, com o fim de evitar entre os infiéis toda suspeita e calúnia vergonhosa, já que sendo tão jovem, tratava das coisas de Deus não apenas com homens, mas também com mulheres, decidiu-se a concretizar a palavra do Salvador, cuidando para que passasse despercebido para a maioria de seus discípulos.<sup>41</sup>

Francisco Erlânio, com base em suspeitas suscitadas por Henri Crouzel, aponta dois motivos inconsistentes, insinuando com isso que a razão real para essa atitude de Orígenes deve mesmo permanecer obscura.<sup>42</sup> Isso porque Crouzel diz que na escola de Alexandria já se interpretava Mt 19,12 de forma alegórica, aliás, como outros trechos da Escritura. Logo, fica realmente vago como um defensor da alegoria pode ter lido literalmente um texto bem pouco praticável literalmente?<sup>43</sup> Além disso, no depoimento de Eusébio de Cesareia, é nos dito que Orígenes intentou esconder sua castração dos seus discípulos.<sup>44</sup> Como, então, pode ser verdade que sua castração visava mostrar sua espiritualidade ascética e privação sexual às suas alunas? Sendo assim, para Henri Crouzel, os motivos reais que levaram Orígenes a castra-se, com base do testemunho de Eusébio de Cesareia, são inconsistentes.<sup>45</sup>

### 2.1.2.

#### A carreira de Orígenes

Sabe-se que Orígenes foi cristão desde o nascimento, porém, pode ter iniciado seus estudos no ambiente pagão. É que seu pai Leônidas deixou muitos livros de autores pagãos e Orígenes aprofundou o seu conhecimento no neoplatonismo nos manuais do pai. Tempos depois, Orígenes, segundo Hans Campenhausen: “viveu do produto da venda de livros da biblioteca de autores pagãos do pai, recebendo uma modesta anuidade, suficiente apenas para a manutenção da vida de um asceta, o qual estava constantemente trabalhando e que se abnegou de todos os prazeres desnecessários”.<sup>46</sup>

<sup>41</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, VIII, 1-2, p. 129.

<sup>42</sup> RIBEIRO, F, 2019, p. 17.

<sup>43</sup> RIBEIRO, F, 2019, p. 19.

<sup>44</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, VIII, 1-2, p. 129.

<sup>45</sup> RIBEIRO, F, 2019, p. 17.

<sup>46</sup> CAMPENHAUSEN, H, 2005, p. 43.

Roger Olson, em acréscimo, igualmente descreveu como Orígenes pode mesmo ter tido contato com o paganismo antes de voltar-se, com toda força, à defesa do cristianismo em Alexandria.

Existe certa especulação quanto a ele também ter estudado na escola pagã de filosofia platônica dessa cidade e ter convivido com os principais fundadores da filosofia neoplatônica que começou a se tornar popular naquela época. Alguns estudiosos sugerem até mesmo que o próprio Orígenes tenha sido um dos fundadores do neoplatonismo. Embora seja altamente improvável, é possível que ele tenha conhecido e estudado com Amônio Sacas e Porfírio, professores de Plotino; mas foi atribuído a Plotino o crédito de ter transformado o neoplatonismo em uma filosofia respeitada e profundamente influente.<sup>47</sup>

Seguindo os demais autores, Altaner descreve que Orígenes, antes dos dezoito anos, dedicou parte da vida sendo discípulo do filósofo neoplatônico Amônio Sakkas, mentor de Plotino, porém, por ser cristão, não permaneceu muito tempo. Sendo um cristão convicto, Orígenes passou a ser procurado pelos pagãos e até por cristãos, já conhecidos de hereges, mas intelectuais. Sentiu-se impelido a se envolver tanto com teologia quanto filosofia<sup>48</sup>. A fama de Orígenes se espalhou rápido. Foi também com apenas dezoito anos que Orígenes sucedeu a Clemente de Alexandria na reitoria da escola catequética. O número de discípulos aumentou tanto que Orígenes não foi incapaz de ensinar a todos, e confiou à preparação de catecúmenos ao batismo a seu discípulo Héraclas, concentrando-se, assim, na instrução daqueles que vinham à procura de um conhecimento mais profundo e avançado da Bíblia.

A respeito de Clemente, mestre de Orígenes, sabe-se pouco de sua vida pré-cristã. Sabe-se, com certeza, que Clemente chegou ao cristianismo conduzido pela filosofia. Já cristão, seu objetivo de vida era mostrar, conforme destaca Rops: “que a doutrina cristã não era inferior à ciência profana alguma”.<sup>49</sup> Rops expôs um breve resumo da sua biografia nas seguintes palavras:

Era um grego de Atenas, possivelmente de uma família de libertos. Nascido por volta do ano 180, no paganismo, encontrara o cristianismo no limiar da sua juventude e a ele se entregara. Durante anos seguidos, em incessantes viagens da Grécia à Síria e da Palestina ao Egito, procurou assimilar melhor a doutrina de Cristo, ouvindo cristãos sábios. Houve um, enfim, que o satisfez plenamente e o fez fixar-se junto dele. Esse homem foi Panteno, a “abelha da Sicília”, de quem Clemente se tornou aluno e depois assistente; em torno do ano 200, sucedeu ao mestre. Ordenado sacerdote, mas dispensado das obrigações paroquiais, consagra-se inteiramente ao ensino cristão. Ao mesmo tempo em que fala, vai escrevendo, sempre fecundo e infatigável, embora por vezes caótico e difuso. Quando a perseguição

<sup>47</sup> OLSON, R, 2001, p. 104-105.

<sup>48</sup> ALTANER, B; 1988, 203-204.

<sup>49</sup> ROPS-DANIEL, 1988, p. 327.

encerra por algum tempo a sua escola, refugia-se na Capadócia, junto de um dos seus antigos alunos, e ali continua os seus trabalhos, até morrer em 216.<sup>50</sup>

Clemente foi obrigado a fugir de Alexandria devido à intensa perseguição. Segundo González o perigo era maior para os mestres do cristianismo.<sup>51</sup> Clemente que, a essa altura, acumulava cerca de vinte anos ensinando na escola catequética, tendo obtido fama, viu-se na obrigação de fugir para salvar sua vida e refugiou-se na Capadócia, onde era bem menos conhecido.<sup>52</sup> Após este ocorrido a escola precisou dum novo diretor e, justamente, Orígenes com dezoito anos, assume a reitoria da escola.<sup>53</sup> Em tom bastante celebrativo, Daniel-Rops expressa essa transição de Clemente para Orígenes, sem, entretanto, deixar de considerar a grande contribuição de primeiro diretor da escola da Alexandria, da seguinte maneira:

Há um outro plano em que a Igreja manifesta agora de forma brilhante a sua vitalidade: o da inteligência. Perante uma literatura pagã tão insípida e tão medíocre, em que só o oriental Plotino e alguns juristas são dignos de interesse, desenvolve-se uma literatura cristã de uma riqueza e um poder que nunca tinham sido igualados. A história dos Padres da Igreja abre aqui vários dos seus melhores capítulos. É o momento em que se revelam certas personalidades cuja irradiação será enorme e cuja influência perdurará por muito tempo. Os dois grandes centros da inteligência cristã no século III são o Egito e a África, e há quatro nomes que refulgem com um brilho excepcional: Clemente e Orígenes em Alexandria, e Tertuliano e São Cipriano em Cartago.<sup>54</sup>

Aluno de Clemente e sucessor do mesmo, Orígenes rapidamente produzia sermões que, posteriormente, foram redigidos, em caráter de resposta contra os ataques preteridos ao cristianismo. Não demorou muitos para que Orígenes ganhasse patrocínio. Um homem de posses chamado Ambrósio, convertido ao cristianismo, vindo do gnosticismo valentiniano, de tão impressionado com a sabedoria de Orígenes, ofereceu-lhe uma casa, secretários, sete estenógrafos, copistas, calígrafos, e ainda pagou a publicação de seus manuscritos.<sup>55</sup> Mais ainda, Olson discorre, com base nos dados fornecidos por H. Crouzel, que por causa

<sup>50</sup> ROPS-DANIEL, 1988, p. 326-327.

<sup>51</sup> GONZÁLEZ, J. História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 86.

<sup>52</sup> GONZÁLEZ, J, 2011, p. 86.

<sup>53</sup> OLSON, R, 2001, p. 105.

<sup>54</sup> ROPS-DANIEL, 1988, p. 326-327.

<sup>55</sup> Altaner, todavia, explica que a carreira autoral de Orígenes deu-se de improviso. Afirma ainda que o pai da igreja produziu sermões e breves discursos que foram estenografados, explicando, assim, o copioso acervo de obras, e também não poucas excentricidades na linguagem e no estilo. Portanto, para Altaner, Orígenes não foi um exímio escritor. Suas obras são, na maior parte, escriturísticas – de crítica textual e exegese – porém, reduzidas a pequeno número, não de textos originais gregos, mas em latim. ALTANER, B; 1988, 205.

desse patrocínio, Orígenes produziu em torno de oitocentos manuscritos.<sup>56</sup>Tal foi sua fama que a Sr<sup>a</sup> Júlia Mamea, mãe do imperador romano Alexandre Severo, desejou tê-lo como mestre particular.<sup>57</sup>

Tão logo o bispo Demétrio de Alexandria deu a Orígenes a incumbência de instruir os catecúmenos, Orígenes passou pouco mais de trinta anos em Alexandria, tornando-a um dos grandes centros de produção teológica do seu tempo. Uniu à Bíblia: teologia e filosofia. Além do trabalho que desenvolveu com os jovens catecúmenos, Orígenes travou enorme conflito com os adversários do cristianismo. A discussão era de alto nível intelectual. Seu maior crítico, o filósofo neoplatônico Porfírio, dizia que Orígenes “*vivia como cristão, mas pensava como grego*”.<sup>58</sup>

Decerto, Orígenes não negava o valor e a utilidade da filosofia, enfatizava antes que Platão e o restante da filosofia grega eram prenúncios de verdade, mas sem nenhum caráter salvífico. Embora dissesse mesmo que a teologia cristã era um tipo de “filosofia divina”, a qual superava qualquer segmento filosófico.<sup>59</sup>Segundo Roger Olson, depois de Orígenes, o cristianismo em Alexandria passou a ser visto com respeitabilidade, antes, apontado apenas como mera superstição.<sup>60</sup>Orígenes foi, portanto, um mestre e ao mesmo tempo apologista. Enquanto mestre dedicou-se à Palavra de Deus, já como apologista, a defender com muita veemência a razoabilidade do cristianismo frente aos postulados filosóficos.

Daniel Rops divide os tratados de Orígenes em quatro grandes grupos.<sup>61</sup>A começar pelos trabalhos relativos à Escritura, de crítica e de exegese, aonde procurou interpretar em caráter alegórico muitas passagens da Bíblia.<sup>62</sup>Faz-se importante observar que Orígenes lia a Escritura como uma ação devocional, ou seja, mesmo os anos passando, sua aproximação a Deus não alterou, antes, continuava esperando uma nova experiência mística com o texto sagrado. Christopher A. Hall observa que Orígenes reforçava a importância de uma leitura devocional, e uma relação doméstica com a Palavra de Deus aos seus alunos.

---

<sup>56</sup> OLSON, R, 2001, p. 105.

<sup>57</sup> OLSON, R, 2001, p. 105.

<sup>58</sup> ROPS-DANIEL, 1988, p. 331.

<sup>59</sup> OLSON, R, 2001, p. 105.

<sup>60</sup> OLSON, R, 2001, p. 105.

<sup>61</sup> ROPS-DANIEL, 1988, p. 331.

<sup>62</sup> ROPS-DANIEL, 1988, p. 331.

Em várias homilias Orígenes fala da importância de ler as escrituras no lar, recomendando-a como exercício diário de pelo menos umas poucas horas. Suas admoestações decorriam da indiferença e até mesmo aversão de alguns pela leitura da Escritura em lugar tranquilo. Eles queixavam-se do *taedium verbi divini* – aborrecimento de um estudo solitário da Escritura. Certamente, Orígenes não pressupõe a aptidão literária de todos os cristãos, mas admite a disponibilidade de textos para aqueles que podem ler. Para aqueles que acham a tarefa difícil, propõe em que horários intercalados, poderiam começar com os livros mais compreensíveis (Ester, Judite, Tobias ou Sabedoria), depois passar para os Evangelhos, Epístolas e Salmos, e somente mais tarde enfrentar textos mais difíceis e aparentemente não compensadores como Levítico e Números.<sup>63</sup>

A relação de Orígenes com a Escritura vai além de leitura doméstica e incessante. É relatada por Eusébio de Cesareia uma lista detalhada de Orígenes sobre os livros que estão no cânon oficial da igreja.<sup>64</sup> O padre alexandrino emitiu a opinião sobre o teor de certos livros, quando ainda se averiguava a autoria de alguns, como é o caso da homilia aos Hebreus, ao afirmar não ser do apóstolo Paulo. O depoimento de Eusébio revela enorme confiança além da personalidade de Orígenes.

Além disto, Orígenes explica acerca da Carta aos Hebreus, em suas Homilias sobre a mesma, o seguinte: Que o caráter da dicção da carta intitulada aos Hebreus não tem aquela rudeza de linguagem do Apóstolo, que confessa ser rude na palavra, isto é, no estilo, mas que a carta é bem mais grega pela composição de sua dicção; todo aquele que souber discernir as diferenças de estilo poderá reconhecê-lo. E ainda mais, que os pensamentos da carta são admiráveis e não inferiores aos das cartas que se admitem ser do Apóstolo, qualquer um que se aplique à leitura do Apóstolo dirá conosco que também isto é verdade. Depois de outras coisas, acrescenta: De minha parte, se hei de dar minha opinião, eu diria que os pensamentos sim são do Apóstolo, mas o estilo e a composição são de alguém que evocava a memória dos ensinamentos do Apóstolo, como um aluno que anota por escrito as coisas que seu mestre disse. Por conseguinte, se alguma igreja tiver esta carta como sendo de Paulo, que também por isto seja estimada, pois não sem motivo os antigos varões a transmitiram como de Paulo.<sup>65</sup>

J.N.D. Kelly, por sua vez, afirma que Orígenes recorreu à Escritura chamando-a de “cânon da fé” ou “cânon eclesiástico”.<sup>66</sup> Demonstrando o quanto o padre alexandrino somou-se à escola de Alexandria no processo de formação da Escritura. Orígenes entendia o cânon como a “regra de fé, e de crenças aceitas pelos cristãos comuns da época”.<sup>67</sup> Vê-se, assim, o quanto Orígenes recorria à Escritura, sempre “como critério decisivo para a determinação do dogma da igreja”.<sup>68</sup>

<sup>63</sup> HALL, C. Lendo as Escrituras com os pais da Igreja. Viçosa (MG): Ultimato, 2000, p. 135.

<sup>64</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, XXV, 1-14, p. 139.

<sup>65</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, XXV, 1-14, p. 139.

<sup>66</sup> KELLY, J.N.D. *Patrística: Origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã.* São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 31.

<sup>67</sup> KELLY, J.N.D., 2009, p. 32.

<sup>68</sup> KELLY, J.N.D., 2009, p. 32.



No tocante ao contato de Orígenes com a Escritura de modo exegético, tem-se, na verdade, sua maior contribuição. É famosa a obra *Hexapla*, que é praticamente uma edição crítica da Bíblia, editada em seis versões diferentes, emparelhadas lado-a-lado, em formato de coluna. Ela se aplica particularmente a edição de textos do AT, aliás, como observado por González: “Orígenes não estava satisfeito com esta simples compilação e, por isso, se dedicou a uma cuidadosa comparação do texto hebraico com o da Septuaginta, usando um sistema de sinais a fim de indicar alterações, omissões e adições”.<sup>69</sup>

Essa sua dedicação à Escritura impressionou até Eusébio, que relatou assim na sua *História Eclesiástica*:

E tão cuidadosa era a investigação que Orígenes fazia das palavras divinas, que até aprendeu a língua hebraica, comprou as Escrituras originais, conservadas entre os judeus com os próprios caracteres hebreus, e seguiu a pista das edições de outros tradutores das Sagradas Escrituras, além dos Setenta (LXX). Além das traduções trilhadas e alternantes de Áquila, de Símaco e de Teodócio, descobriu outras que, após seguir-lhes o rastro, tirou à luz, não sei de que esconderijos, onde se ocultavam desde antigamente.<sup>70</sup>

Altaner observa que Orígenes só conseguiu produzir uma obra tão minuciosa graças a Ambrósio, por meio do subsídio que deu. Afirma ainda que o doutor da igreja considerou a LXX inspirada por Deus, daí seu interesse em reconstituir, em paralelo ao texto hebraico do AT.<sup>71</sup> Parte da obra foi preservada em Cesareia da Palestina e, segundo diz Altaner, São Jerônimo utilizou partes dos textos *hexaplares* na tradução que elaborou.<sup>72</sup> E ainda, o padre da igreja em Alexandria é autor de vários pequenos comentários bíblicos. Altaner afirma que Orígenes redigiu comentário sobre quase todos os livros da Bíblia em três formas literárias: escólio, homilias e comentário<sup>73</sup>.

Escólios eram anotações, explicações avulsas sobre determinada passagem, muitas vezes, de difícil compreensão, uma prática cultivada pelos gramáticos alexandrinos.<sup>74</sup> Segue-se às homilias, as quais intentavam produzir edificação espiritual naquele que as tinha, mas era, segundo Altaner, um trabalho bastante improvisado e muitos destes sermões só foram redigidos postumamente.<sup>75</sup> Por fim, têm-se os comentários bíblicos mais longos, visando às explanações teológicas

<sup>69</sup> GONZÁLEZ, J. Uma história do Pensamento cristão, vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 204.

<sup>70</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, XVI, 1, p. 134.

<sup>71</sup> ALTANER, B; 1988, 206.

<sup>72</sup> ALTANER, B; 1988, 207.

<sup>73</sup> ALTANER, B; 1988, 207.

<sup>74</sup> ALTANER, B; 1988, 207.

<sup>75</sup> ALTANER, B; 1988, 207.

mais complexas por meio do seu pensamento. Pode-se, então, dizer que o seu comentário ao Cântico dos Cânticos ocupa a última posição na forma literária de Orígenes escrever.

Hoje, quase nada desse acervo de Orígenes existe, a não ser textos fragmentados. É-se dito por Altaner que das 574 homilias da autoria de Orígenes não existam hoje senão 21 no original grego.<sup>76</sup> Mais de 388 homilias traduzidas para o latim<sup>77</sup> também se perderam no tempo. O mesmo ocorreu com seus comentários bíblicos. Por providência divina está a nossa disposição devido à tradução de Rufino para o latim, o Comentário de Orígenes ao Cântico dos Cânticos, ao menos os livros 1-4.<sup>78</sup>

Vêm a seguir os livros teológicos, particularmente o famoso “*Dos Princípios*”, um clássico de teologia sistemática, escrito por Orígenes depois dos seus quarenta anos. Esta obra procura apresentar os tópicos mais importantes da fé cristã. Reconstituída, a obra possui 15 tratados independentes.

O 1º livro versa sobre Deus Uno e Trino, os anjos e sua queda; o 2º livro trata da criação do mundo, do homem, considerado como anjo decaído, aprisionado em um corpo; do pecado original e da redenção por Jesus Cristo, e dos novíssimos. O 3º livro se ocupa do livre arbítrio, do pecado e da restauração de todas as coisas de Deus; o 4º livro trata da Sagrada Escritura como fonte da fé e do tríplice sentido da Bíblia.<sup>79</sup>

González, no entanto, diz que a maior parte de sua teologia sistemática sobreviveu, por meio de uma tradução para o latim, feita por Rufino, mas este alterou algumas opiniões de Orígenes, consideradas absurdas. Sobre Rufino, disse González: “complicou a tarefa de um historiador”.<sup>80</sup>

Rops destaca ainda os ensaios de moral e de espiritualidade. Dos quais destacam as obras: “*Da Oração*” e “*A Exortação ao Martírio*”.<sup>81</sup> *Da oração* é uma exposição da oração do *Pai-nosso*. Altaner afirma que Orígenes deu testemunho da sua profunda piedade nesse texto. Orígenes discorre acerca de como se deve orar, a quem orar e a finalidade da oração. Orígenes, nesse tratado, combate concepções errôneas a respeito da expressão: “*Pai-nosso que, estás no*

<sup>76</sup> ALTANER, B; 1988, 208.

<sup>77</sup> ALTANER, B; 1988, 208.

<sup>78</sup> ALTANER, B; 1988, 208.

<sup>79</sup> Altaner, todavia, afirma que a divisão e arrumação dos livros não é original. ALTANER, B; 1988, 210.

<sup>80</sup> ALTANER, B; 1988, 208.

<sup>81</sup> ROPS-DANIEL, 1988, p. 331.

céu”.<sup>82</sup>A segunda parte *Da oração* era uma leitura alegórica dos aspectos que cercam a construção da oração mateana. Já a obra *Exortação ao Martírio*, foi escrita quando Orígenes residia em Cesareia, por volta de 235, no início da perseguição aos cristãos por Maximino, o Trácio, dirigindo-se aos seus amigos Ambrósio e Procoeteto, os quais viviam as pressões da perseguição. O teor da exortação, é claro, eram palavras de encorajamento diante da proximidade da morte.<sup>83</sup>

E, finalmente, a sua *Antologia* que nas palavras de Rops é “a mais completa e mais apropriada obra que fizera”.<sup>84</sup>Nesta obra Orígenes depôs-se a tratar dos temas anticristãos que circulavam, bem como responder aos ataques de Celso.<sup>85</sup>Celso era um filósofo pagão, que vinha obtendo fama por atacar o cristianismo. González diz que a obra de Celso, cujo título era “*O Verdadeiro Verbo*”, “era um ataque mordaz e bem documentado, não apenas contra a prática cristã, mas também, e acima de tudo, contra as doutrinas e as Escrituras da nova fé”.<sup>86</sup>González discorre sobre os bastidores desse entrave entre Orígenes e Celso.

O próprio Orígenes não conhecia a obra de Celso até que seu amigo e protetor Ambrósio lhe pediu para refutá-la. Embora a princípio Orígenes pensasse que seria melhor ignorar o ataque de Celso, ele finalmente decidiu aceitar o apelo de Ambrósio e escrever o *Contra Celsum*. Como Orígenes refutou os argumentos de Celso um por um, esta obra não tem um princípio de unidade interna. Apesar disto, ela é de grande importância para a história do conflito do Cristianismo com o paganismo nos primeiros séculos de nossa era.<sup>87</sup>

### 2.1.3.

#### Orígenes em Cesareia da Palestina

Apesar da grande popularidade, Orígenes teve dias difíceis em seu ministério. Não foi ordenado sacerdote pelos líderes eclesiais da igreja em Alexandria, mesmo depois de afirmar diversas vezes seu compromisso com a igreja, ainda assim o doutor da igreja não conseguiu ascender ao sacerdócio. O

<sup>82</sup> “Expliquei mais cuidadosamente a frase ‘Pai nosso, que estás no céu’, para rechaçar a opinião tão imprópria que têm de Deus aqueles que imaginam o céu como um lugar. Quis também impedir que alguém julgue encontrar-se ele num ambiente físico. Isto levaria, em consequência, a dizer que Deus tem um corpo, donde se seguiriam opiniões muito ímpias, crendo ser ele divisível, material e corruptível. Todo corpo é divisível, material e corruptível. Admitamos, porém, que alguém nos pergunte, não por falta de respeito, mas com sincero desejo de ver claro, como pode acontecer que possa existir outra espécie de natureza, senão a material”. ORÍGENES, Tratado da Oração, XXIII, 2. <https://pt.scribd.com/document/130029725/Origenes-Tratado-da-oracao>. Acesso: 13/01/2022.

<sup>83</sup> ALTANER, B; 1988, 208.

<sup>84</sup> ROPS-DANIEL, 1988, p. 331.

<sup>85</sup> ROPS-DANIEL, 1988, p. 331.

<sup>86</sup> GONZÁLEZ, J, 2004, p. 204.

<sup>87</sup> GONZÁLEZ, J, 2004, p. 206.

que o levou em conflito com seu bispo, Demétrio de Alexandria.<sup>88</sup> Roger Olson não descarta que o ciúme também pode ter contribuído para que Orígenes nunca fosse sacerdote em Alexandria.<sup>89</sup> Foi, por fim, um grande teólogo, mas sem espaço na igreja, feito um dissidente tal como foi com Tertuliano na África.<sup>90</sup>

Orígenes depois perdeu a paciência e foi embora de Alexandria para a Palestina, na região de Cesareia, onde viveu mais 20 anos. Lá realizou outras viagens, mas concentrou-se mais em Cesareia. Campenhausen é da opinião que Orígenes foi ordenado sacerdote um pouco antes da sua saída definitiva de Alexandria, ou seja, na própria Palestina, mas ainda ligado à Igreja de Alexandria.<sup>91</sup> Aliás, teria sido justamente este o motivo principal do seu desligamento da igreja no Egito.<sup>92</sup> Segundo Campenhausen: “Em seu retorno para casa lhe deram uma recepção não muito amistosa, o que o forçou a decidir por abandonar de vez seu campo de atividade em sua terra natal e mudar-se para Cesareia, onde ele foi recebido de braços abertos”.<sup>93</sup>

Em Cesareia Orígenes atuou noutra escola catequética, dessa vez, com intenções de estimular jovens não só ao batismo, mas também às missões. Ali lhes apresentou os pilares da doutrina cristã seguindo o curso da filosofia.<sup>94</sup> Um dos discípulos mais ilustres do doutor da igreja em Cesareia foi Gregório Taumaturgo. Discípulo e amigo de Orígenes, Gregório seguiu com ardor os cursos de Orígenes em Cesareia até tornar-se um apaixonado teólogo. Gregório Taumaturgo<sup>95</sup> ressalta algumas virtudes que acompanhavam a pessoa de Orígenes em sua obra cujo título é *Discursos de agradecimentos*:

<sup>88</sup> OLSON, R, 2001, p. 105.

<sup>89</sup> OLSON, R, 2001, p. 105.

<sup>90</sup> OLSON, R, 2001, p. 105.

<sup>91</sup> CAMPENHAUSEN, H, 2005, p. 53.

<sup>92</sup> CAMPENHAUSEN, H, 2005, p. 53.

<sup>93</sup> CAMPENHAUSEN, H, 2005, p. 53.

<sup>94</sup> OLSON, R, 2001, p. 106.

<sup>95</sup> São Gregório Taumaturgo é o mais notável discípulo de Orígenes. Nascido na província do Ponto, junto ao Mar Negro, de família abastada e pagã, Teodoro, que no seu batismo recebeu o nome cristão de Gregório parece se convertido ao cristianismo aos 14 anos, depois da morte do pai. Com seu irmão Atenodoro mudou-se para Cesareia da Palestina para viver ao lado de sua irmã, cujo marido era funcionário do governo da Síria. Gregório tentou estudar direito em Beirute – hoje capital do Líbano –, mas conheceram Orígenes. Nessa cidade Gregório tornou-se aluno de Orígenes por cinco anos. Gregório fez cursos com Orígenes em Cesareia tornando-se também um apaixonado teólogo. Sua obra principal é o *Discurso de agradecimento*, formulado segundo as regras retóricas quando se despediu do mestre testemunhando o valor do ensino de Orígenes. Tendo voltado para o seu país, já bispo, Gregório desenvolveu um apostolado extraordinário em todo o norte da Ásia Menor até as bordas do Cáucaso, o que lhe valeu ser chamado por São Gregório. Cf. ROPS-DANIEL, 1988, p. 331.

Na verdade, pretendo dizer algo sobre um homem que se mostra e tem a aparência de um homem, mas que realmente se mantém, para aqueles que sabem julgar bem, despojados de sua condição humana em virtude de uma dignidade maior que dá entender a transição para o divino. Na verdade, não venho exaltar sua origem, nem o vigor, nem a beleza de seu corpo; é por isso que estou atrasado e procrastino com preocupação excessiva. Essas qualidades são o elogio dos adolescentes, que, tendo capacidade reflexiva inferior, eles não falam de acordo com os méritos. Jamais nos propomos a falar com aparente solenidade e com aparência de certo decoro sobre as coisas instáveis e inconsistentes, morrendo rapidamente a mil maneiras; nem falaríamos devagar, para que não se diga que o fazemos de forma estéril e frívola [...]. Mas agora quero lembrar o que é mais divino neste homem, que por natureza se assemelha nele Deus, encerrado sob a aparência humana, mas tendendo violentamente a assemelhar-se a Deus. Então eu pretendo me debruçar sobre as coisas mais importantes que me lembro dele, e assim agradeço à divindade por ter me oferecido o encontro com este homem, contra todas as suspeitas humanas, minhas ou alheias, jamais imaginadas ou esperadas. Pretendo dizer alguma coisa, mas sendo totalmente insignificante e carente de inteligência, como não me retirar razoavelmente, te temer e ficar calado de bom grado?<sup>96</sup>

Gregório Taumaturgo se sentiu tão privilegiado quando conheceu Orígenes, a ponto de dizer que foi “o dia mais valioso de todos os dias”.<sup>97</sup> Assim, expressou-se: “pela primeira vez o verdadeiro sol começou a nascer para mim”.<sup>98</sup> Gregório relata que antes de conhecer Orígenes era como um animal feroz, amarrado, em direção à Beirute<sup>99</sup>, porém, Orígenes os acolheu<sup>100</sup> e como relatou Taumaturgo: “Defendeu-nos de todas as formas possíveis e – como diz o ditado – moveu todas as pedras e ele usou toda a sua força”.<sup>101</sup> Assim, Orígenes ensinava a Taumaturgo “O verdadeiro bem que o homem deve buscar e qual o verdadeiro mal que você deve rejeitar”.<sup>102</sup>

Foi estando em Cesareia na Palestina que muitas obras de Orígenes começaram a ser escritas. Eusébio expôs que seus Comentários a Isaías e Ezequiel foram redigidos nessa temporada<sup>103</sup>. Orígenes, finalmente, autorizou “aos taquígrafos transcrever as conferências tidas por ele em público, sendo que nunca antes tinha consentido que isto se fizesse”.<sup>104</sup> É dito a nós, por Eusébio que Orígenes, estando em viagem por Atenas, na Grécia, deu início a produção do Comentário ao Cântico dos Cânticos.<sup>105</sup>

<sup>96</sup> TAUMATURGO, G. *Elogio del maestro cristiano II, 10-13* \_\_\_\_ *Elogio del maestro cristiano: discurso de agradecimiento a Orígenes*. Introducción, traducción y notas de Marcelo Merino Rodríguez. Madrid: Ciudad Nueva, 1990, p. 107-108.

<sup>97</sup> TAUMATURGO, G, VI, 73-76, p. 123.

<sup>98</sup> TAUMATURGO, G, VI, 73-76, p. 123.

<sup>99</sup> TAUMATURGO, G, VI, 73-76, p. 123.

<sup>100</sup> TAUMATURGO, G, VI, 73-76, p. 123.

<sup>101</sup> TAUMATURGO, G, VI, 73-76, p. 123.

<sup>102</sup> TAUMATURGO, G, VI, 73-76, p. 123.

<sup>103</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, XXXII, 1, p. 141.

<sup>104</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, XXXVI, 1, p. 141.

<sup>105</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, XXXII, 1, p. 141.

Demétrio de Alexandria baniu Orígenes formalmente no ano 231-232 num segundo sínodo. Depôs do sacerdócio, porque o havia sido ordenado sem a anuência da autoridade local, portanto, a autoridade correta, além, é claro, de ser eunuco, que era a razão principal. Orígenes, enfim, realizou o desejo de morrer com o mártir. Durante a grande perseguição a mando de Décio, muitos cristãos entraram na mira do Estado. Olson relata que Orígenes é preso e torturado pelas autoridades imperiais.<sup>106</sup> Morreu em decorrência das torturas que ele sofreu. A história não relata como Orígenes conseguiu ser liberto, porém, registra que, com quase 70 anos, morreu na cidade de Tiro: “sempre cheio de Deus, sempre lutando e sempre pobre”.<sup>107</sup> Orígenes morreu no ano 253 e durante muito tempo, em Tiro, via-se seu túmulo.

Se abatia sobre ele de modo distinto do que sobre os demais a quem fazia então a guerra; e logo quantos e quais sofrimentos teve que suportar aquele homem pela doutrina de Cristo: correntes e torturas, os suplícios físicos, os suplícios pelo ferro e os suplícios na escuridão do cárcere; e como tendo seus pés durante muitos dias estendidos no cepo até o quarto furo e depois de ser ameaçado com o fogo, suportou ainda com integridade muitos outros tormentos que seus inimigos lhe infligiam; e em que deu tudo isto, já que o juiz se esforçava com todas suas forças para que não se lhe tirassem a vida; e depois de tudo isto, que classe de sentenças deixou atrás de si, cheias também elas de proveito para os que necessitam recuperar-se: tudo isto está contido nas numerosas cartas deste homem, com tanta verdade quanto exatidão.<sup>108</sup>

Imediatamente após sua morte surgiram disputas concernentes aos seus ensinamentos. É o que diz Altaner.<sup>109</sup> Por volta do ano 400 em Alexandria mesmo começa uma averiguação às doutrinas de Orígenes, em particular feitas por Epifânio e Teófilo, principais de Alexandria da época. Segundo Altaner, as disputas em torno dos ensinamentos de Orígenes só se acalmaram no séc. VI, quando o imperador Justiniano I, pelo édito de 543, condenou inicialmente nove proposições doutrinárias de Orígenes.

#### **2.1.4. Reputação e condenação de Orígenes**

Apesar da imensidão de testemunhos a respeito das qualificações de Orígenes, o padre de Alexandria ainda hoje carrega uma reputação negativa, talvez, como nenhum outro padre da igreja, em toda a antiguidade, mas, infelizmente, não sem motivo. McDermott elenca ao menos dois motivos para

<sup>106</sup> OLSON, R, 2001, p. 106.

<sup>107</sup> ALTANER, 1988, p. 205.

<sup>108</sup> CESARÉIA, E, H.E. Livro VI, XXXIX, 5, p. 143.

<sup>109</sup> ALTANER, 1988, p. 205.

isso. O primeiro, é claro, recai sobre sua castração. Além de tê-lo impedido de ascender ao sacerdócio, tornou sua história praticamente irrecomendável aos que têm diversos outros hagiógrafos para buscar inspiração.<sup>110</sup> O segundo motivo tem a ver com seus próprios ensinamentos. Alguns de seus ensinamentos foram considerados heréticos na história do cristianismo.

Os mais escandalosos são, primeiramente, a *apokatástasis*. É que Orígenes cria que Deus, no fim, será tudo em todos. Orígenes, como salienta McDermott, deu bastante ênfase à liberdade humana, porque os gnósticos, seus opositores, era fatalistas, ou seja, julgavam a vida humana como uma espécie de destino pré-determinado.<sup>111</sup> Explica-se, assim, a ênfase que Orígenes deu à liberdade do homem e até dos seres angélicos. Então McDermott relata que: “Orígenes acreditava que a liberdade devia ser uma constante eterna – daí a liberdade que, segundo ele, até mesmo os demônios e os condenados podiam mudar de opinião”.<sup>112</sup>

Além da *apokatástasis*, Orígenes é visto assim por ser o teólogo que ensinou acerca da preexistência da alma em busca da matéria, próximo do que conhecemos hoje de *Karma* em alguns segmentos da religião de matriz afro. Acontece que Orígenes jamais propôs suas ideias a fim de se tornassem crença oficial da igreja.<sup>113</sup> E pior, segundo McDermott, ainda não se sabe ao certo se todo desenvolvimento da teologia de Orígenes é mesmo resultado só do seu trabalho. Isso porque o editor de seu tratado teológico mais importante confessou ter alterado alguns textos de Orígenes.<sup>114</sup> Sabe-se que Orígenes repudiava as heresias, tanto que as combateu. Eusébio relata que Orígenes desde a juventude considerou-se um homem da igreja.<sup>115</sup>

Decerto, não houve nome na antiguidade cristã mais discutido que o de Orígenes. O homem mais célebre depois dos apóstolos. Doutor incontestável, mas carregador de um legado perturbador. Orígenes nunca foi canonizado. Foi acusado de desviar-se da ortodoxia da igreja no Segundo Concílio de Constantinopla, em 553. O imperador Justiniano I, chefe do Império do Oriente declarou guerra aos

<sup>110</sup> MCDERMOTT, G; 2013, p. 19.

<sup>111</sup> MCDERMOTT, G; 2013, p. 20.

<sup>112</sup> MCDERMOTT, G; 2013, p. 20.

<sup>113</sup> MCDERMOTT, G; 2013, p. 20.

<sup>114</sup> MCDERMOTT, G; 2013, p. 20.

<sup>115</sup> MCDERMOTT, G; 2013, p. 20.

discípulos de Orígenes. Muitos dos seus ensinamentos foram condenados, publicados anátemas e, principalmente, a sua doutrina da preexistência da alma. Altaner, em acréscimo, continua dizendo que todos os bispos do Império Romano endossaram o veredito de 553, a começar por Menas, patriarca de Constantinopla, e o papa de então, Vigílio (537-555) e muitos outros.<sup>116</sup>

Contudo, suscitado por McDermott, cabe a seguinte reflexão: será que devemos desprezar tudo mais que esse mestre da igreja escreveu só porque se aventurou a investigar temas que a igreja até então não havia dado por encerrados? Na homilia a Josué ele diz:

Carrego o título de sacerdote e, como sabem, prego a Palavra de Deus. Se, todavia, faço algo que seja contrário à disciplina da Igreja ou à regra estabelecida pelos Evangelhos – e assim ofendo a vocês e à Igreja –, espero que a Igreja, por unanimidade, se una contra mim e me expulse de seu meio.<sup>117</sup>

Bento XVI, sobre a contribuição de Orígenes, expressou-se: “Convido-vos e assim conluo a acolher no vosso coração o ensinamento deste grande mestre na fé. Ele recorda-nos com íntimo arrebatamento que, na leitura orante da Escritura e no compromisso coerente da vida, a Igreja renova-se e rejuvenesce sempre”.<sup>118</sup>

## 2.2.

### Cristianismo em Alexandria

Nosso enfoque aqui se ocupa em verificar o impacto do cristianismo e sua produção nos séc. II e III, pois é neste período que Orígenes nasce, desenvolve-se, tornando-se assim o maior teólogo do Oriente. São Jerônimo refere-se a Orígenes como: “O maior mestre da igreja depois dos apóstolos”<sup>119</sup>, embora tenha mudado de opinião logo após começarem as discussões sobre seu pensamento.<sup>120</sup> Verdade é que Orígenes não fundou o cristianismo em Alexandria. São Jerônimo afirma que o cristianismo instalou-se em Alexandria havia muito tempo, remontando

<sup>116</sup> Em defesa do caráter de Orígenes, Altaner diz: “Orígenes tinha a intenção de ser cristão ortodoxo e o queria ser, o que se pode deduzir do simples fato de ter ele com grande estima o magistério da Igreja e de considerar um erro de doutrina mais pernicioso do que um desvio moral”. ALTANER, B; 1988, 205.

<sup>117</sup> MCDERMOTT, G; 2013, p. 20, *apud* Jean Danielou, *Origen*. Tradução para o inglês de Walter Mitchell, New York: Sheed & Ward, 1955, p. 8.

<sup>118</sup> BENTO XVI, Orígenes: a vida e a obra. Audiência Geral de 25 de abril de 2007 [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20070425.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070425.html). Acesso em 19/01/22:

<sup>119</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 20.

<sup>120</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 20.



talvez a São Marcos, o evangelista.<sup>121</sup> Apolo de Alexandria (At 18,26) também é um dos pioneiros cristãos no Egito, reconhecido entre os que acompanharam o apóstolo Paulo. Daniel-Rops, porém, afirma que o Egito cristão dera o que falar, mas, por causa das heresias gnósticas, sugestionando este ocorrido ainda no início do séc. II, aonde começou a se tornar referência nas produções teológicas, começando por Panteno, depois é Clemente o seu sucessor e, por fim, Orígenes.<sup>122</sup>

Panteno é apontado com o fundador da escola catequética de Alexandria, por volta dos anos 190. Foi o primeiro a introduzir o cristianismo, até então de caráter puramente bíblico, e ligá-lo às correntes de pensamento mais populares da Alexandria daquele tempo, a começar pelo gnosticismo sustentado por Basíides (117-138). Grande parte dos escritos de Basíides se perdeu e o mesmo é conhecido apenas por menção, muitas vezes, através de refutações dos cristãos apologistas.<sup>123</sup> Em seguida ligou ao judaísmo helênico, do qual, é sabido que Fílon de Alexandria é o grande expoente. Ademais, tem-se o neoplatonismo, a mais influente corrente filosófica a diluir-se no cristianismo alexandrino no final do séc. II. Pode-se dizer que a soma dessas correntes de pensamento filosófico e esotérico constitui-se o DNA do cristianismo alexandrino, tem-se também o “*combo*” que deu origem ao método hermenêutico de interpretação bíblica que caracterizou a exegese origeniana. Ademais, deve-se pontuar outra peculiaridade do cristianismo alexandrino que era a procura por uma teologia espiritual e tudo indica que as correntes filosóficas, de alguma forma, deram isso à teologia alexandrina.

É aqui que tem lugar a teologia nupcial que estimula a proximidade da alma a Deus, na categoria da esponsalidade. Danilo Mondoni confirmou isto ao definir a espiritualidade da escola alexandrina dizendo: “despojou-se de suas vestes judaicas e assumiu o melhor do humanismo grego e da filosofia antiga”.<sup>124</sup> Os padres alexandrinos ensinavam a importância de uma união mística com Deus, embora entendessem que isto só se realizaria no campo da subjetividade. Charles Bernard, entretanto, esclarece o quanto é difícil separar esses dois mundos na experiência: “não é possível separar totalmente objetividade

<sup>121</sup> ROPS-DANIEL, 1988, p. 326.

<sup>122</sup> Em quase todos os livros sobre Patrística em língua portuguesa, Clemente de Alexandria aparece como o primeiro nome como sendo o grande diretor da Escola catequética de Alexandria. CAMPENHAUSEN, H, 2005, p. 31.

<sup>123</sup> ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 485.

<sup>124</sup> MONDONI, D. História e teologia da espiritualidade. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 35.

e subjetividade na experiência mística”.<sup>125</sup>O neoplatonismo constitui o núcleo inicial ou o ponto de partida da reflexão cristã sobre a experiência mística.

### 2.3.

#### Neoplatonismo em Alexandria

Alexandria foi fundada no ano de 332 a.C., por Alexandre o Grande, da Macedônia, e dele derivou o seu nome. Era uma das cidades mais famosas no mundo de época. Desde o início, Alexandria foi uma cidade cosmopolita, onde gregos e judeus se estabeleceram ali em grande número e havia, além disso, uma grande população egípcia nativa. Alexandria tomou-se a grande metrópole, onde o Oriente e Ocidente se encontravam e inevitavelmente as riquezas foram se acumulando, atraindo os ambiciosos, os capazes e gente culta.<sup>126</sup>

Todos esses povos se reuniam sob o estímulo e o incentivo dos primeiros membros da linhagem dos Ptolomeus. A dinastia fundada por Ptolomeu durou três séculos. Catorze monarcas assentaram no trono do Egito grego; o último foi a famosa Cleópatra.<sup>127</sup>A cidade abrigou uma das bibliotecas mais esplêndidas da antiguidade, sendo assim, um dos maiores centros de produção do conhecimento na Antiguidade. Estabelecida durante o século III a.C., no complexo palaciano da cidade de Alexandria, a biblioteca fazia parte de uma instituição de pesquisa chamada *Mouseion*. A respeito do funcionamento da biblioteca em Alexandria, é-nos dito assim por Russel Norman Champlin:

A biblioteca de Alexandria foi a mais completa e mais famosa do mundo antigo. Foi fundada por Ptolomeu I (c. 300 a.C.), em conjunção com o Museu e a Universidade, com um corpo docente de eruditos sustentados pelo estado. O Museu tinha diversas divisões: uma faculdade de aprendizagem semita e grega, um centro de pesquisa internacional e a biblioteca. As instalações incluíram um número de edifícios e jardins semelhantes aos das Universidades de Oxford e Cambridge. Os estudiosos mais brilhantes da época a frequentavam para ler os manuscritos e para fazer pesquisa. Ptolomeu atraiu alguns dos homens mais brilhantes da época para trabalhar e lecionar em Alexandria, oferecendo-lhes dinheiro e privilégios. Assim foi que Alexandria substituiu Atenas como o centro cultural da época.<sup>128</sup>

Isto posto, Alexandria atraiu ainda mais correntes de pensamento ali, fabricando um sincretismo e um verdadeiro mercado religioso favorecido inclusive pelas rotas comerciais. A respeito do que expusemos é possível

<sup>125</sup> BERNARD, C. Introdução à teologia espiritual. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 134.

<sup>126</sup> BLAIKLOCK, E.M. In: TENNEY, M (Org.). Enciclopédia da Bíblia, vol. 1. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008, p. 185-189.

<sup>127</sup> BLAIKLOCK, E.M. In: TENNEY, M (Org.), 2008, p. 185-189.

<sup>128</sup> CHAMPLIN, N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, vol. 1. São Paulo: Editora Hagnos, 2008, p. 107.

comprovar o retrato da vida religiosa ali através de uma importantíssima carta que o imperador Adriano escreveu para seu cunhado Serviano, na qual descreve sua percepção sobre a vida em Alexandria e até sobre a forma como os cristãos viviam ali, o que aumenta ainda mais nosso interesse por essa carta.

Queridíssimo Serviano, o Egito que tanto elogiavas parece-me ser leviano, vacilante e borboleteador entre os rumores de cada momento. Os que adoram a Serápis são cristãos. E os que se dão o título de bispos de Cristo são devotos de Serápis. Não há chefe da sinagoga dos judeus, nem samaritano, nem presbítero cristão, que não seja também numerólogo, adivinho e saltimbanco. [...] São gente altamente sediciosa, vã e injuriosa, e sua cidade é rica, opulenta, fecunda. Nela ninguém está ocioso. Uns sopram vidro, e outros fabricam papel, e todos parecem ser tecedores de linho ou têm algum ofício. Os reumáticos, os mutilados, os cegos e até os inválidos têm trabalho. O único Deus de todos eles é o dinheiro, a quem adoram os cristãos, os judeus e toda classe de pessoas.<sup>129</sup>

Pode-se dizer que foi nesse Egito grego onde surgiu o Helenismo. Um conjunto de muitos valores e crenças, somatizado a postulados filosóficos do Oriente e Ocidente, dando origem a um modo bastante difuso de conceber a divindade, a vida e o cosmo. Segundo diz Skarsaune: “O próprio Alexandre imaginara uma síntese entre a cultura grega clássica e as antigas culturas do Oriente, e embora seu império tenha se fragmentado pouco depois de sua morte, seu ideal de uma síntese de culturas foi em larga medida realizado”.<sup>130</sup> Tem-se assim o que seria na prática o helenismo em Alexandria, que passou, é claro, por algumas variações, desencadeando, depois de muitos séculos, no neoplatonismo que é a principal seita no tempo de Orígenes.

O Neoplatonismo como escola filosófica foi fundada por Amônio Sakkas no séc. II d.C, cujos maiores representantes são Plotino, Jâmblico e Procios. Nicola Abbagnano disse “que o Neoplatonismo foi uma escolástica, ou seja, a soma da filosofia platônica (filtrada através do neopitagorismo, do platonismo médio e de Filonismo) para a defesa de verdades religiosas reveladas ao homem *ab antiquo* (da antiguidade) e que podiam ser redescobertas na intimidade da consciência”.<sup>131</sup>

Abbagnano sublinha ainda quatro fundamentos que se aproximam dos principais postulados da filosofia neoplatônica. São eles: (1) O caráter de revelação da verdade que é, portanto, de natureza religiosa, e se manifesta nas instituições religiosas existentes e na reflexão do homem sobre si próprio<sup>132</sup>; (2) O

<sup>129</sup> GONZÁLEZ, J, 2011, p. 75.

<sup>130</sup> SKARSAUNE, O. À Sombra do Templo. As influências do judaísmo no cristianismo primitivo. São Paulo: Vida Acadêmica, 2004, p. 20.

<sup>131</sup> ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 711.

<sup>132</sup> ABBAGNANO, N, 2007. p. 711.

caráter absoluto da transcendência divina: o lugar de Deus, visto como o Bem, e está além de qualquer determinação cognoscível e é julgado inefável nesse segmento filosófico<sup>133</sup>; (3) A teoria da emanção, que é quando todas as coisas existentes derivam necessariamente de Deus, e vão se tornando cada vez menos perfeitas à medida que se afastam dele e, conseqüentemente, o mundo inteligível (Deus, Intelecto e Alma do mundo) é distinto do mundo sensível (ou material)<sup>134</sup>; e, por fim, (4) O retorno do mundo a Deus através do homem e de sua progressiva interiorização, até o ponto do êxtase, que é a sua união com Deus.<sup>135</sup> Em linhas gerais, tem-se aqui, segundo Abbagnano, os axiomas do neoplatonismo, que se caracterizou em Alexandria como uma religião, grosso modo, muito além de reflexão filosófica. Ao menos é assim que Tillich se expressa ao falar do neoplatonismo e seu impacto no cristianismo oriental de Orígenes e de outros expoentes contemporâneos.

O fim da filosofia grega se dá quando a filosofia se transforma em religião, e a religião, por sua vez, também se transforma em filosofia mística. Quando, então, certos filósofos se tornam cristãos, estão acostumados a utilizar uma filosofia que já era meio religiosa. A filosofia ensinada nessa época não tinha nada a ver com a filosofia empirista, nem com o positivismo lógico, nem com os naturalistas. Na época do Novo Testamento, a filosofia estava cheia de atitudes religiosas. É por isso que o cristianismo precisava tratar de filosofia, pois era uma religião rival. O nome dessa filosofia religiosa era neoplatonismo. Ideias platônicas, estóicas e aristotélicas uniam-se aí num sistema filosófico e religioso ao mesmo tempo. O neoplatonismo expressava as aspirações do mundo antigo por nova religião. Expressava também a dissolução de todas as religiões particulares e, ao mesmo tempo, o colapso da razão autônoma, impossibilitada de criar por si mesma novos conteúdos de vida. Portanto, esses filósofos tornaram-se místicos e, como tais, procuraram criar uma nova religião sob a proteção imperial de Juliano, o apóstata. E, assim, se opuseram ao cristianismo. Os grandes teólogos alexandrinos, Clemente e Orígenes, enfrentaram o desafio do neoplatonismo e utilizaram seus conceitos para expressar o cristianismo.<sup>136</sup>

Faz-se importante conhecer, em linhas gerais, as teses do neoplatonismo, porque se trata de um sistema que se colocou como adversário da doutrina cristã. Na seção intitulada: “*Quantas coisas se mencionam sobre Orígenes*” Eusébio de Cesareia relatou a utilidade de Orígenes justamente por saber conduzir-se enquanto cristão por meio do neoplatonismo<sup>137</sup>, bem como o incômodo que gerou naqueles que se opuseram à fé cristã, entre os tais – disse Eusébio – estava o

<sup>133</sup> ABBAGNANO, N, 2007. p. 711.

<sup>134</sup> ABBAGNANO, N, 2007. p. 711.

<sup>135</sup> ABBAGNANO, N, 2007. p. 711.

<sup>136</sup> TILLICH, P. História do pensamento cristão. São Paulo: Aste, 2000, p. 68.

<sup>137</sup> CESARÉIA, E, H.E. Livro VI, IXI, 1, p. 135.

próprio Porfírio – biógrafo de Plotino –, caluniador da Escritura.<sup>138</sup> Mas, devido à irrepreensibilidade dos apologistas do Oriente, o que conseguiram foi, na verdade, enaltecer a genialidade de Orígenes.

Não podendo de forma alguma levantar a menor acusação por conta de nossas doutrinas e à falta de razões, volta-se contra os próprios intérpretes para injuriá-los e caluniá-los, e mais especialmente a Orígenes.<sup>139</sup> [...] Outras testemunhas de seu êxito nestes estudos são, dentre os próprios gregos, aqueles filósofos que floresceram em seu tempo e em cujas obras encontramos mencionado este homem muitas vezes, umas porque lhe dedicaram suas próprias obras, e outras porque submetem-lhe o fruto de seus próprios trabalhos, como a um mestre, para que os julgasse.<sup>140</sup>

Noutro trecho, é possível constatar uma fala na íntegra de Porfírio, no terceiro livro que escreveu contra os cristãos, em defesa, óbvio, do paganismo. Sem dúvidas o depoimento ajuda-nos na busca por um traço biográfico de Orígenes servindo-nos ainda mais, porque nos vem de um incansável opositor ao cristianismo.

Mas este gênero de absurdo eles receberam daquele varão com quem eu também tratei sendo ainda muito jovem, que teve enorme reputação e que ainda a tem pelos escritos que deixou, de Orígenes, digo, cuja glória se espalhou amplamente entre os mestres daquelas doutrinas. Efetivamente, tendo sido ouvinte de Amônio, que em nosso tempo foi o que mais progrediu em filosofia, chegou a adquirir de seu mestre um grande aproveitamento para o domínio das ciências, mas no que tange à reta orientação da vida empreendeu um caminho contrário ao de Amônio. De fato, Amônio era cristão e seus pais o educaram nas doutrinas cristãs, mas quando entrou em contato com o pensar e a filosofia, imediatamente converteu-se a um gênero de vida conforme as leis. Orígenes, por outro lado, grego e educado nas doutrinas gregas, veio a dar na temeridade própria dos bárbaros. Entregando-se a ela corrompeu-se e corrompeu seu domínio das ciências. Quanto a sua vida, vivia como cristão e contra as leis. Quanto a suas opiniões sobre as coisas e sobre a divindade, pensava como grego e introduzia o grego nas fábulas estrangeiras. Porque ele vivia em trato contínuo com Platão e frequentava as obras de Numenio, de Cronio, de Apolofanes, de Longino, de Moderato, de Nicomaco e dos outros autores mais conspícuos dos pitagóricos. Também usava os livros do estóico Queremon e de Comuto. Por eles conheceu a interpretação alegórica dos mistérios dos gregos e a acomodou às Escrituras judias. Isto diz Porfírio no livro terceiro dos que escreveu *Contra os cristãos*.<sup>141</sup>

Parece mesmo providência divina ter alguém da grandeza de Orígenes treinado no segmento neoplatônico tão jovem, capaz de utilizar todos os axiomas em favor da religião cristã. Tillich, em acréscimo ao que diz Eusébio de Cesareia, mas alargando a contribuição de Orígenes para os primeiros séculos do cristianismo, os quais partiram de suas teologias, mesmo com o fim de criticá-las posteriormente, expôs assim:

<sup>138</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, IXI, 2, p. 135.

<sup>139</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, IXI, 1-2, p. 135.

<sup>140</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, IXI, 1, p. 135.

<sup>141</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, IXI, 5-9, p. 135.

O neoplatonismo é importante não só por causa de sua influência sobre o pensamento de Orígenes, responsável pelo primeiro sistema teológico, mas porque influenciou, por meio de Dionísio Areopagita, todas as formas de misticismo cristão e a maior parte das formas da teologia cristã clássica, especialmente a respeito das doutrinas de Deus, do mundo e da alma. Não se pode entender o desenvolvimento posterior da teologia cristã sem conhecer-se algo a respeito do neoplatonismo, a última grande tentativa do paganismo para se expressar em termos de teologia filosófica, significando ao mesmo tempo ciência e vida para a mentalidade antiga.<sup>142</sup>

Resta-nos concluir que Orígenes realmente despertou atenção de todos, de modo até que seus críticos o consideravam um homem duro de persuadir, pela elevada inteligência e formação filosófica no neoplatonismo. Contudo, Orígenes entendia que a filosofia era útil à fé cristã, não, porém, à salvação. Henri Crouzel menciona que Orígenes dizia que “nela [na filosofia] a falsidade está inextricavelmente misturada à verdade”.<sup>143</sup> Entretanto, concordou que a própria teologia cristã é um tipo de “filosofia divina”, que supera e substitui todas as demais correntes filosóficas, as quais podem sim ser usadas como servas na tarefa de levar às pessoas a um conhecimento verdadeiro de Deus e da salvação.

## 2.4.

### Hermenêutica origeniana

É consenso entre historiadores do cristianismo oriental que Orígenes é com todas as letras um teólogo bíblico. Grande parte de sua produção remete à exegese bíblica. Mesmo atuando em outros segmentos da teologia Orígenes nunca abriu mão da fazer teologia à luz da proeminência da Escritura, a qual considerava inspirada, dentre outros motivos, por tê-la permanecido depois de tantos ataques ao longo de sua formação. Orígenes disse: “apesar mesmo da morte de alguns, e a espoliação de outros, a palavra pôde, sem possuir grande quantidade de mestres, ser pregada em toda a terra, de tal modo que gregos e bárbaros, sábios e ignorantes, se uniram à religião anunciada por Jesus, não podemos duvidar de que esse fato está acima das forças do homem...”.<sup>144</sup>

Campanhausen, em resumo, expressa o sentimento de Orígenes quanto à Palavra de Deus nos seguintes termos:

<sup>142</sup> TILLICH, P, 2000, p. 68.

<sup>143</sup> OLSON, R, 2001, p. 107. *apud* Henri Crouzel, Origen, trad. A.S. Worrall, São Francisco, Harper e Row 1989, p. 14.

<sup>144</sup> ORÍGENES. Tratado sobre os Princípios, Livro IV, 1,2. E-book. São Paulo: Paulus, 2012. p. 166.

A Bíblia é o documento oficial por trás de todo o ensino e pesquisa de Orígenes: a fonte inesgotável de toda a metafísica e ética, todo o conhecimento teológico, filosófico e científico. Orígenes está convencido de que a Bíblia em sua forma atual, como o livro da Igreja, representa um maravilhoso e multifacetado conjunto que Deus criou por inspiração direta. Ele interpreta a inspiração da Bíblia não como ‘testemunho’, ou seja, o depósito da história sagrada ou a profissão de fé na função de seus autores humanos, mas na essência eterna da própria revelação divina, ‘um mar de mistérios’. As narrativas e palavras individuais são explicadas até o último detalhe e feitas para expressar novos e, às vezes, surpreendentes mistérios.<sup>145</sup>

Deve-se observar, ademais, que Orígenes considerava a Bíblia um livro velado de mistérios. Por isso, muitas vezes, se valeu de expressões tais como: “debaixo de um véu”; “mistérios inefáveis”; “mistérios ocultos”; “realidades místicas”; “sentido profundo”; “realidades inteligíveis”; “significados misteriosos”; “planos espirituais”; “economias místicas”; entre outros, para nomear o caráter inspirado do texto bíblico.<sup>146</sup> Orígenes parafraseou Paulo ao dizer: “o tesouro dos significados divinos está contido dentro do vaso frágil da letra vulgar”.<sup>147</sup> Somente uma vida de união com o Verbo ou com o Espírito Santo destrancaria seus grandes mistérios. Outra característica da hermenêutica de Orígenes era o cristocentrismo. Não só por ser o centro da fé cristã, mas também por fins apologéticos, ou seja, a hermenêutica origeniana serviu de resposta aos opositores, os quais questionavam se Jesus realmente estava subscrito nas linhas do cânon do AT.

A hermenêutica origeniana, por muitos criticada, nesse aspecto, era mais útil que os outros métodos de interpretação bíblica, principalmente o gramático-histórico. Sabe-se que a interpretação alegórica não começou com Orígenes. Justino já havia arriscado interpretar certos textos bíblicos resignificando-os à luz da fé pós-pascal. Já em Alexandria, no Egito, Clemente, igualmente fazia também.<sup>148</sup> Mas foi com Orígenes que a hermenêutica alegórica assumiu uma importância praticamente universal na história do cristianismo. Seu método acolheu terminologias da antropologia tricotômica encontradas no neoplatonismo – corpo, alma e espírito – e desenvolveu assim o tríplice sentido da Escritura.<sup>149</sup> Orígenes afirmou: “Assim como o homem é composto de corpo, alma

<sup>145</sup> CAMPENHAUSEN, H, 2005, p. 49.

<sup>146</sup> RIBEIRO, F. O tríplice sentido da Sagrada Escritura em Orígenes: proposta de um itinerário espiritual. *Encontros Teológicos | Florianópolis | V. 35 | N.2 | Maio-Ago. 2020*, p. 278.

<sup>147</sup> RIBEIRO, F, 2020, p. 278.

<sup>148</sup> CAMPENHAUSEN, H, 2005, p. 49.

<sup>149</sup> RIBEIRO, F, 2020, p. 282.

e espírito, assim é a Escritura que, na sua Providência, Deus deu para a salvação dos homens”.<sup>150</sup>

Assim como o ser humano é um corpo, o texto sagrado também é um corpo que pode ser apreciado, observado e tocado. O carácter histórico-literário da Escritura enquadra-se nessa perspectiva. O ser humano é, também, dotado de uma alma na qual reside uma parte que é capaz de deliberar entre o bem e o mal. A leitura e a meditação da Escritura desperta no leitor o desejo de conversão, por isso, ela possui um elemento de ordem moral ou tropológica. O ser humano também é espírito o que estabelece, segundo Orígenes, sua capacidade em participar da vida divina. O fim da Escritura é a contemplação de Deus e das coisas divinas. Ela é, portanto, dotada de um sentido espiritual ou místico.<sup>151</sup>

Orígenes compreendia que, em se tratando da Bíblia, é possível progredir através de camadas de significado até chegar a um misterioso clímax. Erlânio afirma que o primeiro pressuposto que Orígenes adotou para estabelecer o tríplice sentido da Escritura advém da própria Escritura, mais detidamente de um Provérbio que diz: “E tu, inscreve estas coisas três vezes na consciência e no conhecimento, para que possas responder com palavras verdadeiras às perguntas que te fizerem” (Pv 22,20-21).<sup>152</sup> Por isso, podemos afirmar que o núcleo central da imensa obra literária de Orígenes consiste na sua “tríplice leitura” da Bíblia.<sup>153</sup> O tríplice sentido de Orígenes desenvolveu-se como resposta a um tríplice desafio à igreja em Alexandria, reforçando mais uma vez a ideia de que a hermenêutica alegórica, na verdade, foi o empreendimento de Orígenes que protegeu a Escritura, nunca o oposto.<sup>154</sup>

Primeiramente, deve-se reconhecer que há inúmeras passagens bíblicas, as quais, se não fossem ressignificadas por meio da interpretação alegórica não fariam o menor sentido para o cristianismo, bem menos até à espiritualidade individual e Orígenes constatou isso, de tal modo que se expressou: “Quem é que, sendo sensato, é capaz de pensar que houve um primeiro, e um segundo e um terceiro dias, e uma manhã, quando ainda não havia nem sol, nem lua, nem estrelas?”.<sup>155</sup> Indagou seus ouvintes sobre como seria possível ler para os cristãos às prescrições de Levíticos, caso se dependa apenas do sentido literal?<sup>156</sup> Portanto, sem a alegoria seria impossível levar adiante o discurso de que o NT representava

<sup>150</sup> ORÍGENES. Tratado sobre os Princípios, Livro IV, 2,4, p. 172.

<sup>151</sup> RIBEIRO, F, 2020, p. 282.

<sup>152</sup> RIBEIRO, F, 2020, p. 281.

<sup>153</sup> BENTO XVI, Orígenes: a vida e a obra. Audiência Geral de 25 de abril de 2007 [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20070425.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070425.html). Acesso em 19/01/22:

<sup>154</sup> LITFIN, B, 2015, p. 144.

<sup>155</sup> ORÍGENES. Tratado sobre os Princípios, Livro IV, 1,17, p. 175.

<sup>156</sup> LITFIN, B, 2015, p. 148.



sim uma continuidade do AT, sendo possível encontrar o Verbo divino em toda a Escritura.

A segunda razão pela qual houve uma intensificação à abordagem alegórica deveu-se à presença de alegorias na própria Escritura. Quer dizer, a alegoria é um tema bíblico! E foi justamente por isso que chegou a afirmar que era o método de interpretação da própria Bíblia, bem porque Paulo tinha dito que uma referência do Antigo Testamento “podia ser interpretada alegoricamente” (Gl 4,24).<sup>157</sup> Acreditou Orígenes, segundo expôs Bryan Litfin, “que por meio de alegoria divina era possível fazer com que cada palavra de cada página da Escritura falasse com imensa riqueza sobre Jesus Cristo, a vida cristã e a esperança eterna do cristão”.<sup>158</sup>

Por fim, saltou a necessidade de se interpretar a Escritura, alegoricamente, porque os judeus contestavam o fato de que as profecias do AT cumpriram-se em Jesus. Dessa forma, Orígenes acreditava que “somente uma leitura das profecias do Antigo Testamento que discerne um sentido mais profundo na Palavra superaria eficazmente as objeções judaicas à interpretação cristã da Escritura”.<sup>159</sup> Os gnósticos, por sua vez, também atacaram a fé cristã sob o argumento de que Jesus e o Deus do AT não poderiam pertencer à mesma essência. Daí o intenso combate para excluir o AT do cristianismo, afinal, como poderia um cristão responder adequadamente à acusação gnóstica de que muitos textos do AT apresentavam um Deus vingativo e praticante mal? Dá-se aí a importância da hermenêutica origeniana.

#### **2.4.1.**

##### **Interpretação carnal**

O primeiro contato com texto bíblico é chamado de “aproximação carnal”. Chama-se também “sentido literal”, ou “sentido histórico”, pois se refere ao texto tal como está em estado acabado na Escritura. Indica a materialidade do texto e as informações que cercam a passagem bíblica.<sup>160</sup> Francisco Erlânio ressaltou que esse primeiro contato com a Escritura pode remontar à formação enciclopédica que o pai de Orígenes lhe deu. Ou seja, Orígenes sabia analisar um texto bíblico,

---

<sup>157</sup> LITFIN, B, 2015, p. 148.

<sup>158</sup> LITFIN, B, 2015, p. 148.

<sup>159</sup> HALL, C, 2000, p. 137.

<sup>160</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 24.

avaliando as questões históricas, geográficas e linguísticas com muita profundidade.<sup>161</sup> Orígenes, sem dúvidas, sabia fazer exegese circunscrita apenas às informações fornecidas pelo texto. Apoiado em Simonetti, Francisco Erlânio destaca ainda a qualificação de Orígenes na exegese antiga devido a sua habilidade na ciência filológica, sobretudo útil à tarefa da exegese bíblica.<sup>162</sup> Bento XVI, em acréscimo, pontua que a obra *Hexapla* de Orígenes serve como prova irrefutável que Orígenes investigou o ambiente histórico, social e literário da Bíblia.<sup>163</sup>

Portanto, a interpretação gramático-histórica da Bíblia tinha seu lugar na exegese alexandrina, aliás, como também a interpretação alegórica, de igual modo, tinha seu espaço fora de Alexandria, pois se sabe que Justino, em alguns, casos apoiou-se na interpretação alegórica.<sup>164</sup> Olson observa que Orígenes não alegorizava todos os textos bíblicos, antes, de modo específico, lia literalmente os Dez Mandamentos, por exemplo, e os Profetas.<sup>165</sup>

Ainda que Orígenes estivesse muito longe de ser literalista em sua interpretação do texto sagrado, ele acreditava firmemente na inspiração literal de cada palavra da Escritura. Não há nelas uma única palavra, ou mesmo uma letra, que não contenha um mistério. Essa é a razão que levou Orígenes a considerar tão importante a tarefa de restaurar o texto bíblico original.<sup>166</sup>

Vê-se, então, que Orígenes reconhecia o valor da interpretação literalista da Bíblia, só que Orígenes tratou asceticamente da letra. Quer dizer, da mesma forma que um asceta sacrifica seu corpo para encontrar-se “no espírito” assim Orígenes fez com as letras físicas.

#### **2.4.2.**

#### **Interpretação psíquica**

Chamada também de interpretação “moral” ou “tropológica”, Orígenes acreditava e ensinava uma via de captação ético-moral, advinda da leitura da Bíblia. Cada texto bíblico guarnecia de uma lição moral que deveria tocar imediatamente a vida prática de um cristão indistintamente da sua posição

<sup>161</sup> RIBEIRO, F, 2020, p. 282.

<sup>162</sup> RIBEIRO, F, 2020, p. 282.

<sup>163</sup> BENTO XVI, Orígenes: a vida e a obra. Audiência Geral de 25 de abril de 2007. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20070425.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070425.html). Acesso em 19/01/22:

<sup>164</sup> OLSON, R, 2001, p. 106.

<sup>165</sup> OLSON, R, 2001, p. 110.

<sup>166</sup> GONZÁLEZ, J, 2004, p. 206.

eclesiástica.<sup>167</sup>As narrativas, em geral, ofereciam princípios morais e éticos subjacentes ao texto.<sup>168</sup>Orígenes parece ter tomado de Fílon a ideia de uma exegese moral. Justo González observa que a interpretação psíquica: “não alcança grandes altitudes especulativas, o propósito é o de conduzir o fiel em sua vida moral e devocional”<sup>169</sup>, mas, em alguns casos, até mesmo Orígenes parece misturar as duas camadas de acesso aos segredos da Escritura, a saber, o psíquico e espiritual, como se vê nesse trecho da obra *Tratado sobre os Princípios*:

Mas como algumas Escrituras não têm nenhum tipo de sentido corporal, como a seguir vamos demonstrar, há casos em que só se pode procurar a alma e – por assim dizer – o espírito da Escritura. É talvez por isso que as ânforas de água que se diz servirem à purificação dos judeus, como se lê no Evangelho segundo João, contêm dois ou três alqueires: a Palavra insinua, desse modo, a propósito daqueles que o Apóstolo chama os judeus secretos, que estes são purificados pela palavra das Escrituras, contendo umas vezes dois alqueires, isto é, o sentido psíquico e o espiritual, outras vezes, três, porque alguns possuem, além desses que indicamos, o sentido corporal que pode edificar. As seis ânforas aplicam-se justamente àqueles que são purificados estando neste mundo, porque o mundo foi feito em seis dias, número perfeito.<sup>170</sup>

Isto assim, Orígenes entendia que o significado literal é quase sempre lugar-comum e de fácil captação, um significado que apenas os símplices entre os leitores enxergam no texto.<sup>171</sup>Ele compara a leitura literal do texto a comer o cordeiro pascal cru.<sup>172</sup>Este, porém, é acessível aos “sábios”; pessoas de “conhecimento dotado pelo Espírito” (1Co 12,8).<sup>173</sup>Só assim se consegue avançar na descoberta do Cristo implícito nas passagens complexas das Escrituras. A fim de se fazer melhor entendido, Orígenes utilizou-se do termo “*asômaton*”, o qual retirou do livro apócrifo chamado “*A Sabedoria de Pedro*”, dando outro significado para o termo no uso da sua hermenêutica. Orígenes utiliza essa palavra com intuito de dizer que assim como o ar – que existe, mas não tem corpo – assim também é a experiência com o Cristo “incorporal”, com o qual, somente a interpretação psíquica permitir acessar.<sup>174</sup>

Francisco Erlânio destaca que na interpretação psíquica da Escritura conhecer-se a si é de importância fundamental, pois é isto que veicula o itinerário

<sup>167</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 24.

<sup>168</sup> OLSON, R, 2001, p. 110.

<sup>169</sup> GONZÁLEZ, J, 2004, p. 208.

<sup>170</sup> ORÍGENES. *Tratado sobre os Princípios*, Livro IV, 5,12, p. 172.

<sup>171</sup> VANHOOZER, K. Há um significado neste texto? *Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*: São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 137.

<sup>172</sup> VANHOOZER, K, 2005, p. 137.

<sup>173</sup> VANHOOZER, K, 2005, p. 137.

<sup>174</sup> ORÍGENES. *Tratado sobre os Princípios*, Prefácio, 8-9, p. 36-37.

espiritual, visto que “o leitor coloca suas afecções e desejos em confronto com a Palavra de Deus”.<sup>175</sup> E conclui dizendo que esse tema é tratado com profundidade na sua obra *Cântico dos Cânticos*.<sup>176</sup>

#### 2.4.2.

#### Interpretação espiritual

A última camada é a chamada “*anagógica*”, termo grego que significa “aquilo que conduz”.<sup>177</sup> Este é o sentido mais profundo da Bíblia, afirmou Orígenes: “escapa à atenção de muitos”.<sup>178</sup> Apenas os “maduros”; “perfeitos”; “adultos” (Hb 5,12) atingem esse nível de mensagem.<sup>179</sup> Para Bryan Litfin, o sentido espiritual das Escrituras podia desemborcar em diversos aspectos da teologia cristã, contudo, ele fornecia uma interpretação cristocêntrica como prioridade “mesmo em textos obscuros que obviamente não pareciam falar de Cristo literalmente”.<sup>180</sup>

E ainda, somente a interpretação espiritual permitiria a alma do leitor encontrar-se ou unir-se ao Verbo Divino.<sup>181</sup> Por isso, Orígenes ensinava o quanto era preciso despojar-se de um contato apenas literal.

Enquanto não nos convertemos à compreensão espiritual, “um véu repousa sobre o nosso coração”; e esse véu, quer dizer, uma compreensão grosseira, esconde a Escritura, como nós o dizemos e opinamos; é o véu que devia estar sobre o rosto de Moisés quando ele falava ao povo, quer dizer, quando a lei era lida em público (Êx 34,35). Mas, “se nós nos voltamos para o Senhor”, lá onde está também o Verbo de Deus, e onde o Espírito Santo revela o conhecimento espiritual, então “o véu será retirado” e contemplaremos com o rosto descoberto “a glória do Senhor” (2Co 3,18), nas Santas Escrituras.<sup>182</sup>

Apropriando-se da tricotomia neoplatônica e paulina (1Ts 5,23), Orígenes utilizou a terminologia dessa antropologia (corpo, alma e espírito) e aplicou aos sentidos da Escritura sagrada, assim como os seres humanos são divididos em corpo, alma e espírito, a Bíblia, de igual, oferece uma tríplice compreensão. Um cristão mais simples discernirá o corpo físico da Escritura – seu sentido literal, gramatical e histórico. Os mais evoluídos espiritualmente seriam capazes de ver a alma da Escritura – o sentido moral. E por fim, os mais “maduros” os “perfeitos”

<sup>175</sup> RIBEIRO, F, 2020, p. 284.

<sup>176</sup> RIBEIRO, F, 2020, p. 284.

<sup>177</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 24.

<sup>178</sup> HALL, C, 2000, p. 136.

<sup>179</sup> HALL, C, 2000, p. 136.

<sup>180</sup> LITFIN, B, 2015, p. 147-148.

<sup>181</sup> LITFIN, B, 2015, p. 147-148.

<sup>182</sup> ORÍGENES. Tratado sobre os Princípios, Livro 1, 2, p. 41.

que são os que conseguem unir-se, misticamente, à sabedoria oculta de Deus na Escritura, tal como Paulo disse para os coríntios: “É realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos [...]. Ensinamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta” (1Co 2,6,7).<sup>183</sup>

## 2.5.

### A “ascensão” ao Cântico dos Cânticos

Como teólogo bíblico, Orígenes enfrentou o livro sapiencial Cântico dos Cânticos. É verdade que o livro já despertava atenção dos teólogos judeus que viam nele uma relação esponsal entre YHWH e Israel. Provavelmente, o livro bíblico, com o passar do tempo veio a assumir esse modo de leitura, indo além da intenção do autor na composição dos poemas. Sabe-se que a igreja, à semelhança da leitura judaica do Cântico dos Cânticos, inspirou-se em constituir ali uma relação esponsal entre Cristo e a Igreja e, mais uma vez, Orígenes irá se destacar como um dos maiores comentadores.<sup>184</sup>

Seguindo suas premissas interpretativas, Orígenes expôs certo “mistério oculto” no Cântico dos Cânticos, destrancável, entretanto, se houver por parte do leitor o que Orígenes chamou de “ascensão<sup>185</sup>”, afirmando que é preciso haver naquele que se aproximar do livro elevada espiritualidade, só assim lhe será permitido penetrar na camada espiritual, ou no sentido encoberto do texto. Orígenes buscou correspondência fazendo uma analogia com o tabernáculo de Moisés, expressando-se assim:

Como aprendemos por Moisés que há não só certos lugares santos, mas também um “Santo dos santos” – e igualmente não só os sábados, mas também um “Sábado dos sábados” –, assim agora também somos ensinados, como escreve Salomão, que há não só certos cânticos, mas também um “Cântico dos Cânticos”. Bem-aventurado, certamente, é aquele que entra em lugares santos, mas muito mais bem-aventurado aquele que entra no Santo dos santos. Bem-aventurado aquele que observa o sábado, mas muito mais bem-aventurado aquele que observa o Sábado dos sábados. Bem-aventurado, igualmente, é aquele que compreende os cânticos e os canta – pois ninguém os canta senão em solenidades –, mas muito mais bem-aventurado aquele que canta o Cântico dos Cânticos.<sup>186</sup>

Viu-se acima que sobre o Cântico dos Cânticos Orígenes salientou o nível espiritual da pessoa como condição fundamental para obter êxito na interpretação dos poemas. Dessa vez Orígenes propõe um itinerário com base na trajetória do

<sup>183</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 24.

<sup>184</sup> MCDERMOTT, G, 2013, p. 22.

<sup>185</sup> ORÍGENES, Homilia I, 1, p. 23-24.

<sup>186</sup> ORÍGENES. Homilia I, 1. p. 23-24.

povo hebreu, desde a saída do Egito, ou seja, começando pelo livro do Êxodo, até chegar às linhas iniciais do Cântico dos Cânticos.<sup>187</sup> Isto assim, o leitor vai “ascendendo” de nível espiritual, penetrando no mistério subscrito no livro atribuído a Salomão.

A primeira ação que o pretense leitor do Cântico dos Cânticos precisa tomar é “sair do Egito” e atravessar o mar vermelho, do mesmo modo como saiu o povo de Israel.<sup>188</sup> Só assim o leitor ascende ao primeiro cântico (Êx 15,1), contudo, ainda está longe do “Cântico dos Cânticos”.<sup>189</sup> Após isso, o leitor ainda precisará atravessar o deserto em direção ao poço que os reis cavaram (Nm 21,17-18); dessa forma ascende ao segundo cântico.<sup>190</sup> Seguindo o itinerário, agora se deve ir às margens do Jordão, cantando o cântico de Moisés (Dt 32,1). Porém, faz-se necessário lutar bravamente como Josué lutou pela Terra Santa, até ouvir as profecias de uma abelha – Débora – e assim proclamar o cântico dos juízes.<sup>191</sup> E assim vai ascendendo, subindo de fases, o leitor vai agora caminhando pelo livro dos reis, acessando ao cântico de Davi, em seguida, passando por Isaías, para que possa, finalmente, alcançar o Cântico dos Cânticos, o que Orígenes chama de “realidades mais altas”.<sup>192</sup>

Orígenes começa explicando que o Cântico dos Cânticos é o ponto alto de um itinerário espiritual com diversas etapas e que o referido texto sacro, portanto, não deve ser lido carnalmente, isto é literalmente. É improvável, como se poderia argumentar, que se trata de desconsiderar o elemento erótico do texto. É muito mais lógico considerar Orígenes em sintonia com a escola exegética alexandrina, para a qual o significado da Escritura não se mostra em sua letra, isto é, no significado imediato do texto; só o perseverante, pio e preparado pode chegar a seu significado verdadeiro, profundo, oculto sob a letra do texto, passando do fenomênico à realidade espiritual. Sob tal prisma, o amor divino torna-se meta atingível mediante um modo específico de vida. Assim, não surpreende que Orígenes exorte insistentemente quanto à necessidade de se progredir no referido itinerário.<sup>193</sup>

Ao ascender ao Cântico dos Cânticos, o padre alexandrino convida-nos a ressoar a voz da esposa, é claro, no entanto, caso não se consiga, deve-se começar pelos dois grupos, os quais, segundo Orígenes, ocupam a zona inferior de relacionamento com o esposo.<sup>194</sup> Sejam as jovens que fazem coro após as declarações da esposa ou os companheiros que ouvem ao lado do esposo as falas candentes de amor. É possível entender até mesmo uma hierarquia, tal como se

<sup>187</sup> ORÍGENES. Homilia I, 1. p. 23-24.

<sup>188</sup> ORÍGENES. Homilia I, 1. p. 24.

<sup>189</sup> ORÍGENES. Homilia I, 1. p. 24.

<sup>190</sup> ORÍGENES. Homilia I, 1. p. 24.

<sup>191</sup> ORÍGENES. Homilia I, 1. p. 24-25.

<sup>192</sup> ORÍGENES. Homilia I, 1. p. 25.

<sup>193</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 15.

<sup>194</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 15-16.

infeere a partir da expressão “graus”<sup>195</sup> que, ao que tudo indica, pode significar a elevação espiritual, franqueando o leitor a ajustar-se às falas dos personagens, de acordo, é claro, com o nível espiritual a que se encontra.<sup>196</sup>

Quando tiveres entendido isso, ouve o Cântico dos Cânticos e apressa-te em entender e em dizer com a esposa aquilo que a esposa diz, para que também ouças o que a esposa ouviu. Se, porém, não puderes dizer com a esposa o que a esposa disse, de modo que ouças aquilo que foi dito à esposa, apressa-te pelo menos em estar entre os companheiros do esposo. Porém, se estás aquém também desses, põe-te com as jovens que permanecem nas graças da esposa.<sup>197</sup>

Entende-se, portanto, que, para Orígenes, o Cântico dos Cânticos é o ponto alto de um itinerário espiritual fásico, restrito às pessoas que superaram a leitura carnal. Deve-se percorrer o caminho gradualmente, e sua meta final é a união mística com Cristo, o Esposo da Igreja e da alma.<sup>198</sup> Todavia, não se progride até a união mística com o Esposo sem antes limpar-se das impurezas. Antes do encontro a esposa ora, sofre pela salvação, aguardando a chegada do Esposo que não a garante união afetiva fora dessas condições, porque como disse Heres Drian de O. Freitas: “A ascensão, o progresso espiritual, cujo fim é a união com o Verbo, exige a constante geração do Cristo no interior do fiel”.<sup>199</sup>

---

<sup>195</sup> Orígenes identificou o esposo como sendo Cristo; a esposa com a Igreja; as moças como sendo as almas dos fiéis (em grau de perfeição menor que a esposa) e, por fim, o grupo de companheiros do esposo como sendo, portanto, os anjos. Então, Orígenes define dizendo: “Algumas coisas são ditas pela esposa, outras pelo esposo; algumas pelas jovens, algumas pelos companheiros do esposo. É certamente conveniente que nas núpcias o grupo das jovens esteja com a esposa, e o grupo dos jovens com o esposo”. ORÍGENES, Homilia I, 1, p. 25-26.

<sup>196</sup> ORÍGENES, Homilia I, 1, p. 26.

<sup>197</sup> ORÍGENES, Homilia I, 1, p. 26.

<sup>198</sup> MONDONI, D, 2014, p. 36.

<sup>199</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 17.

### 3.

#### **Esponsalidade: elevada metáfora de expressão do amor**

Este capítulo deu ênfase à relação esponsal na Escritura. Primeiramente, ao povo de Israel YHWH é apresentado como Esposo, e sabe-se que essa metáfora atravessa o AT, até cruzar as linhas do NT, desta vez, na figura de Cristo com sua Igreja. Aqui, foi dado ênfase em textos seletos cuja finalidade última é reafirmar que o tema da esponsalidade é, antes de qualquer mais, bíblico, pois em se tratando do comentário de Orígenes ao livro Cântico dos Cânticos, sabe-se que seu ambiente social trata de poemas sobre a relação de amor entre homem e mulher, nada mais que isso. O que não quer dizer que o tema da esponsalidade de Cristo seja configurado somente a partir da interpretação alegórica. Ver-se-á, em seguida, uma razoável introdução ao livro bíblico atribuído a Salomão e, adiante, a recepção dele na tradição pós-bíblica, judaica e cristã, no entanto, detemo-nos em Orígenes de Alexandria: o principal comentador do Cântico dos Cânticos, constatando nuances peculiares, que tornam o Cântico dos Cânticos ainda hoje a melhor fonte de extração de uma teologia nupcial, bem como também o estado do material origeniano à disposição, sua recomposição e estrutura.

#### 3.1.

##### **Raízes bíblicas da esponsalidade de Deus com seu povo**

Faz-se necessário, para começar, entender que, sendo a Bíblia a pensamento escrito de Deus, deve-se compreender que a metáfora esponsal vem dele, grosso modo. Assim, o conceito do Deus-Esposo é algo que vem do próprio Deus aos autores inspirados. Podemos por isso aplicar o itinerário que Orígenes utilizou no Cântico dos Cânticos a toda Escritura. É possível ver Deus, no primeiro momento, conquistando sua noiva Israel; insistindo para manter-se casado com uma mulher que o trai várias vezes e, ele, incontinente de amor, torna a buscá-la, prometendo um coração novo. Deus tem “ciúmes” de sua noiva. O casamento se aproxima, embora os convidados demostrem-se desinteressados, há testemunhas, como é o caso de João Batista. Enfim, realizam-se as bodas e, por isso, o Reino de Deus é como uma festa de casamento.<sup>200</sup>Esse enredo certamente

---

<sup>200</sup> SANTOS, M.A; PEREIRA, E. A esponsalidade de Cristo com a igreja, 1ª parte: o Antigo Testamento. Teocomunicação, Porto Alegre (RS), v. 37, n. 158, dez. 2007, p. 450.



idealiza o tipo de relacionamento entre Deus e sua Igreja. Orígenes, no entanto, vai além da compreensão eclesiológica mostrando como o matrimônio se dá perfeitamente entre Cristo e a alma individual.

### 3.1.1.

#### Deus-Esposo no Antigo Testamento

Falar de Deus como “esposo” talvez não seja a metáfora mais recorrente em toda a Escritura, mas, certamente, é uma das mais belas e tocantes formas de expressar Deus e seu amor, e o Antigo Testamento serve-nos de fonte primordial, por tratar-se da Revelação de Deus à humanidade. Tem-se o começo a partir do termo “*Aliança*”, termo que em hebraico pronuncia-se *berît*. Sabe-se que o termo *berît* <sup>201</sup> expressa à história da salvação. Quer dizer, Deus manifestou sua graça trazendo salvação a todos os homens, fazendo-nos uma aliança.

Manoel Augusto Santos, além disso, sugere que o termo *berît* também pode estar relacionado a uma característica marital de Deus<sup>202</sup>, e diz que “na compreensão do Antigo Testamento, pouco a pouco, são feitas considerações da aliança entre YHWH e Israel com características nupciais” <sup>203</sup>, a começar pela aliança que Deus fez com o patriarca Abraão (Gn 17,1-14). Manoel e Edson observam que o pacto de Deus com Abraão tem conotações nupciais em termos de construção do episódio, pois assemelhasse à forma como os profetas despertavam o povo de Israel acerca da quebra de aliança. A narrativa carrega elementos como o “pacto perpétuo” (Gn 17,7), e o culto aos ídolos, e em caso de desvio, de traição.<sup>204</sup> A aliança de Deus com Abraão exige, ademais, “fidelidade” e “confiança”.

Manoel e Edson continuam ressaltando aspectos, agora, na tradição do Êxodo, que preconizam um cuidado marital de Deus durante a jornada do povo de Israel em direção à Canaã. Entendem que algumas atitudes de Deus como “morar com eles [com o povo]” bem como também “caminhar com eles” aludem ao amor sponsal de Deus, remetendo aos dias do seu pacto com Abraão – já mencionado acima. Expressaram-se então da seguinte forma:

<sup>201</sup> Na Teologia Bíblica, Walther Eichrodt discorre com exaustão acerca do significado e história do conceito do termo “*berît*” na história da salvação. Eichrodt, W. Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 23-53.

<sup>202</sup> SANTOS, M.A; PEREIRA, E, 2007, p. 450.

<sup>203</sup> SANTOS, M.A; PEREIRA, E, 2007, p. 450.

<sup>204</sup> SANTOS, M.A; PEREIRA, E, 2007, p. 451.

Israel experimenta um Deus próximo de si. Um Deus que o escolheu e se revelou, prometendo a sua presença operante em meio aos israelitas. Pode-se perceber isso, tanto no tempo dos patriarcas, como na aliança do Sinai. “Deus promete estabelecer a sua morada entre os israelitas, caminhar com eles e ser o seu Deus”. Deus demonstra todo o seu amor, e o povo eleito apoia a sua relação com Deus nesse conhecimento.<sup>205</sup>

Na seção sapiencial do AT, a imagem de Deus como esposo vai ficando mais clara. Tem-se, por exemplo, o Salmo 45 (44), intitulado *Epitalâmio real*. Trata-se de uma canção real de casamento, provavelmente profana, que ganhou uma versão judaica. A sua estrutura divide-se da seguinte maneira: v. 2 (introdução do salmista); vv. 3-9 (louvor do noivo); vv. 10-16 (louvor da noiva); vv. 17-18 (palavras conclusivas ao rei).<sup>206</sup> O teor do Salmo aponta para alguém com características supra-humanas, visto à descrição de um rei com atributos divinos (com esplendor e majestade, v. 4). Isso pode ter conduzido o compositor inspirado a considerar tal rei como alguém superior a Salomão, filho de Davi, portanto, o seu conteúdo possui forte pressuposição messiânica.<sup>207</sup>

Aliás, isto parece ficar bastante claro lá dentro no NT, visto que o autor da homilia aos Hebreus interpretou messianicamente, ao menos os versículos 8-9 do Salmo 45. Assim discorre Wiersbe:

O sobrescrito “Cântico de Amor” identifica este salmo como um cântico matrimonial, e o termo *Shoshannim* (lírios), que aparece no original, identifica a melodia com a qual deveria ser entoado (ver 60, 69, 80). É evidente que se trata do casamento de um rei (vv. 1, 11, 14; observar ainda a menção a trono, cetro e majestade); alguns estudiosos o identificam com Salomão, que se casou com uma princesa egípcia (1Rs 3,1; 9.24). Dentre todos os filhos de Davi, somente Salomão foi ungido rei (v. 7). Ficou conhecido por sua riqueza em ouro (vv. 9, 13; 1Rs 9,28) e teve uma relação muito próxima com a cidade poderosa de Tiro (v. 12; 1Rs 9,10-14). Porém, fica claro que alguém “maior do que Salomão” (Mt 12:42) está presente neste belo salmo e que esse alguém é Jesus Cristo, o Rei dos reis. Se esse fosse apenas um cântico secular de amor, por que teria sido entregue ao mestre de canto para ser usado no culto ao Senhor em seu santuário? Um gesto desses teria sido blasfemo. Salomão não era um guerreiro (vv. 3-5) e, sem dúvida, o escritor inspirado não faria referência a ele como “Deus” (v. 6). Hebreus 1,8-9 indica que se trata de um salmo messiânico, de modo que, independentemente de seu uso histórico, em última análise, fala de Jesus Cristo e de sua noiva, a Igreja (Ef 5,23; Ap 19, 6-21; 22,17).<sup>208</sup>

Em acréscimo, a Bíblia de Jerusalém, em uma de suas notas de rodapé assim relata:

Conforme alguns, este Sl poderia ter sido um canto profano para as núpcias de um rei israelita, Salomão, Jeroboão II ou Acab (que desposou uma princesa de Tiro, 1Rs 16, 31). Mas a tradição judaica e a cristã o interpretam com referência às núpcias do Rei-Messias com Israel (figura da Igreja; cf. Ct 3, 11; Is 62, 5; Ez 16, 8-13, etc.). O poeta dirige-se

<sup>205</sup> SANTOS, M.A; PEREIRA, E, 2007, p. 452.

<sup>206</sup> JOHN S. KSELMAN; MICHAEL L. BARRÉ In: BROWN, R (Orgs.). Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento: São Paulo: Paulus, 2007. p. 1048.

<sup>207</sup> JOHN S. KSELMAN; MICHAEL L. BARRÉ In: BROWN, R (Orgs.), 2007. p. 1048.

<sup>208</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo Antigo Testamento, vol. III – Poéticos: Santo André (SP) Geográfica, 2010, p. 173-174.

primeiramente ao Rei-Messias (vv. 3-10), aplicando-lhe os atributos de Iahweh (Sl 145, 4-7.12-13, etc.) e do Emanuel (Is 9, 5-6), depois à rainha (vv. 11-17).<sup>209</sup>

Portanto, parece ter ficado nítido que o Salmo citado traz elementos contundentes, através dos quais se constata a presença da metáfora esponsal na seção poética do AT, com exceção, é claro, do Cântico dos Cânticos. Alonso Schökel avalia inclusive semelhanças na colocação de alguns verbos tanto do Salmo 45/44 como em textos do Cântico dos Cânticos (Ct 3,6-11), entretanto, descartou a ideia da historicidade e autoria salomônica de ambos os textos.<sup>210</sup>

É na literatura profética que a metáfora esponsal entre YHWH e Israel atinge maior presença, a começar por Oséias, que é o profeta mais recorrido quando o assunto é teologia esponsal no AT. Suas profecias guarnecem de enigma quando se observa o relacionamento do profeta com uma mulher prostituta chamada Gomer (Os 1,3) com a qual tem três filhos. Mais importante para este trabalho, por ora, é o que esse enredo significa. O povo de Israel prostituiu-se com ídolos e YHWH, um tipo de esposo traído, manifesta palavras de juízo à Israel. Tomando apenas um exemplo lê-se assim num trecho do seu livro: “Processai vossa mãe, processai. Porque ela não é minha esposa, e eu não sou seu esposo” (Os 2,4).

Alonso Schökel lança luz no pano de fundo desta sentença. Tem-se, nesse contexto, o profeta Oséias vivendo a dor da traição, tentando livrar-se de sua mulher, mas cômico de que há amor por ela.<sup>211</sup> Oséias, na condição de marido traído, profere a fórmula do divórcio, do repúdio, pois tudo está acabado, acontece que o marido não consegue olhar para o amor da sua vida e vê-la partir e, por isso, encarrega os filhos a que falem à mãe.<sup>212</sup> Por tipologia, Schökel então diz: “Também Deus amou como marido apaixonado, também a sua esposa o traiu, e não obstante continua amando. Ele não pode deixar de amar; inclusive as medidas que toma são ditadas por um amor invencível”, e cita para concluir Ct 8,6.<sup>213</sup> Portanto, Schökel e Sicre Diaz, acerca da influência do livro de Oséias, no tocante ao tema da esponsalidade, no restante do AT, afirmam:

Em Oséias tem-se a imagem do matrimônio, aplicada às relações entre Deus e seu povo. De Oséias passará este tema para Jeremias, Ezequiel, Dêutero-Isaías, até se transformar em algo típico da teologia bíblica, presente também no Novo Testamento e na espiritualidade

<sup>209</sup> BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém, 2002, p, 909.

<sup>210</sup> SCHÖKEL, A; DIAZ, S. Salmos I: Salmos 1-72. São Paulo: Paulus, 1996, p. 622.

<sup>211</sup> SCHÖKEL, A; DIAZ, S. Profetas II. São Paulo: Paulus, 1988, p. 902.

<sup>212</sup> SCHÖKEL, A; DIAZ, S, 1988, p. 902.

<sup>213</sup> SCHÖKEL, A; DIAZ, S, 1988, p. 902.

cristã. É verdade que o tema adquirirá diferentes matizes em cada autor, a intuição básica, porém é oriunda de Oséias.<sup>214</sup>

Percorrendo o livro de Jeremias, ouve-se o profeta anunciar, por YHWH, nos dias da apostasia de Judá, as seguintes palavras: “Eu me lembro, em teu favor, do amor, de tua juventude, do carinho do teu tempo de noivado” (Jr 2,2). A Bíblia de Jerusalém em uma de suas notas de rodapé referente a este versículo deu ênfase ao termo hebraico *hesed*, o qual designa, comumente, um amor afetivo, ou à lealdade nas relações amorosas e, finalmente, pontua que o termo expressa a Aliança entre YHWH e sua esposa Israel tal como expressa-se no livro de Oséias. Schökel, mais uma vez, comenta esse texto valendo-se, novamente, da metáfora nupcial.

Desde o início o pleito coloca-se no terreno mais íntimo e pessoal, na imagem do primeiro amor juvenil, amor esse que é lembrado com nostalgia: “bendita seja a tua fonte, goza com a esposa da tua juventude”, diz Pv 5,18; para não citar o Cântico dos Cânticos. Jeremias retoma de Oséias a visão idealizada do deserto, como noivado cheio de ilusão e de dedicação: ela arrostava as fadigas para seguir ao seu amado (pode comparar-se com Ct 2,7; 3,2; 5,6). Seguir, pode ser expressão comum de fidelidade religiosa.<sup>215</sup>

Ezequiel é mais um profeta que utiliza a imagem esponsal para expressar o nível de amor e relacionamento entre YHWH e Israel. O cap. 16 serve-nos de fonte e assentamento firme sobre o que, por ora, se pretende aqui. Do mesmo modo que em Oséias e Jeremias, a esposa de Deus, Israel, voltou-se aos ídolos provocando sua tristeza. O profeta Ezequiel, na sua vez, narra a trajetória de Israel desde quando a nação nasceu, por assim dizer, passando pelas fases da juventude, noivado, casamento, até a traição de Israel. No entanto, Ezequiel, como ponderou Schökel, parece ter sido mais abrangente, pois faz uma síntese histórica da nação de Israel na metáfora esponsal, em tom bastante agressivo.

Ezequiel apresenta amplo quadro histórico de Jerusalém em imagem matrimonial. Seus predecessores foram Oséias e Jeremias. Aquilo que em Oséias é símbolo e poesia elevadíssimos, em Ezequiel passa ser alegoria avivada por uma paixão violenta. Para Oséias, a mulher era Israel, para Ezequiel ela é Jerusalém, que sintetiza e representa o povo. Oséias começa com uma situação conjugal; Jeremias remonta ao tempo do noivado, com tom melancólico; remonta Ezequiel ao começo, ao nascimento, ligando a imagem ao motivo popular da criança enjeitada. Se Jeremias vai entretecendo uma série de imagens originais e expressivas, Ezequiel demora-se em pormenores realistas, brutais até.<sup>216</sup>

Encerramos as buscas panorâmicas da figura de Deus como esposo no AT com dois textos, um do Dêutero-Isaías: Is 49,18; e o segundo do Trito-Isaías: Is

<sup>214</sup> SCHÖKEL, A; DIAZ, S, 1988, p. 894.

<sup>215</sup> SCHÖKEL, A; DIAZ, S. Profetas I. São Paulo: Paulus, 1988, p. 443-444.

<sup>216</sup> SCHÖKEL, A; DIAZ, S, 1988, p. 750.

62,5. No primeiro, o contexto gira em torno da reconstrução de Sião, devastada no período de invasões inimigas que culminou no desterro. Deus chama os sobreviventes de “reedificadores” (Is 49,17) de Sião, é quando então diz que “os cobrirá com adorno de noiva”. O texto seguinte, de igual modo, segue a linguagem sponsal, mais explícita até. O contexto permanece o mesmo, a reconstrução de Sião, porém em um estado mais avançado. Ao falar da glória da nova Sião, Deus expressa seu sentimento ao povo numa alegria tão grande, como ocorria entre recém-casados<sup>217</sup>

É o amanhecer do dia de núpcias. O rei partiu a defender os direitos ou a justiça da cidade, e volta vitorioso e salvador. Ele toma a cidade-noiva como coroa: “a mulher é a coroa do marido” (Pv 12.4), como o seu diadema real. Dá nome novo à esposa, pelo qual todos a conhecerão: “A minha favorita”. Terminadas as festas das núpcias, começa a alegria nova do marido com a sua esposa [...]. Apresenta-se o tema dos presentes que o marido oferece a esposa em troca da alegria que ele encontra nela.<sup>218</sup>

Vê-se, portanto, que, em paralelo ao livro do Cântico dos Cânticos que representa o principal material bíblico veterotestamentário que expressa, ainda que por alegoria, a união em termos esponsais entre Deus e seu povo, outros autores inspirados fizeram o mesmo, só que os amantes – como verificado nos textos seletos – eram realmente Deus e Israel.

### 3.1.2.

#### Deus-Esposo no Novo Testamento

A metáfora sponsal entre Deus e Israel no Antigo Testamento chega às páginas do Novo Testamento com Cristo e a Igreja. A construção dessa relação também se assemelha à forma como acima se viu, porém, no Novo testamento há um “final feliz”, ou seja, não há uma descrição da esposa que frequentemente trai o seu amado, com exceção talvez à forma como Cristo exortou à Igreja em Tiatira (Ap 2,21-22), mas sim dela esposando-se com seu amado definitivamente.

Faz-se importante começar essa verificação nos instantes finais de Cristo, no monte Calvário, suspenso na cruz, segundo relata o Evangelho de João (Jo 19,34). Pode-se dizer, de acordo com Santo Agostinho, que o nascimento da esposa no NT dá-se justamente aí. E mais, Agostinho viu esse nascimento à semelhança de Eva, esposa de Adão, e assim elevou a compreensão do

<sup>217</sup> SCHÖKEL, A; DIAZ, S, 1988, p. 386.

<sup>218</sup> SCHÖKEL, A; DIAZ, S, 1988, p. 386.

nascimento da Igreja, esposa do Segundo Adão, Cristo. Santo Agostinho assim se expressou:

A primeira mulher foi formada pela costela do homem que dormia (Gn 2,22), e foi chamada vida e mãe dos viventes (Gn 3,20). Sem dúvida, nesse texto era anunciado um grande bem, antes do mal da prevaricação. No evangelho, o segundo Adão, inclinando a cabeça, adormeceu na cruz, a fim de que com o sangue e a água que brotaram do seu lado, fosse formada a sua esposa. Ó morte pela qual os mortos voltam a viver! Que há de mais puro do que esse sangue? Que há de mais saudável do que essa ferida?<sup>219</sup>

Assim, no entendimento de Agostinho, a Igreja-Esposa nasce igualmente da costela do segundo Adão. Adão dormia; Eva nascia. Cristo dormia [eufemismo de morto]; a Igreja nascia; Adão teve as costelas perfuradas, Eva foi gerada; Cristo teve as costelas perfuradas, a Igreja também foi gerada. Eva nasceu para ser esposa de Adão; A igreja nasceu para ser a esposa de Cristo.

Há indícios nos Evangelhos que mostram como Jesus comparou a sua missão a um noivo próximo de casar-se. Em uma discussão sobre o jejum, Jesus foi interpelado acerca da prática do jejum. Os discípulos de João e os fariseus jejuavam com intensidade, porém, os discípulos de Jesus não. A resposta de Jesus explicitou como entendia seu ministério na metáfora sponsal. Negando a necessidade dos seus discípulos jejuarem naquele momento, Jesus lhes responde: “Por acaso podem os amigos do noivo estar de luto enquanto o noivo está com eles? Dias virão, quando o noivo lhes será tirado; então, sim, jejuarão” (Mt 9,15). E ainda, duas parábolas no Evangelho de Mateus dão-nos certeza da presença da metáfora sponsal. Conhecida como *Parábola do banquete nupcial*, diz-nos o autor do Evangelho de Mateus acerca do Rei que decidiu convidar seus súditos para o matrimônio do Filho. Não é preciso uma abordagem exaustiva para saber de quem se trata os principais personagens. O rei é Deus, o noivo é Cristo, a noiva é a Igreja, e o banquete nupcial representa a felicidade do casamento. Os enviados são os profetas e os apóstolos, e os convidados desinteressados são os judeus.<sup>220</sup>

Tem-se, ademais, a parábola das *Dez Virgens* (Mt 25,1-13), outra parábola aonde se faz necessário o uso da alegoria, a fim de entender a sua mensagem, sendo antes necessário identificar os personagens. As virgens representam os cristãos, à espera do noivo que, por sua vez, atrasa-se. Na verdade, a chegada do noivo é a grande expectativa da parábola e não é preciso muito esforço para saber

<sup>219</sup> CASALEGNO, A. O Evangelho de João na interpretação dos Padres da igreja e dos teólogos medievais: Florilégio de Clemente Romano a Tomás de Aquino. São Paulo: Edições Loyola, 2019, p. 278, *Apud*: AGOSTINHO. Comentário do Evangelho de João, CXX,2.

<sup>220</sup> BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém, 2002, p, 1749.

que trata de Cristo, na figura do noivo. Os protestantes leem esta parábola como sendo de cunho escatológico, mostrando assim um painel acerca de como se dará o desfecho dessa relação Cristo-Esposo com a Igreja-Esposa, que segundo o relato mateano, haverá finalmente as núpcias. Pensa-se nisto devido a expressão “à meia-noite” (Mt 25,6) que, segundo D.A. Carson, é o “símbolo da culminância escatológica”.<sup>221</sup>

É consenso entre os estudiosos do NT, e também entre os que se interessam pelo tema da sponsalidade na Escritura, que o Evangelho de João garante de um material de alto teor comprobatório do papel sponsal de Cristo. Há uma discussão novamente, dessa vez, sobre o batismo. Têm-se novamente os discípulos de João Batista e um curioso judeu que deseja saber qual a verdadeira natureza do batismo em águas (Jo 3,22-36). João Batista assim responde: “Quem tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo que está presente e o ouve é tomado de alegria à voz do esposo” (Jo 3,29). Ou seja, pessoalmente o batizador João confessar não ser ele o esposo, ao mesmo tempo confirmando quem de fato é: Cristo. Isto assim, Juan Mateos e Juan Barreto correlacionam a sponsalidade de Cristo e a Igreja no Evangelho de João a outras passagens do mesmo Evangelho, mas ligam-no, finalmente, ao Cântico dos Cânticos.

A esposa é figura do povo, segundo as imagens usadas pelos profetas (2,1 Leit.). Consequência do princípio enunciado antes (3,27: *ninguém pode apropriar-se de coisa alguma se não se lhe concede do céu*), se Jesus leva para si a esposa é porque é consagrado como Messias (1,33: O Espírito permanece sobre Jesus como a unção messiânica); é preciso reconhecê-lo como o Esposo. Verifica-se o que João anunciara em várias ocasiões (1,15,27,30). Nova alusão a Caná, núpcias da antiga aliança, que ia ser substituída. O que ali se antecipou pelo sinal de Jesus é o que agora João percebe. O Esposo está presente, as verdadeiras núpcias vão começar; será chamado depois de “o Filho” (3,35s). “O rei” é apelativo do esposo no Cântico dos Cânticos (1,4.12;3,9.11); corresponde a “o Messias”, que, por ser tal, é o Filho de Deus (SI 2,7).<sup>222</sup>

Mateos e Barreto levam adiante a leitura sponsal de Jo 3,22-36 ao ressignificarem à devolutiva de João Batista ao judeu questionador, ao dizer: “É necessário que ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30). Diferente da interpretação do senso comum que, muitas vezes, diz que essa resposta do Batista foi um ato de engrandecer o Cristo, e de rebaixar-se, Mateos e Barreto, vão além, ao assumirem uma interpretação sponsal dessas palavras. Eles afirmam que: “No contexto nupcial criado pela metáfora do esposo, o verbo “crescer”, aqui, alude à bênção

<sup>221</sup> CARSON, D.A. O comentário de Mateus. São Paulo: Shedd Publicações, 2010, p. 595.

<sup>222</sup> MATEOS, J; BARRETO, J. O Evangelho de São João (Coleção grande comentário bíblico). São Paulo: Paulinas, 1989, p. 193-194.

dada por Deus ao homem em Gn 1,28: ‘Crescei e multiplicai-vos’, indicando a fecundidade da aliança inaugurada pelo Messias’.<sup>223</sup>

Há no *corpus paulino* o texto que podemos chamar de “áureo” da sponsalidade de Cristo com a Igreja no NT, Ef 5,25. O texto põe em paralelo às instruções de Paulo sobre a moral doméstica, é quando então afirma que o modelo a inspirar os maridos a cuidarem de suas esposas vem do próprio Cristo, que não somente cuidou, mas morreu por ela. Sabe-se que o que está por detrás dessas palavras é mais que instruções domésticas, tem-se teologia nupcial. A Bíblia de Jerusalém, em nota, traz o seguinte comentário:

Os vv.23-32 estabelecem entre o casamento e a união de Cristo com a Igreja um paralelo entre os dois termos comparados se esclarecem mutuamente; pode-se dizer que Cristo é esposo da Igreja, porque é seu chefe e a ama como a seu próprio corpo, assim como acontece entre marido e mulher; essa comparação, uma vez admitida, fornece, por seu lado, o modelo ideal para o casamento humano. O simbolismo dessa imagem tem suas raízes profundas no AT, que representa muitas vezes Israel como a esposa de Deus Iahweh (Os 1-2+).<sup>224</sup>

Deve ser observado que Paulo não estabeleceu um modelo de relacionamento cuja submissão da mulher deve ser imposta, antes, se tem uma relação de amor e respeito mútuo igualmente inspirado em Cristo. Comentando Ef 5,25 Craig Keener afirma que nos códigos domésticos do mundo antigo, em se tratando dos deveres dos maridos não havia exigências por escrito para o homem amar (a esposa amava) apenas fazerem as mulheres submissas.<sup>225</sup> João Paulo II, em consonância ao que outros autores viram nesse texto, expressa:

Nesta Carta o autor exprime a verdade sobre a Igreja como esposa de Cristo, indicando igualmente como esta verdade se radica na realidade bíblica da criação do homem como varão e mulher. Criados à imagem e semelhança de Deus como “unidade dos dois”, ambos foram chamados a um amor de caráter sponsal. [...] O texto da Carta aos Efésios confirma ainda uma vez a verdade acima apresentada e, ao mesmo tempo, compara o caráter sponsal do amor entre o homem e a mulher com o mistério de Cristo e da Igreja. Cristo é o Esposo da Igreja, a Igreja é a Esposa de Cristo.<sup>226</sup>

A imagem do Cristo-esposo cresce e se plena no Apocalipse. Particularmente penso estar no Apocalipse a maior demonstração bíblica da sponsalidade de Cristo com a Igreja. A começar pelas cartas às igrejas da Ásia

<sup>223</sup> MATEOS, J; BARRETO, J, 1989, p. 193-194.

<sup>224</sup> BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém, 2002, p, 2045-2046.

<sup>225</sup> KEENER, C. Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento: Belo Horizonte (MG). Editora Atos, p. 572.

<sup>226</sup> JOÃO PAULO II. *Carta apostólica mulieris dignitatem* [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1988/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19880815\\_mulieris-dignitatem.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html) 1988. Acesso: 07/02/22.



Menor.<sup>227</sup> Segundo discorreu Casalegno, Jesus é, inicialmente, apresentado como aquele que “ama” as suas comunidades, ou seja, as igrejas. Isso pode ser um amor esponsal, intui Casalegno.<sup>228</sup> À igreja de Éfeso, Cristo exortou a que se voltasse ao primeiro amor (Ap 2,4);<sup>229</sup> à igreja de Tiatira, que estava em prostituição, ou seja, traindo-o, disse que a puniria numa “cama” (Ap 2,22); à igreja de Laodicéia ele bate à porta “como um namorado que deseja ardentemente encontrar-se com sua noiva” (Ap 3,20). Por fim, é dito nessa seção do Apocalipse que Cristo repreende a todos quanto os ama.<sup>230</sup>

Casalegno observa também que Cristo poderia estar se referindo à relação esponsal ao prometer a “coroa da vida” aos cristãos vencedores (Ap 2,10). Com base em Ezequiel – livro muito citado no Apocalipse –, o profeta promete uma coroa ao dizer: “Pus uma argola no teu nariz e brincos nas orelhas, e uma coroa de glória na cabeça”<sup>231</sup>, quer dizer, segundo Casalegno, o uso de Ezequiel nesse trecho do Apocalipse pode ter conotações nupciais.<sup>232</sup> Também o banquete oferecido à igreja de Laodicéia igualmente pode estar fazendo menção às núpcias, em que todos os convidados participam da festa final (Ap 3,20).<sup>233</sup> Desconfia Casalegno que até os 144 mil que “seguem ao Cordeiro” (Ap 14,4) seguem-no em forma de procissão, aliás, como fazia parte do rito de casamento, que acontecia ao pôr do sol.<sup>234</sup> Está-se explícita a relação de Deus com seu povo feito uma noiva “enfeitada para o seu marido” (Ap 21,2). Embora essa imagem apareça somente no final do Apocalipse, é-nos possível constatar que o cristianismo é destinado a uma relação esponsal com Jesus.<sup>235</sup> E assim resume Alberto Casalegno:

A qualificação de “noiva”, aplicada à comunidade cristã, está presente de forma embrionária desde o começo do Apocalipse. Trata-se de Noiva, não ainda de esposa, que vive o tempo da história como um tempo de preparação para as núpcias, enfrentando os desafios da vida. Não é ainda esposa efetiva, mas esposa prometida ao Cordeiro, com a segurança, porém, do próximo matrimônio, segundo o costume hebraico de celebrar o casamento, que, diferente do nosso, compreendia dois estágios: o noivado, vínculo legalmente reconhecido e inviolável cujo, descumprimento já se configurava adultério (Dt 22,23-27), e as núpcias verdadeiras, com a coabitação e a união física dos parceiros. A

<sup>227</sup> CASALEGNO, A. “E o Cordeiro os vencerá”. Leitura exegético-teológica do livro do Apocalipse. São Paulo: Loyola, 2017, p. 214-216.

<sup>228</sup> CASALEGNO, A, 2017, p. 214.

<sup>229</sup> CASALEGNO, A, 2017, p. 214.

<sup>230</sup> CASALEGNO, A, 2017, p. 214.

<sup>231</sup> CASALEGNO, A, 2017, p. 214.

<sup>232</sup> CASALEGNO, A, 2017, p. 214.

<sup>233</sup> CASALEGNO, A, 2017, p. 215.

<sup>234</sup> CASALEGNO, A, 2017, p. 215.

<sup>235</sup> CASALEGNO, A, 2017, p. 215.

Igreja peregrina encontra-se no primeiro estágio, embora conheça seu destino final, ser Esposa do Cordeiro no sentido pleno do termo.<sup>236</sup>

### 3.2.

#### O Cântico dos Cânticos: amor divino-religioso ou humano-natural?

O Cântico dos Cânticos tem os mais belos poemas de amor em toda a Escritura. Há um personagem reportado como “o Amado” para sua “Amada”. Eles se juntam, se perdem, juntam-se novamente e se cortejam o tempo todo. Ora o Amado é chamado “rei” (Ct 1,4); e a Amada é chamada “Sulamita” (Ct 7,1). É sabido que Salomão compôs muitos cânticos (1Rs 5,12), por isso não foi difícil correlacionar a autoria do Cântico dos Cânticos ao filho de Davi. Aliás, Salomão destacou-se também por ter falado 3.000 provérbios. Parece então que o mesmo indício para lhe atribuíres o Cântico foi utilizado igualmente para a coletânea de Provérbios e o Eclesiastes.<sup>237</sup>

Diante disso, a tradição judaico-cristã, em geral, atribuiu o Cântico dos Cânticos à autoria salomônica, portanto, por volta do séc. X a.C., tendo inclusive composto os poemas a respeito de seus sentimentos enamorados. Os que defendem a autoria salomônica seguem referências no Cântico que lembram certos desejos de Salomão, tais como riquezas, luxos e bens importados, além de menções à fauna e flora local, bem como de países vizinhos, que sempre atraiu reis na história antiga.<sup>238</sup> O argumento mais ponderado, entretanto, é quanto à vida sexual ativa que Salomão teve com mil mulheres (1Rs 11,3), e é aqui que se descobriu a natureza real do amor que o Cântico enaltece, um amor humano-natural, entre Salomão e a Sulamita.

Embora haja pontos de ligação com Salomão, nos tempos modernos nega-se que o Cântico dos Cânticos pertença a ele. A exegese moderna, fixada unicamente na abordagem histórico-social ressalta igualmente a beleza do amor entre um homem e uma mulher, mais nada. A linguagem não deixa de ser poética, porém, o seu âmago trata-se do Israel pós-exílio, por volta do séc. V.<sup>239</sup> Os que se apoiam nessa época entendem que o Cântico dos Cânticos seria uma versão judaica de cantos de matrimônio humano pagão, ou até mesmo religioso. Assim, o

<sup>236</sup> CASALEGNO, A, 2017, p. 215.

<sup>237</sup> ZUCK, R (Ed.). Teologia do Antigo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 327-328.

<sup>238</sup> CAVALCANTI, G. O Cântico dos Cânticos: um Ensaio de Interpretação através de Suas Traduções. São Paulo: Editora USP, 2005, 23.

<sup>239</sup> GERSTENBERGER, E. Israel no tempo dos persas. São Paulo: Loyola, 2014, p. 278.

Cântico seria uma coletânea de poemas – nem sempre interligados – que exaltam a paixão mútua que sela um matrimônio qualquer e pode ter sido canonizado porque depois do exílio a comunidade judaica passou a sacralizar o nascimento, puberdade, matrimônio e o sepultamento – suspeita Gerstenberger.<sup>240</sup>

Em oposto aos resultados da exegese moderna, a Bíblia de Jerusalém, na Introdução ao Cântico dos Cânticos traz um parágrafo lúcido à questão:

Procurou-se a origem do Cântico no culto de Ishtar e de Tamuz e nos ritos antigos de matrimônio divino, de hierogamia cultural, que se supõem realizados pelo rei, substituído de deus. Tal ritual, tomado dos cananeus, teria sido praticado também no culto de Iahweh, e o Cântico seria o livrete expurgado e demitizado dessa liturgia. Essa teoria cultural e mitológica é inaceitável, pois é impossível imaginar um crente israelita que copiasse essas produções de uma religião de fecundidade, tantas vezes denunciadas por todos os profetas (Is 7,10; Jr 7,18; Ez 8,14; Zc 12,11), a fim de tirar dela cantos de amor. Se há semelhança de expressões entre os hinos a Ishtar ou a Tamuz e o Cântico, é porque uns e outros falam a linguagem do amor.<sup>241</sup>

Se é difícil encontrar o *Sitz im Leben* do Cântico dos Cânticos dadas as divergências, há ao menos consenso quanto a natureza do livro: é sobre o amor. Isso basta para divinizar o Cântico, porque Deus é amor. O assunto, portanto, discorre até Deus, que é quem criou o amor entre homem e mulher. A exaltação do amor está relacionada à inteireza da Escritura. Nesse sentido, o amor humano é divino, e o amor divino faz com que o amor entre homem e mulher seja mais que experimentado, seja cantado. Se o nome de Deus está ausente desse livro, não está, porém, o seu maior atributo: o amor. Em tributo ao amor, expressou Forte: “O amor é a experiência originária e originante da existência. O ser no mais profundo dos seres é amor, e a estrutura de sustentação de tudo que vive reside na relação de distância e de proximidade, que é a vida do amor”<sup>242</sup>

### 3.2.1.

#### O Cântico dos Cânticos na tradição judaica

Diferente dos dias atuais, no passado, a comunidade judaica atribuiu ao Cântico dos Cânticos canonicidade e singularidade, todavia não sem contestação. Entre os judeus Hillel é conhecido como um dos rabinos que recusaram chamar o Cântico de inspirado.<sup>243</sup> Porém, Rabi Aqiba, citado no *Mishnah Jadajim*, 3,5 diz: “o mundo inteiro não vale o dia em que o Cântico dos Cânticos foi dado a

<sup>240</sup> GERSTENBERGER, E, 2014, p. 278.

<sup>241</sup> BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém, 2002, p, 1086.

<sup>242</sup> FORTE, B. Os graus do amor no Cântico dos Cânticos. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 7.

<sup>243</sup> ZUCK, R (Ed.), 2009, p. 327.

Israel”.<sup>244</sup> Criteriosos como são até hoje, pergunta-se como os judeus adicionam ao cânone esse livro se não há menção ao povo de Israel; Deus não é mencionado nominalmente, com exceção de uma forma abreviada (*Iaw*, Ct 8,6); bem como também seu conteúdo exalta a atração sexual.<sup>245</sup> A resposta está na maneira como os judeus leram o Cântico dos Cânticos, a saber, alegoricamente.

A leitura alegórica era eficaz na comunidade judaica em Alexandria desde Filo, até antes. Ademais, como constatado acima, tem-se de fato expreso metaforicamente no AT a nação de Israel na condição de esposa e Deus o esposo. Mesmo nunca sendo citado no NT, o Cântico fazia parte da lista de alguns antigos manuscritos do AT, e na lista de Melitão de Sardes no ano 170 d.C.<sup>246</sup> É verdade que a leitura alegórica recusou ler o Cântico através do contexto político-social e acabou aplicando ao poema a fé sponsal presente noutras partes da Escritura. Enfim, não foi considerado impensável ampliar do relacionamento de homem e uma mulher a Israel e Deus.

Tanto que o Cântico faz parte do *Meghillot* sendo um rolo lido na sinagoga, além de lido na Páscoa, uma das festas mais significativas do calendário judeu. Bruno Forte afirma que, ainda hoje, nas famílias hebreias, o sábado é acolhido como a esposa no Cântico, pois em hebraico *Shabbat* é feminino.<sup>247</sup> Acrescenta ainda as palavras dos mestres judeus do séc. II d.C., agrupadas na obra “*O livro do Esplendor*” ou tão somente “*Zohar*”. Essas palavras provam não só a inspiração do Cântico, mas como ele abarca, em resumo, todo o cânon do AT na mentalidade dos judeus místicos.

Este cântico compreende toda a *Torah*; compreende toda a obra da criação; compreende o mistério dos Pais; compreende o exílio de Israel no Egito e o canto do mar; compreende a essência do Decálogo, o pacto do Monte Sinai e a peregrinação de Israel no deserto, até o ingresso na terra prometida e a reconstrução do Templo; compreende a coroação do santo nome celeste no amor e na alegria; compreende o exílio de Israel entre as nações e a redenção; compreende a ressurreição dos mortos até o dia que é o sábado do Senhor (*Livro do Esplendor. Teruma 144a*).<sup>248</sup>

Ao que tudo indica, o Cântico dos Cânticos despertou tanto fascínio entre judeus do passado que deu origem e uma espiritualidade exclusiva ao Cântico.

<sup>244</sup> FORTE, B, 2012, p. 9.

<sup>245</sup> CAVALCANTI, G, 2005, p. 37.

<sup>246</sup> BRUCE, FF. O cânon das Escrituras. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 64.

<sup>247</sup> FORTE, B, 2012, p. 9.

<sup>248</sup> FORTE, B, 2012, p. 9-10.

Como se não bastasse à aceitação da sua inspiração divina, personalidades judaicas expressavam gratidão a Deus pelo Cântico dos Cânticos.

Quando Adão pecou, Deus subiu ao primeiro céu, afastando-se da terra e dos homens. Quando Caim pecou, subiu ao segundo. Com a geração de Enoque, subiu ao terceiro, com o dilúvio ao quarto, com a geração de Babel ao quinto, com a escravidão do Egito ao sexto e ao sétimo céu, o último e mais distante da terra. Porém Deus voltou à terra no dia em que foi dado a Israel o Cântico dos Cânticos (*Livro do Esplendor. Teruma 143-144a*).<sup>249</sup>

### 3.2.2.

#### O Cântico dos Cânticos na tradição cristã

No cristianismo a leitura alegórica permaneceu. Hipólito de Roma pode ter sido o primeiro escritor a ter encarado o Cântico dos Cânticos. Antes dele houve apenas esboços e usos alusivos ao Cântico.<sup>250</sup> Segundo Kouobou Daniel, Ireneu de Lião em *Fragmenta uaria* e Melito de Sardes em *Eclogae* fazem respetivamente uma só alusão a este texto.<sup>251</sup> E mais, há também um documento apócrifo, anónimo, que cita Ct 2, 3 e Ct 3, 4, na obra intitulada *Odae Salomonis*;<sup>252</sup> Tertuliano é outro que, relata Kouobou, referiu-se ao “canto nupcial”, citando Ct 4,8 em *Aduersus Marcionem* e Ct 8,6 em *Fragmenta uaria*. Após esses homens entra no cenário nosso autor Orígenes no séc. III. Gregório de Nissa também contribuiu ao comentar textos do Cântico. Teodoro de Mopsuéstia, ao contrário, foi condenado por não aceitar a interpretação alegórica do Cântico. Na tradição católica têm-se nomes como de São João da Cruz e Tereza d’Ávila, que seguiram Orígenes, transcendendo da relação Cristo-Igreja para Cristo-Alma.<sup>253</sup> Parece que entre os protestantes a moral cristã puritana impediu que se descobrisse a espiritualidade por detrás da sexualidade, e por isso o Cântico foi pouco abordado. Além é claro da ênfase que os protestantes deram ao NT, porque as pautas da reforma estavam ali.

Sabe-se, ademais que em 1547 Calvino exonerou da Cátedra de teologia um de seus amigos, por nome Sebastião Castellion, por haver publicado uma exegese do Cântico dos Cânticos na perspectiva realista e literal. Calvino não só o

<sup>249</sup> CAVALCANTI, G. 2005, 37.

<sup>250</sup> DANIEL, K. A afetividade no itinerário espiritual segundo as Homilias sobre o Cântico dos Cânticos de Orígenes – tradução e estudo teológico (Dissertação). Lisboa, 2017, p. 65.

<sup>251</sup> DANIEL, K, 2017, p. 65.

<sup>252</sup> DANIEL, K, 2017, p. 65.

<sup>253</sup> FORTE, B, 2012, p. 9-10.

exonerou seu amigo da docência como também o excomungou expulsando-o de Genebra, não respeitando nem mesmo os laços de amizade entre ambos.<sup>254</sup>

### 3.3.

#### Breve história da obra “Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos”

A obra de Orígenes sobre o Cântico dos Cânticos que se tem disponível às mãos em língua portuguesa foi recondicionada no tempo e é longa sua história. Eusébio de Cesareia informa que a obra original começou a ser escrita estando Orígenes ainda em Atenas, logo após encerrar o comentário de Ezequiel.<sup>255</sup> Eusébio teve conhecimento do Comentário feito em dez volumes<sup>256</sup>, mas em Atenas Orígenes completou cinco volumes<sup>257</sup>, terminando os cinco restantes em Cesareia da Palestina.

As homilias sobre o Cântico dos Cânticos também foram transcritas na Cesareia da Palestina. Nessa cidade Orígenes pregou e ensinou sobre muitos livros bíblicos. O original grego das homilias em grande parte perdeu-se no tempo restando apenas alguns fragmentos.<sup>258</sup> As homilias consistem de parêneses e, segundo Drian, não tinham considerações de cunho exegético ou filológico, o comentário sim teria.<sup>259</sup> Suspeita-se que o público-alvo do mestre Orígenes fosse de iniciantes e bastante heterogêneo, diferente do grupo habituado a ouvi-lo ensinar. Drian explica que Orígenes foi raso nas homilias, pois se delongou primeiramente a provar o ponto acerca do itinerário que o Cântico oferecia aos leitores.<sup>260</sup> Kouobou afirma que as homilias podem ter sido proclamadas no ano 244 em Cesareia mas sem certeza.<sup>261</sup>

Todavia, Drian, de acordo com Simonetti acredita que Orígenes pregou apenas duas homilias tal como se tem na edição disponível em português e afirma

<sup>254</sup> JARDILINO J; LOPES, L. Cântico dos cânticos: parte do cânon sob censura. Revista Nunes no 13 – Setembro/Dezembro 2009. Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP ISSN 1981-156X, p. 03.

<sup>255</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, XXXII, 2, p. 141.

<sup>256</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, XXXII, 2, p. 141.

<sup>257</sup> CESARÉIA, E, *H.E.* Livro VI, XXXII, 2, p. 141.

<sup>258</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 20.

<sup>259</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 18.

<sup>260</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 13.

<sup>261</sup> DANIEL, K, 2017, p. 80.

que nada do texto foi perdido e que as duas homilias teriam, portanto, caráter propedêutico.<sup>262</sup> Drian logo conclui dizendo:

Se essas considerações estiverem certas, podemos, então, sintetizá-las assim: Orígenes mesmo se propusera pregar duas homilias sobre o Cântico dos Cânticos; tendo-se delongado, na primeira, ao comentar sobre a importância do texto sacro e tratar de uns poucos versículos, apressa-se em comentar mais versículos na segunda, mas de modo a realizar o que teria determinado, isto é, tratar em duas homilias, no tempo preestabelecido, não de toda a obra, mas somente daquilo que fosse necessário para sua compreensão espiritual.<sup>263</sup>

Sabe-se, além do mais, que Jerônimo foi quem traduziu as homilias para o latim por volta do ano 383, portanto, décadas depois de terem sido proferidas. Jerônimo adiciona um curto Prólogo endereçando a recomposição da obra ao Papa Dâmaso. No Prólogo Jerônimo elogia Orígenes dizendo o quanto “se superou a si mesmo”<sup>264</sup> e informa que os dez volumes do Comentário de Orígenes computavam cerca de vinte 20 mil linhas. Jerônimo diz ainda que ao ler as duas homilias, tem-se apenas uma “degustação” do pensamento de Orígenes, porque a “refeição” mesmo, somente se se estimar as maiores obras de Orígenes.<sup>265</sup>

O Comentário de Orígenes é obra de Rufino, por volta do ano 410, embora não teve vida suficiente para traduzir mais volumes da obra de Orígenes porque morreu antes. Sabe-se que Rufino alterou alguns trechos do Comentário de Orígenes mais especialmente partes repetitivas.<sup>266</sup> Afirma Kouobou que na Idade de Média essa obra de Orígenes, traduzida por Rufino, foi muito copiada e abundaram os manuscritos, realizados em grandes mosteiros e bibliotecas.<sup>267</sup> Nos tempos modernos já eram mais de quarenta edições. No séc. XX Manlio Simonetti parece ser o autor referencial que melhor se aproxima dos melhores manuscritos do Comentário de Orígenes.<sup>268</sup>

Em língua portuguesa a obra de Orígenes chegou-nos pela Editora Paulus. Reuniu o trabalho de Orígenes apresentando também uma primeira introdução feita por Heres Drian de O. Freitas, que elaborou um primeiro contato com os intentos de Orígenes, por exemplo, sua paixão pelo Cântico e o que Orígenes pensava acerca da sponsalidade de Cristo com o cristão.<sup>269</sup> Logo após vem o

<sup>262</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 13.

<sup>263</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 14.

<sup>264</sup> ORÍGENES, Prólogo, p. 21.

<sup>265</sup> ORÍGENES, Prólogo, p. 22.

<sup>266</sup> ORÍGENES, Prólogo, p. 13.

<sup>267</sup> DANIEL, K, 2017, p. 81.

<sup>268</sup> DANIEL, K, 2017, p. 81.

<sup>269</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 13-20.

Prólogo de Jerônimo destinado ao Papa Dâmaso.<sup>270</sup> É só depois que o leitor acha-se frente à primeira homilia de Orígenes (Ct 1,1-12).<sup>271</sup> A segunda homilia abarca Ct 1,12-2,14.<sup>272</sup> Segue-se novamente outra introdução, desta vez, elaborado por João Lupi<sup>273</sup>, no qual destaca a metodologia de Orígenes, bem como algumas chaves de leitura a fim de que se siga o itinerário na mesma pisada que Orígenes ou próximo. Segue-se depois outro Prólogo, denso, até chegar aos quatro livros (de dez) restantes comentados por nosso autor. A obra finda com Orígenes comentando Ct 2,14-15.<sup>274</sup>

Por fim, autoridades nas pesquisas sobre Orígenes, como R. Lawson, L. Bressard e H. Crouzel, O. Rousseau, M. Simonetti com base numa informação de Eusébio (*H.E., Livro VI, 36,1*) situam o comentário antes das duas homilias.<sup>275</sup> Na edição publicada pela Editora Paulus, porém, o comentário sucede as duas homilias. A discussão permanece...

### 3.4.

#### Chaves de leitura das Homilias e do Comentário de Orígenes

Como todo autor que descarrega suas premissas sobre o texto que escreve, Orígenes seguiu o curso e fez o mesmo. O que torna importante conhecer quais eram essas premissas haja vista a vastidão da sua produção literária, a diversidade de assuntos que tratou durante a carreira, sobretudo, devido à complexidade de organização de ideias – típico de Orígenes. Mais detidamente sobre as homilias e o comentário ao Cântico dos Cânticos percebe-se de imediato que Orígenes aproximou-se do epitalâmio, tendo em mente certas pressuposições filosóficas e teológicas que dão-nos “chaves” de acesso à camada mais entranhada dos seus pensamentos. O que se constata no Cântico dos Cânticos, em menor ou maior grau, o nosso autor tratou, por exemplo, nas obras *Contra Celso* e *Tratado sobre os Princípios*. Portanto, tem-se o que nos dias atuais chama-se, grosso modo, de “cosmovisão”, agora, “cosmovisão origeniana”.

<sup>270</sup> ORÍGENES, Prólogo, p. 21-22.

<sup>271</sup> ORÍGENES, Homilia I, p. 23-48.

<sup>272</sup> ORÍGENES, Homilia II, p. 49-78.

<sup>273</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 79-88.

<sup>274</sup> ORÍGENES, Livro I-IV, p. 135-373.

<sup>275</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 19.



Foi do interesse desta dissertação elencar apenas quatro axiomas que constituem os “cilindros de oxigênio” que Orígenes se amochilou para mergulhar nas águas profundas do mistério divino. Em nossa ordem, são eles: o itinerário espiritual; o livre-arbítrio; o amor; e a alegoria-dramática.

### 3.4.1.

#### O itinerário espiritual da alma: de volta à perfeição

A teologia de Orígenes é fundamental, pois nos faz compreender sua hermenêutica e é claro seu comentário bíblico. Saber como Orígenes compreendia Deus, universo e o ser humano, de alguma forma, é também entender o Cântico dos Cânticos, justamente porque os tópicos se tocam bastante nas homilias e comentário. Começando pela pessoa de Deus, Orígenes cria em Deus como Espírito; mente; incorpóreo; imutável e incompreensível.<sup>276</sup> Por isso, dizia que Deus era uma “substância simples”: sem corpo, partes ou paixões.<sup>277</sup> E ainda, Deus, segundo Orígenes, “não admite nenhum tipo de adição”<sup>278</sup>, porque “é fonte de onde têm origem todas as naturezas intelectuais, ou inteligências... não tem absolutamente carência de qualquer coisa própria do corpo ou da matéria. É por isso que essa natureza é simples, e é totalmente espírito”.<sup>279</sup>

Dizemos agora, de acordo com a verdade, que Deus é incompreensível e inatingível pelo conhecimento. Se há alguma coisa que pudemos compreender ou pensar a respeito de Deus, devemos acreditar que Deus está de muitas maneiras para além daquilo que pudemos julgar a seu respeito. É como se a alguém, que mal pode vislumbrar uma centelha, ou a pálida luz de uma lâmpada pequena, quiséssemos explicar – a esse cuja acuidade visual não pode ir além dessa percepção – como é a claridade e o esplendor do sol; não seria preciso dizer-lhe: o esplendor do sol é melhor e mais poderoso do que és capaz de ver? E assim é de tal modo que não podemos explicar nem avaliar? Assim é com o nosso espírito quando ele se encerra na prisão da carne e do sangue, e que, por essa participação na matéria, ele se torna lento para compreender e obtuso, apesar de ser muito superior à natureza corporal, se esforça para atingir as coisas incorporais e de nelas captar uma noção, mas obtém apenas o equivalente a uma centelha ou à luz de uma lamparina.<sup>280</sup>

Nosso autor era trinitariano, mas deixou explícito seu subordinacionismo. Olson, na verdade, destaca uma afirmação de Orígenes, retirada de Henri Crouzel, na qual se constata seu subordinacionismo: “Dizemos que o Salvador e o Espírito Santo superam todas as criaturas incomparavelmente, de uma maneira totalmente

<sup>276</sup> OLSON, R. 2000, p. 113.

<sup>277</sup> OLSON, R. 2000, p. 113

<sup>278</sup> ORÍGENES, Tratado sobre os Princípios, Livro I, 1,6, p. 42.

<sup>279</sup> ORÍGENES, Tratado sobre os Princípios, Livro I, 1,6, p. 42.

<sup>280</sup> ORÍGENES, Tratado sobre os Princípios, Livro I, 1,5, p. 42.

transcendente, mas que são superados pelo Pai da mesma forma ou ainda mais do que superam os outros seres”.<sup>281</sup> Mas sua crença na eternidade do Filho se tornou paradigmática na Teologia oriental. Primeiro, porque procurou solucionar os enigmas das doutrinas de Deus e da encarnação, explorando ao máximo o conceito do Logos.<sup>282</sup> Decorrente desse seu posicionamento, rejeitou qualquer mudança ontológica na descrição da deidade do Filho no processo da encarnação<sup>283</sup>:

É ímpio e proibido comparar com a geração dos homens e animais a geração do Filho Unigênito por Deus Pai que lhe dá o ser. É necessário que haja nesse caso algo de excepcional e digno de Deus, ao qual nada pode ser comparado nem na realidade, nem na imaginação ou pensamento, para que possa entender como Deus não gerado se torna o Pai do Filho único. Essa geração eterna e perpétua é como a radiação que vem da luz. De fato, não é por uma adoção espiritual que o Filho de Deus se torna extrínseco, mas ele o é por natureza.<sup>284</sup>

Procurando responder acerca da pessoa e da natureza do Espírito Santo, Orígenes, sempre utilizando um emaranhado de textos bíblicos, defendia a eternidade do Espírito, seu poder na economia da Salvação, sobretudo, sua atemporalidade como discorreu no *Tratado sobre os Princípios*.

Como se nos atrevêssemos a dizer que então, quando ele não era o Espírito Santo, ignorava o Pai, que depois que recebeu o conhecimento dele se tornou o Espírito Santo; pois, se assim fosse, nunca tal Espírito Santo poderia ser considerado na unidade da Trindade – isto é, na imutabilidade do Pai e do seu Filho – a não ser que ele mesmo sempre tenha sido o Espírito Santo. Empregamos estes termos, “sempre” e “tenha sido”, ou qualquer outro termo, com significado temporal, mas é preciso tomá-los de modo simples e com ressalvas, pois, mesmo que sejam palavras com significados temporais, exprimindo as coisas de que falamos num discurso de tipo temporal, ultrapassam por sua natureza toda compreensão do sentido temporal.<sup>285</sup>

E encerra a parte inicial da obra, abarcando em síntese seu pensamento em aspectos trinitários. Orígenes imergiu na Escritura, em busca de textos que pudessem deixar claro as obras do Espírito. O mais impactante, tanto que descreveu no *Tratado sobre os Princípios*, era pensar no Espírito como aquele que “penetra às profundezas de Deus” (1Co 2,10).<sup>286</sup> É quando em seguida expôs em tributo palavras ao “Altíssimo Espírito”:

Tudo isso nos ensina a grande autoridade e dignidade que tem o Espírito Santo enquanto ser substancial, de tal modo que o batismo da salvação não pode ser realizado a não ser pela

<sup>281</sup> OLSON, R. 2000, p. 113, *Apud*: CROUZEL, H. Origen, trad. A.S. Worrall, São Francisco, Harper & Row, 1989, 203.

<sup>282</sup> OLSON, R. 2000, p. 115.

<sup>283</sup> Segundo Olson, essas duas afirmações de Orígenes tornaram-se “patrimônio do pensamento cristão”, especialmente no Oriente, por longo tempo. OLSON, R. 2000, p. 115.

<sup>284</sup> ORÍGENES, *Tratado sobre os Princípios*, Livro I, 2,4, p. 47-48.

<sup>285</sup> ORÍGENES, *Tratado sobre os Princípios*, Livro I, 3,4, p. 55.

<sup>286</sup> ORÍGENES, *Tratado sobre os Princípios*, Livro I, 3,4, p. 56.

altíssima autoridade da Trindade, isto é, pela invocação do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e assim ao Pai não gerado e ao seu único Filho se associa o nome do Espírito Santo. Não é de se espantar de quanta seja a majestade do Espírito Santo, quando se vê que “aquele que fala mal do Filho do Homem poderá esperar perdão, mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não terá perdão nem nesse mundo nem no outro” (Mt 12,32)<sup>287</sup>

Acerca da origem de todas as coisas, Orígenes concebia a criação um ato eterno.<sup>288</sup> Altaner diz que a onipotência e a bondade de Deus não podiam estar em atividade sem um objeto material para qual usar.<sup>289</sup> Nosso autor começa explicando em síntese a diversidade da criação e sua complexidade entre animais, plantas, astros e sistemas que equilibram a existência humana, contudo, intenta dar outra explicação para o sentido da existência.<sup>290</sup> Decerto, Orígenes apoiou-se nas teorias cosmogônicas do gnosticismo, neoplatonismo, que por sua vez, afetaram algumas alas do cristianismo.

Orígenes entendia dois mundos, um dando sentido ao outro. O primeiro é o “mundo dos espíritos”.<sup>291</sup> Esse mundo é perfeito, belo e, inicialmente, amava e obedecia a Deus. No entanto, Deus dotou os seres que habitam nesse mundo de livre-arbítrio, mesmo porque são seres intelectuais.<sup>292</sup> Acontece que parte dos espíritos desse mundo abusou do livre-arbítrio, cometendo pecado e, perdendo, conseqüentemente, a condição de perfeito<sup>293</sup>, rebelando-se contra Deus, todavia, ainda assim, Deus tinha o controle absoluto sobre essas criaturas.<sup>294</sup> A teologia da criação no Oriente, em geral, deixava sob responsabilidade do homem escolher seu caminho. Ladaria diz que “O amor onipotente de Deus, que criou e sustenta todas as coisas, não encontra na liberdade e na criatividade humana um limite, mas sim a sua maior manifestação”.<sup>295</sup> Assim, esses seres decidiram não mais obedecer a Deus.

Nesse sentido, Orígenes foi também o teólogo que ultrapassou os relatos do livro de Gênesis, pois segundo o que ensinava, as almas já existiam e só posteriormente abrigaram o corpo material. Logo, em Orígenes tem-se a origem

<sup>287</sup> ORÍGENES, Tratado sobre os Princípios, Livro I, 3,2, p. 56.

<sup>288</sup> ALTANER, B; 1988, 212.

<sup>289</sup> ALTANER, B; 1988, 212.

<sup>290</sup> ORÍGENES, Tratado sobre os Princípios, Livro II, 1,1, p. 78.

<sup>291</sup> ALTANER, B; 1988, 212.

<sup>292</sup> CAMPENHAUSEN, H, 2005, p. 46.

<sup>293</sup> Segundo J.N.D. Kelly Orígenes foi o primeiro teólogo no cristianismo a ter elevado a compreensão da origem do pecado como tendo ocorrido fora do planeta. Diferente de Ireneu, Tertuliano, e Clemente, os quais aceitaram o registro de Gênesis como fato histórico, bem como a origem do pecado na terra. Orígenes, ao contrário, eleva a compreensão ao caráter de mito cósmico. KELLY, J.N.D, 1994, p. 135.

<sup>294</sup> LADARIA, L. Introdução à antropologia teológica. São Paulo: Loyola, 2016, p. 42-43.

<sup>295</sup> LADARIA, L, 2016, p. 42-43.

da pecaminosidade humana fora do Éden, ou do plano terrestre, mas no transcendental.<sup>296</sup> Assim, o homem, diretamente, nada tem a ver com o estabelecimento do pecado. Orígenes andou na contramão da teologia do Ocidente, onde se cria que as almas foram criadas junto com a matéria. Orígenes não. Este acreditava que as almas preexistiam no cosmo. Orígenes acreditava que este mundo veio a existir depois muitos séculos do “mundo dos espíritos”. Nosso autor comentou desse jeito:

As outras [criaturas], que ultrapassam e transcendem as criaturas visíveis, há alguma coisa maior do que os séculos; se assim for, é preciso entender o que se passará talvez na restauração de todas as coisas, quando o universo chegará ao seu fim perfeito, e haverá provavelmente que perceber uma realidade superior ao século, na qual se produzirá a consumação de tudo. O que me leva a acreditar nisso é a autoridade da Santa Escritura, que diz: “Neste século e mais além” (Sl 113,26; Tb 13,18). Por essa expressão, “mais além”, quer compreender, sem dúvida, alguma coisa mais do que um século. Repare-se no que diz o Salvador: “Eu quero que, onde eu estiver, estes estejam comigo” (Jo 17,24), e também: “Como tu e eu somos um, para que também estes estejam conosco” (Jo 17,21), e vê se ele não parece mostrar uma realidade maior do que o século ou os séculos, talvez até maior do que os séculos dos séculos, a saber: o que haverá quando todas as coisas não estiverem mais neste século, mas Deus seja tudo em todos.<sup>297</sup>

Após as sucessivas quedas, esses seres foram degradando em matérias, habitando o mundo visível, a criação, ainda assim tinham poder de decisão sobre suas ações. Orígenes detalha esse processo dizendo: “Cada um [foi] a causa da sua própria queda e decadência por culpa da sua preguiça – um mais cedo, outro mais tarde, uns mais e outros menos. E, porque, tal como dissemos, essa queda ou decadência, que afasta cada um do seu estado, se produz com grande diversidade segundo os movimentos da inteligência e da vontade que fazem pender para baixo, um mais levemente, outro mais fortemente...”.<sup>298</sup> Campenhausen, em acréscimo, diz:

Sendo assim, o mundo tende, avançando em círculos maiores como em um processo de ‘mortificação’, a se tornar desviado de Deus em meio às trevas sempre crescentes, até que um estágio corpóreo é alcançado, no qual os espíritos caídos – e as almas humanas que também são pré-existentes – são aprisionados com a finalidade de uma punição e purificação.<sup>299</sup>

Dessa forma, o mundo visível tornou-se o lar dos seres caídos. Os que caíram num grau menor tornaram-se anjos, os que caíram mais gravemente tornaram-se demônios, já outros se tornaram humanos, estes, no estado

<sup>296</sup> KELLY, J.N.D, 1994, p. 135.

<sup>297</sup> ORÍGENES, Tratado sobre os Princípios, Livro II, 3,5, p. 85.

<sup>298</sup> ORÍGENES, Tratado sobre os Princípios, Livro I, 6,2, p. 68.

<sup>299</sup> CAMPENHAUSEN, H, 2005, p. 46.

intermediário entre anjos e demônios. Acerca da condição humana, especificamente, Allison explica que “os seres humanos consistem de uma alma que caiu do universo pré-temporal e invisível, no corpo material. De acordo com o grau da queda da alma de cada um, os seres humanos sofrem pouco ou muito durante a sua vida”.<sup>300</sup>

É, justamente, aqui o lugar do Logos divino, quer dizer, a Cristologia e Soteriologia de Orígenes entram em curso. O Logos, no sistema de Orígenes foi enviado por Deus a fim de resgatar a alma presa na matéria e levá-la de volta ao plano perfeito. O Logos servia justamente para restaurar o estado original de todas as coisas. Orígenes enfatizou diversas vezes que o Logos era Cristo, o Verbo, e nunca afirmou que o Logos foi gerado no tempo. Deve ser acentuado como os padres da Igreja do Oriente assumiram uma categoria singular para expressar a salvação em Cristo. Se no Ocidente foram usadas categorias paulinas, a fim de definir a salvação dos cristãos, tais como perdão; reconciliação; adoção; santidade e outros termos, James Sawyer, reforça que no Oriente a salvação era explicada na categoria da deificação, ou *Theosis*.<sup>301</sup> Quer dizer, Orígenes compreendia a salvação em termo de divinização da natureza humana. Daí a importância da união mística com o Verbo que tanto reforçou no comentário ao Cântico dos Cânticos e no Contra Celso.

Os cristãos veem que com Jesus a natureza divina e a natureza humana começaram a se entrelaçar, para que a natureza humana, pela participação na divindade, seja divinizada, não só em Jesus, mas também naqueles todos que, com fé, adotam o gênero de vida que Jesus ensinou e eleva até à amizade por Deus e à comunhão com ele quem vive conforme os preceitos de Jesus.<sup>302</sup> [...] Expresso em termos corporais e pregado como carne, ele chama a si aqueles que são carne para torná-los conformes ao Logos que se fez carne, e em seguida fazê-los subir, para que o vejam assim como era antes de se tornar carne; de tal modo que recebem este benefício, se elevam a partir desta iniciação segundo a carne e podem dizer: “Mesmo se conhecemos a Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim” (2Cor 5,16). Portanto, “ele se fez carne”, e, feito carne, habitou entre nós e não longe de nós. Tendo habitado e vivido entre nós, não ficou em sua primeira forma; ele nos fez subir “a alta montanha” espiritual, nos mostrou sua forma gloriosa e o brilho de suas vestes: não somente aquela forma que lhe é própria, mas também a da lei espiritual.<sup>303</sup>

Parece que o sistema origeniano serviu de escopo à Igreja no Oriente, que apoiou-se nalgumas de suas premissas teológicas por longo tempo. Por exemplo, Sawyer afirma que depois da sedimentação da deificação na teologia oriental,

<sup>300</sup> GREGG, A. Teologia histórica: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina cristã. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 388.

<sup>301</sup> SAWYER, J. Introdução à Teologia: Das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. São Paulo: Vida Acadêmica, 2009, p. 272-273.

<sup>302</sup> ORÍGENES, Contra Celso, Livro III, 28, p. 133.

<sup>303</sup> ORÍGENES, Contra Celso, Livro VI, 68, p. 295.

começou-se a venerar relíquias dos santos, não por superstição, mas para valorização da alma e também do corpo.<sup>304</sup>Olson, por sua vez, resume o sistema origeniano, aonde se encontram tópicos da sua Sistemática:

Orígenes enfatizava a salvação com o um processo de transformação na imagem de Deus e, finalmente, na participação parcial da própria natureza de Deus, chamada *theosis*, ou divinização. Também de modo semelhante a todos os demais padres da igreja e teólogos de sua época e de antes, Orígenes considerava esse processo sinérgico. Isto é, enfatizava a livre participação da pessoa humana e também a total necessidade da graça de Deus, fosse qual fosse sua predestinação ou as decisões de sua livre-escolha. Toda a ala oriental da cristandade tendia a seguir a descrição da salvação oferecida por Orígenes, aceitando o sinergismo e a divinização como conceitos fundamentais da sua soteriologia. Na teologia ortodoxa oriental, a graça de Deus permite ao ser humano dar um a resposta, mas esta deve ser espontânea e não coagida. Além disso, a salvação é considerada um processo vitalício de transformação gradual, no qual a vontade e a energia humanas cooperam livremente com a graça divina na esperança de que um dia a pessoa reflita a glória e participe da natureza imortal de Deus.<sup>305</sup>

Até aqui se demonstrou a primeira chave de acesso às Homilias e ao Comentário de Orígenes ao Cântico dos Cânticos. Isso porque Orígenes aplica seus postulados da doutrina sobre Deus no itinerário espiritual da alma cristã, tal como havia a crença do itinerário fora do cristianismo. O Logos enviado para salvar as almas; promovendo novamente uma união perdida devida uma “queda”, ganha em Orígenes em enredo cristão, com recortes é claro.

### 3.4.2.

#### O livre-arbítrio como oportunidade para fazer o itinerário

Orígenes é um dos poucos teólogos do mundo antigo otimista quanto à humanidade e seu poder de decisão. Seu sistema teológico permite ao injusto traçar novos caminhos até às beatitudes, na verdade, até os anjos caídos teriam chances de no final serem restaurados. Orígenes foi o teólogo que enfrentou seriamente a doutrina da predestinação panfletada em algumas regiões. Seu enfrentamento deveu-se às pregações que eliminavam das pessoas as oportunidades de salvação, portanto, impediam-nas de fazer o itinerário da alma, conforme Orígenes ensinava. O gnosticismo, com seu fatalismo, despertou Orígenes para isso.

No *Tratado sobre os Princípios* Orígenes analisou um texto que até hoje é debatido entre protestantes: Êx 4,21. Texto em que é dito que Deus “endureceu o

<sup>304</sup> SAWYER, J, 2009, p. 272-273.

<sup>305</sup> OLSON, R. p. 117.

coração de Faraó”. Orígenes diz: “Examinemos o que dizem alguns heterodoxos. Eles se servem desses textos para quase suprimir o livre-arbítrio, argumentando que há naturezas perdidas, incapazes de salvação”.<sup>306</sup> Porém, como se sabe de Orígenes, ninguém se perde, nem os demônios, isto é, há possibilidade de todos, indistintamente, começar o itinerário. Traduzindo o que Orígenes pensa Tillich diz: “[em Orígenes] a liberdade não termina, todo processo pode recomeçar”.<sup>307</sup> Segundo William Due, Orígenes é primeiro teólogo a questionar a eternidade do inferno, “ele mantém a hipotética possibilidade de um retorno geral à graça”.<sup>308</sup> Não ficará ninguém de fora na escatologia de Orígenes, pois no fim, tudo na verdade volta ao estado original.<sup>309</sup>

Tudo isso porque os gnósticos idealizaram a imagem de um Deus mal, o qual punia pecadores, destinando-os ao inferno. A imagem piorava ainda mais quando se compreendia que almas eram predestinadas à perdição. Isso afastaria pecadores de sinérgica busca pela união com Cristo, já que não resolveria. Por isso, Orígenes defendeu o livre-arbítrio, bem como oportunidade de reversão da maldade, porque ensinava que o mal não era ontológico.

Primeiro, é preciso chamar a atenção dos heterodoxos para essa passagem, porque eles ficam procurando no Antigo Testamento palavras como essas para mostrar – a tanto eles se atrevem – a crueldade do Criador, sua vontade de se vingar e de retribuir o mal com o mal, seja qual for o nome que eles dão a tal comportamento, apenas para dizer que não há bondade naquele que cria.<sup>310</sup>

Orígenes é universalista, ama o ser humano, conhece o Criador e sua misericórdia. Sabe que todos são vítimas de uma decadência pré-temporal. Orígenes tem esperança, pois um dia “Deus se tornará tudo em todos”. A jornada que é proposta no Cântico dos Cânticos deve servir de convite a toda alma, seja ela impura ou pura. É justamente no trajeto que se constata a elevação de nível, até à perfeição. Portanto, o livre-arbítrio era fundamental para Orígenes, pois sem este nada se reverte.

Desse modo age Deus, que conhece os segredos dos corações e que sabe o que vai acontecer: permite, talvez pela sua paciência, e também pelos acontecimentos externos, fazer sair o mal escondido, para purificar o que tem em si, por causa da sua negligência, as sementes do pecado; mantendo o pecador nos males por mais tempo, faz com que essas sementes venham à tona, ele as vomita, e, tendo sido purificado da sua maldade, pode então

<sup>306</sup> ORÍGENES, Tratado sobre os Princípios, Livro III, 1,8, p.128.

<sup>307</sup> TILLICH, P, 2000, p. 80.

<sup>308</sup> DUE, W. O Guia Trinitário para a escatologia. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 26-27.

<sup>309</sup> OLSON, R. p. 117.

<sup>310</sup> ORÍGENES, Tratado sobre os Princípios, Livro III, 1,16, p.133.

alcançar a regeneração. Pois Deus governa as almas não só na perspectiva dos cinquenta anos, por assim dizer, da vida terrena, mas também na da perpetuidade sem fim, porque ele tornou incorruptível a natureza inteligente, que é semelhante a ele, e a alma racional não se afasta dos seus cuidados, como nesta vida<sup>311</sup>

### 3.4.3.

#### O amor: entre o “eros” e “ágape” no Cântico dos Cânticos

O amor é o tema central do Cântico dos Cânticos. Segundo João Lupi, Orígenes foi o primeiro padre da Igreja, na história da espiritualidade cristã, a fazer do amor a constituição da relação entre o fiel e Deus<sup>312</sup>, isto é, mais do que uma relação de senhorio e submissão, tem-se entre Deus e o homem uma relação do amor. Para João Lupi “Orígenes espiritualiza e transfere para essa união todo seu temperamento apaixonado e sua própria personalidade: amável, amigo dos amigos, afetuoso, mas também entusiasta e emotivo até à paixão”.<sup>313</sup> É, nesse aspecto, lançar sobre o texto bíblico um amor que já habitava em si. Isto posto, Lupi, acredita que Orígenes “teorizou sobre si”<sup>314</sup> e projetou sobre o Cântico o quanto acreditava no amor e na humanidade.

Orígenes apresenta uma doutrina do amor como traço essencial da humanidade. E será o amor no sentido mais estrito da palavra, aquele entre a mulher e o homem, o amor dos noivos e dos recém-casados, que se tornará o paradigma principal dessa doutrina: é por isso que o comentário ao livro Cântico dos Cânticos tem sido uma de suas obras mais lidas, traduzidas, apreciadas e influentes em todo o pensamento cristão e na própria interpretação da Sagrada Escritura – de que esse Comentário é um dos máximos expoentes. O Esposo e a Esposa, Cristo e a Igreja, Cristo e a alma cristã, constituem temas tão entrelaçados que frequentemente se mostram indistintos.<sup>315</sup>

Como alguém que valorizou o ser humano e o amor, Orígenes constitui o assento ao percorrer o itinerário interpretando os textos alegoricamente. A intenção ao estabelecer o amor como o axioma do Cântico dos Cânticos era “gerar amor [nos leitores]”.<sup>316</sup> Assim, segundo Lupi: “Depois de contemplar a beleza do Verbo Divino, podemos ser capazes de nos abrasar de amor por ele. Contemplar as coisas belas, porém, gera em nós esse amor porque também nós somos feitos à imagem da beleza divina... porque o amor dirige toda a trama e dramaticidade do Cântico”.<sup>317</sup>

<sup>311</sup> ORÍGENES, Tratado sobre os Princípios, Livro III, 1,13, p.131.

<sup>312</sup> LUPI, J. O homem e o mundo na antropologia teológica de Orígenes. VERITAS: Porto Alegre v. 44, n. 3, Setembro 1999, p. 510.

<sup>313</sup> LUPI, J, 1999, p. 510.

<sup>314</sup> LUPI, J, 1999, p. 510.

<sup>315</sup> LUPI, J, 1999, p. 510.

<sup>316</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 83.

<sup>317</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 83.



Orígenes começa a organizar o pensamento, antes de debruçar-se nas entrelinhas do Cântico dos Cânticos. Havia temor nele, pois dizia que muitos eruditos gregos daquela época “apresentaram numerosos e variados escritos, inclusive em forma de diálogo, sobre a natureza do amor”.<sup>318</sup> Orígenes reconhece o quanto esboçar sobre o tema do amor é difícil, a tal ponto de pedir sabedoria a Deus a fim de conseguir explicar seu pensamento, pois não queria incorrer no entendimento grego do amor.<sup>319</sup>

Orígenes começa a explicar o amor após identificar duas narrativas, ou narrativas duplicadas – como é conhecida nos tempos modernos acerca da composição do Pentateuco –, e pede que se entenda ali a existência de dois tipos de homens. O primeiro é o homem “à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26); e o segundo é aquele feito do “pó da terra” (Gn 2,7).<sup>320</sup> Orígenes, agora no NT, diz que Paulo fala igualmente de dois homens, um interior e outro exterior (2Co 4,16). O primeiro corrompe-se, o outro se renova, noutras palavras, um é corruptível, o outro incorruptível. É aqui a base de Orígenes ao propor dois tipos de amor ao homem: o carnal e o espiritual.<sup>321</sup> Novamente em Paulo, Orígenes classifica o primeiro amor como àquele que é “semeado na carne”; e o outro “semeado no Espírito” (Gl 6,8).<sup>322</sup> E conclui dizendo que “A alma é dirigida por um amor e um desejo celestes quando à vista da beleza e da graça do Verbo Divino amou a sua imagem, e dele lhe veio uma flecha que lhe fez uma ferida de amor”.<sup>323</sup>

Há duas palavras que definem “amor” na Escritura, conhecidas por Orígenes, haja vista o uso delas também na literatura extra-canônica, são elas ἔρωσ e ἀγάπη. Orígenes se aproxima da palavra *eros* reconhecendo que é utilizada na Escritura, porém, poucas vezes e denota o tipo de amor nem sempre de âmbito sexual se for compreendida à luz do contexto e Orígenes dá exemplos na seção sapiencial. O vocábulo *eros* é empregado para descrever o amor de Salomão pela sabedoria (Sb 8,2), e também foi utilizado para expressar o amor à Sabedoria no livro de Provérbios (Pv 4,6-8).<sup>324</sup> Portanto, acredita que *eros* era usado apenas em

<sup>318</sup> ORÍGENES, Prólogo, 2,1, p. 92.

<sup>319</sup> ORÍGENES, Prólogo, 2,3, p. 93.

<sup>320</sup> ORÍGENES, Prólogo, 2,4, p. 93-94.

<sup>321</sup> ORÍGENES, Prólogo, 2,16, p. 98.

<sup>322</sup> ORÍGENES, Prólogo, 2,16, p. 98.

<sup>323</sup> ORÍGENES, Prólogo, 2,17, p. 98.

<sup>324</sup> ORÍGENES, Prólogo, 2,22, p. 101.

ocasião em que sequer era possível tornar tal compreensão ambígua.<sup>325</sup> Orígenes então diz: “O que se poderia encontrar de passional ou de inconveniente no amor da Sabedoria, ou naquele que se confessa amante da Sabedoria?”<sup>326</sup>

Orígenes, contudo, reconhece que o termo *eros* foi substituído por *ágape*, porque poderia evitar escândalos aos mais fracos. Assim, destaca amor como significando “afeto”, e não sexo imediatamente.

Parece-me, contudo, que a Sagrada Escritura, querendo precaver-se para que não surgisse, nos que leem, algum erro no que respeita à palavra amor, e sobretudo por causa dos mais fracos, designou por um termo moralmente superior, como “afeto” ou “ternura”, o que entre os sábios deste mundo é chamado desejo ou paixão; assim é, por exemplo, quando fala de Isaac: “E recebeu Rebeca com afeição, e a tornou sua esposa”, e mais adiante, a propósito de Jacó e Raquel, de modo semelhante diz a Escritura: “Raquel tinha bela aparência e um rosto bonito, Jacó gostou dela e disse: te servirei sete anos por Raquel, tua filha mais nova”.<sup>327</sup>

Em parte, Orígenes foi prudente, por outro, extrapolou a tarefa de delimitar um termo adequado capaz de separar as qualidades de amor no Cântico dos Cânticos e também no restante da Escritura. *Eros* então, para Orígenes, mesmo utilizado na literatura profana e com definição sexual, terá sentido místico, que o ajudará na leitura sponsal do Cântico. É assim que pensa Erlânio Ribeiro ao dizer:

É perceptível a prudência de nosso autor quanto ao uso do vocábulo *eros*. No entanto, segundo comentadores, Orígenes incorporou termo *eros* ao vocabulário cristão em sentido positivo. Todos aqueles que foram influenciados por Orígenes, como Gregório de Nissa, João Crisóstomo, Máximo, o Confessor, deram ao termo *eros* um sentido profundo e místico. Nos textos dos Padres, essa palavra, também é usada para as paixões desordenadas. Não terá esse último sentido ofuscado o valor pujante de *eros* na vida cristã? Em todo caso, na mística origineniana *eros* constitui uma dimensão imprescindível na busca de Deus.<sup>328</sup>

Orígenes entende que até em relação a Deus não havia problemas se o termo *eros* não desvirtuasse o sentido do amor místico que tanto deseja infundir, aliás, chegou a dizer: “Não é importante que se diga se Deus é amado (*ágape*), ou se é querido (*eros*), nem creio que se possa censurar alguém só por dizer que Deus é amor (*eros*), tal como João disse que ele é caridade (*ágape*)”.<sup>329</sup> Orígenes recorreu a uma frase de Inácio de Antioquia a respeito de Cristo: “Meu amor (*eros*) está crucificado”. A menção de “*eros*” na definição do tipo de amor que Inácio exclama por Cristo poderia ter problemas. Orígenes, entretanto, considera injustiça se acaso Inácio fosse reprovado por isso.<sup>330</sup>

<sup>325</sup> ORÍGENES, Prólogo, 2,23, p. 101.

<sup>326</sup> ORÍGENES, Prólogo, 2,23, p. 101.

<sup>327</sup> ORÍGENES, Prólogo, 2,20, p. 100.

<sup>328</sup> RIBEIRO, F, 2019, p. 41.

<sup>329</sup> RIBEIRO, F, 2019, p. 41; ORÍGENES, Prólogo, 2,36, p. 106.

<sup>330</sup> ORÍGENES, Prólogo, 2,36, p. 106.

#### 3.4.4.

#### A alegoria-dramática da esponsalidade

A partir de Orígenes, entra na tradição eclesiástica a interpretação do Cântico dos Cânticos como uma narrativa dramática. De fato, Orígenes foi enfático aproximando-se de cada poema, alertando o leitor que o comentário a seguir trata-se de um drama. Justamente por isso, ler o Cântico dos Cânticos como um enredo dramático constitui-se uma chave de valor a quem deseja imergir no pensamento de Orígenes. Quer dizer, referiu-se ao Cântico, ora, de “ordenamento dramático”<sup>331</sup>; “plano do drama”<sup>332</sup>; “ação dramática”<sup>333</sup>; “assunto do drama”,<sup>334</sup>; “gênero dramático”<sup>335</sup>; “narrativa do drama”<sup>336</sup>; “drama nupcial”<sup>337</sup>, enfim, “sequência dramática”<sup>338</sup> ou “drama de amor”.<sup>339</sup> Observe, portanto, o enredo traçado por Orígenes se o que se deseja é envolver-se no drama como estruturou:

É preciso lembrar o que advertimos no Prólogo: que este livro tem a forma de um epitalâmio, e está escrito ao modo de um drama. Ora, existe drama quando certos personagens entram em cena, e falam, e outros vão chegando depois, uns entram e outros saem, e a ação se passa com troca de personagens... Nessa estória, entra primeiro em cena uma esposa que recebeu, de um Esposo de alta estirpe, ricos presentes, como dote e garantia de noivado; mas como ele demora muito para chegar, ela se consome no desejo do seu amor, e, abatida e prostrada em casa, faz tudo o que pode para finalmente poder ver o esposo e gozar dos seus beijos. Mas, como vê que seu amor tarda, e ela não pode alcançar o que deseja, se volta para Deus e reza, sabendo que ele é o Pai do seu esposo.<sup>340</sup>

Lloyd Carr afirma que de Orígenes em diante certos teólogos comentadores viram através dos seus olhos e seguiram, portanto, a perspectiva do drama, até que ela perde a sua força, retornando no séc. XX quando Delitzsch a reintroduziu em seu comentário.<sup>341</sup> Desde então se mantém dividida as opiniões acerca dessa chave de Orígenes para a compreensão do Cântico dos Cânticos.<sup>342</sup>

Isso porque, como comenta Carr, o entendimento de Orígenes está em desalinho, ao entendimento de outros autores acerca do que seria um drama

<sup>331</sup> ORÍGENES, Livro I, 4,1, p. 153.

<sup>332</sup> ORÍGENES, Livro I, 5,2, p. 165.

<sup>333</sup> ORÍGENES, Livro II, 7,1, p. 234.

<sup>334</sup> ORÍGENES, Livro II, 3,1, p. 199.

<sup>335</sup> ORÍGENES, Livro II, 4,1, p. 206.

<sup>336</sup> ORÍGENES, Livro II, 4,3, p. 206.

<sup>337</sup> ORÍGENES, Livro II, 4,6, p. 207.

<sup>338</sup> ORÍGENES, Livro II, 4,11, p. 208.

<sup>339</sup> ORÍGENES, Livro III, 8,15, p. 299.

<sup>340</sup> ORÍGENES, Livro I, 1,1, p. 135.

<sup>341</sup> EATON. M; CARR, G.L. *Eclesiastes e Cantares: Introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1989, p. 194.

<sup>342</sup> EATON. M; CARR, G.L, 1989, p. 194.

propriamente. E ainda, Carr afirma que o Cântico dos Cânticos em si, carece de elementos coesos que permitiriam caracterizá-lo de drama.<sup>343</sup> A citar Aristóteles como exemplo, Carr declara que “... para ser drama, deveria ter começo, meio e fim”.<sup>344</sup> Continua Carr: “ele [Aristóteles] corretamente pressupôs que o drama deve ser uma unidade integral e consistente”.<sup>345</sup> Diante disso, Carr é um que, embora constate elementos soltos no Cântico dos Cânticos que configurem drama, não segue Orígenes totalmente nessa chave de interpretação.<sup>346</sup> Têm-se agora suas palavras:

Há elementos de conflito e resolução (3,1-4; 5,2-7), mas dificilmente detectar-se-ia desenvolvimento ou progresso, no desenrolar da história. Nada existe quanto a instruções de palco, e é pequeníssima a concordância quanto à atribuição dos diálogos aos vários personagens. Tampouco há acordo unânime, e claro, a respeito da divisão dos livros em “atos”, ou “cenas”.<sup>347</sup>

Seja como for, em se tratando de Orígenes, tem-se um drama nupcial no Cântico dos Cânticos e ele é chave de leitura. Em *Homilias I* Orígenes convida o leitor à ascensão e à Bem-aventurança por chegar-se aos desafios.<sup>348</sup> Como acesso preliminar aos mistérios, Orígenes facilita esboçando um esquema estrutural que certamente é seu drama nupcial.<sup>349</sup> De tão inseguro dado à dificuldade do Cântico Orígenes conta com as orações a fim de que lhe fosse revelasse a composição do drama. Nosso autor identifica quatro personagens, ou quatro vozes que se interpelam: o esposo; a esposa; as moças com a esposa; e os amigos do esposo<sup>350</sup>. É quando então esboça o formato: “Algumas coisas são ditas pela esposa, outras pelo esposo; algumas pelas jovens, algumas pelos companheiros do esposo. É certamente conveniente que, nas núpcias, o grupo das jovens esteja com a esposa, e o grupo dos jovens com o esposo”.<sup>351</sup>

No drama, Cristo é o esposo; a Igreja é a esposa; as almas dos fiéis são as jovens que estão ao lado da esposa; e por fim, os anjos como aqueles que são os companheiros do esposo.<sup>352</sup> São, portanto, quatro graus de existência muito próximos um do outro. Orígenes no convida a subir de grau no drama, isto,

<sup>343</sup> EATON. M; CARR, G.L, 1989, p. 195.

<sup>344</sup> EATON. M; CARR, G.L, 1989, p. 195.

<sup>345</sup> EATON. M; CARR, G.L, 1989, p. 195.

<sup>346</sup> EATON. M; CARR, G.L, 1989, p. 195.

<sup>347</sup> EATON. M; CARR, G.L, 1989, p. 195.

<sup>348</sup> ORÍGENES, Homilia I, p. 23.

<sup>349</sup> ORÍGENES, Homilia I, p. 24.

<sup>350</sup> ORÍGENES, Homilia I, p. 25.

<sup>351</sup> ORÍGENES, Homilia I, p. 25.

<sup>352</sup> ORÍGENES, Homilia I, p. 25.

começamos sendo apenas uma amiga da esposa, mas pode-se progredir no drama e como Orígenes nos provoca pode-se chegar ser a própria esposa, a esposa do Cristo-Esposo.<sup>353</sup>

Quando tiveres entendido isso, ouve o Cântico dos Cânticos e apressa-te em entender e em dizer com a esposa aquilo que a esposa diz, para que também ouças o que a esposa ouviu. Se, porém, não puderes dizer com a esposa o que a esposa disse, de modo que ouças aquilo que foi dito à esposa, apressa-te pelo menos em estar entre os companheiros do esposo. Porém, se estás aquém também desses, põe-te com as jovens que permanecem nas graças da esposa.<sup>354</sup>

Resta, agora, seguir o itinerário que nosso autor nos legou, em direção aos braços do esposo, que afetuosamente nos espera, é preciso, antes esforço e penitência...

---

<sup>353</sup> ORÍGENES, Homilia I, p. 26.

<sup>354</sup> ORÍGENES, Homilia I, p. 26.

## 4.

### O itinerário esponsal origeniano no Cântico dos Cânticos

Chegamos ao último capítulo desta dissertação. Aqui foram abordados, dando agora bastante prioridade às palavras de Orígenes, os tópicos que configuram a esponsalidade de Cristo com a Igreja ao à alma fiel, visto que ambas as perspectivas se encontram. Ler-se-á, aqui, aquilo que podemos chamar de “Palavras de Orígenes”, embora saibamos que muitos trechos foram recondicionados. Foi feito um recorte dos elementos que nos permitem fazer o itinerário da alma à união mística com o Verbo, nas categorias da esponsalidade, partindo da forma como a esposa estava: desgarrada, desprotegida, mas amada até desfrutar do peito do amado. Para isso, servimo-nos das premissas hermenêuticas de Orígenes, já observadas neste trabalho, e é claro, o amor do Deus, que é axiomático, no qual Orígenes se valeu para sermonar e comentar o Cântico dos Cânticos.

O livro bíblico por si só é carregado de elementos da fauna e flora da Palestina além de componentes doutras regiões. Nosso autor também enfatizou as partes do corpo humano para pontuar como os amantes se observavam nos detalhes que caracterizam cada um antes nas núpcias, aonde se dará o encerramento desta dissertação. Nosso objetivo final, como já foi dito acima, é repensar, à luz desse itinerário espiritual de Orígenes, tal como comentou no Cântico dos Cânticos, que a união mística com Cristo é tão candente de ambas as partes, porém progressiva, sendo até mesmo possível regressar em graus de afetividade, se houver descuidos daquele que é chamado “esposa” e também para que nos inspiremos a tornar-nos esposas – afirmava Orígenes.<sup>355</sup>

#### 4.1.

##### A sensualidade no centro do itinerário espiritual de Orígenes

Antes do contato entre os amantes há uma bela descrição no Quinto poema do livro bíblico que deixa entrever como o esposo observava a esposa da cintura para cima (Ct 4,1-7), antes de tocá-la. No Nono poema, ao que parece, as observações partem da cintura para baixo (Ct 7,2-3), depois subindo novamente

---

<sup>355</sup> ORÍGENES, Homilia II, 4, p. 58.

os olhos. Isto assim, lê-se no Quinto poema, o amado acentuando os “olhos”; “cabelos”; “dentes”; “lábios”; “tuas faces”; “teu pescoço”; “teus seios”, em seguida lê-se: “*És toda bela, minha amada e não tens um só defeito*” (Ct 4,1-7). No mesmo poema, mas mais próximo do final o amado se expressa: “*Roubaste meu coração minha irmã, noiva minha*” (Ct 4,9). Noutro poema, no Nono, o amado destacou: “as curvas dos quadris”; “o umbigo”; “o teu ventre” até “os teus pés” (Ct 7,2-3).

João Lupi informa que, ao longo dos séculos, muitas leituras e interpretações foram feitas ao livro bíblico do Cântico dos Cânticos, todavia, os respectivos autores amenizaram e evitaram interpretações extravagantes que exaltavam a sensualidade, mas transcendendo, das ideias sobre a união entre homem e mulher à união mística da alma ao Verbo divino.<sup>356</sup> Já sobre a forma como Orígenes empreendeu, Lupi relata que:

Não assim no Comentário de Orígenes, que não suaviza as expressões de sensualidade; pelo contrário, as prolonga e completa com outras passagens da Bíblia. Ele parece querer dizer que o corpo humano e suas emoções são algo tão bom – porque criado por Deus –, que tudo neles pode ser divinizado, por mais que seja gerado pelos sentidos e emoções. Mas, insiste, o significado do Cântico não é carnal nem corporal, mas espiritual, pois tudo no corpo, na matéria, na arte, deve concorrer para a elevação do espírito.<sup>357</sup>

Isso porque há outro modo possível de percorrer o itinerário esponsal no Cântico dos Cânticos, detendo-se nas metáforas vegetais que também permitem descrever a relação entre os amantes. As metáforas vegetais têm seu valor no itinerário, contudo, Orígenes deu maior ênfase, até por convicção teológica, à corporalidade como centro das suas alegorias no itinerário da alma.<sup>358</sup> Segundo Lupi, Orígenes cria que o corpo continha espiritualidade e justamente por isso Orígenes deu atenção às emoções, tanto da esposa quanto do esposo.<sup>359</sup>

Nesse drama, como obra de arte, as emoções são fundamentais, pois elas são parte integrante da vida corporal e sensível do ser humano; tanto o Cântico como o Comentário expõem e descrevem emoções diversas, em muitos substantivos e expressões verbais, como exultar, alegrar-se, felicitar, gozo, deleitar-se, excitar, desejar... Elas estão dispersas ao longo de toda a obra, praticamente em cada página; de tal modo são abundantes que, para avaliar corretamente o pensamento de Orígenes acerca das emoções, precisamos nos deter em alguns exemplos [...]. O amor e as emoções amorosas dos amantes são o maior destaque do Cântico, e se nele já há um excesso de arrebatamento, em Orígenes espanta ler os detalhes do frêmito de amor: as pernas tremem, o olhar se perturba, o corpo se agita... O esposo vem do trabalho e chega perto de casa: vem apressado, salta e pula, mas se contém, brinca, fica olhando pelas frestas da janela, faz ouvir a sua voz de longe para despertar a

<sup>356</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 80.

<sup>357</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 80-81.

<sup>358</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 81.

<sup>359</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 82.

amada, esconde-se, e quando chega mais perto, enche os ouvidos da amada com palavras carinhosas. Mas é ao falar das emoções femininas que o Cântico e o Comentário são mais vívidos. A esposa emocionada com as palavras do esposo e com as belezas que viu na casa dele sente suas pernas fraquejarem e pede aos amigos que a deixem encostar numa árvore: Orígenes apenas repete a seu modo o que está no Cântico, porque o mais específico dele é considerar essa cena, tocante de sensibilidade, como sendo adequada para representar a Igreja.<sup>360</sup>

Dessa maneira, talvez faça sentido concordar com as palavras de Jean-Yves quando diz: “Quanto mais lemos o Cântico, menos encontramos seu sentido e mais encontramos o seu charme”.<sup>361</sup> É na observação desses componentes que saltam aos olhos o quanto o padre de Alexandria apegou-se ao amor como a chave interpretativa do Cântico dos Cânticos. Na verdade, o amor entre homem e mulher no livro bíblico, deveria gerar amor igualmente nos leitores de hoje.<sup>362</sup> O mesmo se aplica em relação a Cristo, quer dizer, quando se contempla a beleza do Verbo divino “podemos ser capazes de nos abrasar de amor por ele”.<sup>363</sup> Vê-se então como Orígenes levou sua fé no amor para sua hermenêutica, por isso deu ênfase nos elementos corporais no Cântico dos Cânticos.

Amar é natural do homem e, como afirmou Orígenes, “sem dúvida todos os homens amam alguma coisa, e não há um só que, chegado à idade de amar, não ame algo”.<sup>364</sup> Tem-se, portanto, no Cântico dos Cânticos, uma ação descritiva que valoriza o corpo humano na experiência unitiva com Cristo, o que para Lupi, tem, em Orígenes, intenções apologéticas:

O que ele [Orígenes] demonstra e defende é a beleza e bondade da excitação sensual e amorosa, a beleza e bondade do corpo e de tudo o que nele há, pois é capaz de ser imagem e representação do espírito, da vida do ser humano em Deus – aliás, essa afirmação da bondade do corpo e da sensibilidade controlada, ou da sensibilidade equilibrada pela razão tem implícita a negação de qualquer maldade inata do corpo, o que está presente nas muitas críticas sub-reptícias e indiretas aos gnósticos e a todos aqueles que consideram que a matéria é fruto e causa do mal.<sup>365</sup>

Lupi diz que outras leituras foram feitas por outros autores, em que o amor sensível dos amantes foi entendido como um itinerário a Deus.<sup>366</sup> Neste capítulo, enxertamos aquilo que passou aos olhos de Orígenes, talvez como indicativo de que outros ascenderam à vida adulta – e era o que tanto Orígenes queria e instou aos que se aproximavam do Cântico dos Cânticos. O Cântico dos Cânticos não

<sup>360</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 82-85.

<sup>361</sup> LELOUP, J. O Cântico dos Cânticos: a sabedoria do amor. Petrópolis (RJ): Vozes, 2019, p. 11.

<sup>362</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 83.

<sup>363</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 83.

<sup>364</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 83.

<sup>365</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 86.

<sup>366</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 87.



pretende definir o que é o amor, somente convida-nos a fazer o itinerário, a fim de que se descubra por si só o que é amor para o leitor.<sup>367</sup>

#### 4.1.1.

##### “Que me beije com beijos de sua boca” (Ct 1,2a)

Iniciamos nosso itinerário no Prólogo do Cântico dos Cânticos (Ct 1,2-4). Aqueles que interpretam literalmente costumam tratá-lo como uma introdução ao tema do “Israel no exílio e sua esperança de retornar a terra”.<sup>368</sup> Orígenes, por sua vez, começa seu comentário afirmando que o Prólogo do livro: “dirige-se à relação da Igreja com Cristo, sob a imagem da esposa e do esposo, ou da alma com o Verbo ou a Palavra de Deus”.<sup>369</sup> Então diz:

Nessa estória, entra primeiro em cena uma esposa que recebeu, de um Esposo de alta estirpe, ricos presentes, como dote e garantia de noivado; mas como ele demora muito para chegar, ela se consome no desejo do seu amor, e, abatida e prostrada em casa, faz tudo o que pode para finalmente poder ver o esposo e gozar dos seus beijos. Mas, como vê que seu amor tarda, e ela não pode alcançar o que deseja, se volta para Deus e reza, sabendo que ele é o Pai do seu esposo.<sup>370</sup>

Tem-se, no drama, uma esposa “abrasada pelo desejo do seu esposo e inquieta por causa da ferida íntima do amor”.<sup>371</sup> Nosso autor assegura que a esposa recebe dotes antes da núpcia: “Tenho tudo, estou repleta de presentes, que recebi como dote dos sponsais antes das núpcias”.<sup>372</sup> Esses dotes foram a “Lei e os Profetas”, servindo de “segurança” para algo muito maior. Isso porque Orígenes acreditava no caráter profético do AT, o qual, por vezes aponta para a vinda de Cristo.

Porém, para me inflamarem no seu amor e desejo, anunciaram a vinda dele com clamores proféticos; e, cheios do Espírito Santo, pregaram suas inúmeras virtudes e grandes maravilhas. Descreveram também sua beleza, seu aspecto e seu encanto, de tal maneira que, por tudo isso, eu estava ardendo de amor de modo insofrível.<sup>373</sup>

Esses são os “beijos de Cristo”, que ele ofereceu à Igreja. Orígenes entende, também, que os anjos serviram-na, porque se lê na Escritura sobre o papel medianeiro dos anjos (Gl 3,19). Sendo assim, Orígenes dizia que a Igreja recebera

<sup>367</sup> LELOUP, J, 2019, p. 34.

<sup>368</sup> SCHÖNBERGER, L. *In*: ZENGER, E (Org.). Introdução ao Antigo Testamento: São Paulo: Loyola, 2016, p. 341.

<sup>369</sup> ORÍGENES, Livro I,1,2, p. 135.

<sup>370</sup> ORÍGENES, Livro I,1,3, p. 135.

<sup>371</sup> ORÍGENES, Livro I,1,4, p. 136.

<sup>372</sup> ORÍGENES, Livro I,1,5, p. 136.

<sup>373</sup> ORÍGENES, Livro I,1,6, p. 137.

muitos “beijos” que vieram da Lei e dos Profetas, e dos anjos. Já a alma, recebera dotes como a lei natural, livre arbítrio, além da capacidade de pensamento, contudo, segundo o padre alexandrino, a esposa ainda deseja o beijo, dessa vez, do próprio esposo.

Eu te peço e suplico, ó Pai do meu esposo, que tenhas misericórdia com o meu amor, e mo envies para que não seja mais pelos anjos, seus enviados, e pelos profetas que ele me fale, mas que ele mesmo venha e ‘me beije com os beijos da sua boca’ e que eu o ouça falar, a ele mesmo, e que eu o veja ensinar”.<sup>374</sup>

Isto assim, Orígenes, na verdade, insinuava um ponto místico desse beijo, pois o padre alexandrino ensinava que a encarnação de Cristo oportunizou às testemunhas oculares, mas também às gerações cristãs, algum tipo de contato indireto com “boca de Cristo”. Baseado em Is 63,9 Orígenes ensinava que “fé, caridade e paz” eram de certa forma um contato com Cristo.<sup>375</sup> Além dos dotes que elencamos acima, tanto os da Igreja, quanto os da alma, soma ainda o trabalho dos doutores do cristianismo com a mesma finalidade: provocar o contato com Cristo.<sup>376</sup> Ainda assim, segundo o nosso autor, havia um nível mais tocante, particular, sem absolutamente nenhuma instrumentalização mediadora. Orígenes, então, diz:

Mas como nessas coisas, ela não tem plena e perfeita satisfação para os desejos do seu amor, ela reza para que sua mente pura e virginal seja esclarecida pelas visitas e iluminações do próprio Verbo de Deus. Porque quando sua mente fica preenchida com as divinas interpretações e significados, sem a intervenção de nenhum homem nem anjo, então ela crê que recebeu os beijos do próprio Verbo Divino. Por isso, e por causa dos beijos recebidos dessa maneira, é que a alma que ora a Deus diz: “Beije-me com os beijos da sua boca”.<sup>377</sup>

Em seguida, Orígenes discorreu sobre o momento obscuro que anuviou a obtenção do conhecimento puro do Verbo, que por certo tempo fez a esposa depender de mediadores os quais só faziam arder ainda mais seu desejo por um contato direto, pleno e perfeito com o esposo.

Enquanto ainda não era capaz de entender a doutrina sólida e pura do próprio Verbo Divino, era necessário que a alma recebesse os beijos, isto é, os significados, da boca dos doutores; mas quando começou a discernir por si mesma o que é obscuro, a desatar o que está enovelado, a abrir o que está embrulhado, e a explicar, com expressões apropriadas e inteligíveis, as parábolas, enigmas, e ditos dos sábios, então ela crê que recebeu os beijos do seu esposo, isto é, o Verbo Divino.<sup>378</sup>

<sup>374</sup> ORÍGENES, Livro I,1,7, p. 137.

<sup>375</sup> ORÍGENES, Livro I,1,8, p. 137.

<sup>376</sup> ORÍGENES, Livro I,1,9, p. 138.

<sup>377</sup> ORÍGENES, Livro I,1,10, p. 138.

<sup>378</sup> ORÍGENES, Livro I,1,11, p. 138.

E é aqui que Orígenes aplica a camada dos sentidos, a fim de que a alma fiel receba do próprio Verbo os beijos. A alma “cujo empenho está todo na união e ligação com Verbo de Deus”,<sup>379</sup> deve buscar iluminação dos significados obscuros. À vista disso, Orígenes diz-nos que a expressão “beijos” no plural significa justamente isso: um acesso autorizado para se obter não um, mas vários beijos de Cristo, e à medida que isto se dá a esposa adquire luz para compreender o sentido das coisas encobertas.<sup>380</sup>

Portanto, acreditamos que quantas vezes no nosso coração descobrirmos, sem ajuda dos conselhos alheios, algo que estamos procurando nos significados das doutrinas sagradas, tantas vezes o Verbo Divino nos beijou. Quando, porém, na nossa busca não conseguimos encontrar o sentido das coisas divinas, então façamos nosso o sentir dessa oração e solicitemos a Deus a visita do seu Verbo, dizendo: “Que me beije com os beijos da sua boca”.<sup>381</sup>

O doutor de Alexandria dizia que pela boca do esposo saía poder, por onde a mente é iluminada “revelando tudo o que é desconhecido e obscuro, esse é o beijo mais autêntico, mais íntimo e mais santo que se pode afirmar que o Verbo de Deus deu na sua esposa, quer dizer, à alma pura e perfeita”.<sup>382</sup> Ouve-se, ademais, a esposa exclamar: “*Seu amor é melhor do que o vinho*” (Ct 1,2b). Orígenes trocou a palavra “amor”, por “peito”<sup>383</sup>, contudo, por ora, faz-se necessário discorrermos sobre o entendimento de Orígenes acerca da parte final do v. 2 do Prólogo do livro bíblico que, na verdade, seguiu a mesma linha de raciocínio, ou seja, Orígenes dizia que a esposa, durante tempos, embriagou-se da doutrina dos antigos.<sup>384</sup> Esse é o significado que Orígenes deu para esse “grito” da esposa.

Em acréscimo ao que comentou Orígenes, Hudson Taylor, numa interpretação mais de cunho existencialista, pode somar ao que esta dissertação intenta. Intitulado de: “*A vida sem satisfação e a solução para isso*”<sup>385</sup>, Taylor analisa igualmente o texto de Ct 1,2-4 com intenção de mostrar que a noiva “teve seus olhos abertos para contemplar a beleza do esposo, e anela por usufruir mais plenamente do seu amor”.<sup>386</sup> Quer dizer, a noiva, aqui, segundo Taylor, deseja beijar o esposo, após concluir que seu amor é melhor que o vinho (Ct 1,2b).

<sup>379</sup> ORÍGENES, Livro I,1,9, p. 136.

<sup>380</sup> ORÍGENES, Livro I,1,12, p. 138.

<sup>381</sup> ORÍGENES, Livro I,1,14, p. 139.

<sup>382</sup> ORÍGENES, Livro I,1,13, p. 139.

<sup>383</sup> Mais adiante há um tópico sobre o entendimento de Orígenes a respeito da importância da esposa deter-se no peito do esposo.

<sup>384</sup> ORÍGENES, Livro I,2,9, p. 143.

<sup>385</sup> TAYLOR, H. *Cântico dos Cânticos*. Publicações Pão Diário. São Paulo: 2002, p. 21-22.

<sup>386</sup> TAYLOR, H, 2002, p. 21-22.

Taylor ressignifica o vinho, afirmando que ele remete, no drama, à vida longe do noivo, de seu amor e cuidado.<sup>387</sup>É, portanto, aqui, o ponto de partida para o desenvolvimento da noiva à luz do contato que teve com o Verbo.

E esta experiência registrada é uma espécie de garantia divina ao desejo por sensíveis manifestações de Sua presença, sensíveis comunicações do Seu amor. Mas não foi sempre assim com ela. Outrora ela estava satisfeita em sua ausência, e outro relacionamento com outras ocupações a satisfiziam; mas agora isso não pode ser mais assim. O mundo não pode mais ser para ela o que já foi; a noiva aprendeu a amar ao seu Senhor, e nenhum outro relacionamento que não seja com Ele pode satisfazê-la. Suas visitas podem ser ocasionais e breves, mas são preciosos momentos de deleite. Esses momentos são lembrados com prazer nos intervalos, e a repetição deles é muito desejada. Não há qualquer satisfação real sem sua presença.<sup>388</sup>

Para essa embriaguez da esposa Jean-Yves apresenta-nos outra interpretação a qual, segundo relata, foi levada adiante por outros padres da igreja após Orígenes.<sup>389</sup>Yves disserta a ideia de que a embriaguez da doutrina dos antigos e a embriaguez existencial deram lugar a uma embriaguez do Espírito e por isso ressignifica os beijos que a esposa tanto clama para receber.

Não há dúvida de que o beijo é o Espírito Santo que une o Pai e o Filho, mas une também todos os crentes à presença d'Aquele no qual eles creem. Esse desejo pelos “beijos da sua boca” é o desejo de um novo Pentecostes, no qual os discípulos, sob influência do Espírito, foram considerados “ébrios do doce vinho”; os Padres falarão frequentemente sobre essa “embriaguez sóbria”, essa alegria infinita concedida pela graça e que nenhum “vinho da terra” pode dar.<sup>390</sup>

Para Yves, “beijar”, na língua hebraica significa *nashak* que pode dar uma tradução de “respirar juntos”.<sup>391</sup>Além das palavras que isolamos em destaque acima, Yves enfatiza-as recordando um dado no *Evangelho de Maria Madalena* onde é dito que Jesus e Maria se beijam na boca.<sup>392</sup> Para Yves, deve-se ir além da dimensão erótica ao observar esse relato. Yves conectou esse dado ao que Orígenes já dizia em seu tempo. Ou seja, beijar na boca de Maria Madalena, intenta dizer, segundo Yves: “O beijo do mestre ao seu discípulo, através do qual ele transmite sua palavra e seu sopro”.<sup>393</sup>Depois, Yves soma-se aos demais autores que aqui nos servimos, ao dizer que é justamente aqui que se inicia “a primeira experiência de amor segundo o Cântico dos Cânticos: amar é respirar

<sup>387</sup> TAYLOR, H, 2002, p. 22.

<sup>388</sup> TAYLOR, H, 2002, p. 22.

<sup>389</sup> LELOUP, J, 2019, p. 43.

<sup>390</sup> LELOUP, J, 2019, p. 43.

<sup>391</sup> LELOUP, J, 2019, p. 43.

<sup>392</sup> LELOUP, J, 2019, p. 43.

<sup>393</sup> LELOUP, J, 2019, p. 44.

juntos, descobrir o sopro que nos é comum, o grande Sopro que se mistura aos nossos sopros e, ao mesmo tempo, nos une e nos diferencia”.<sup>394</sup>

Jean-Yves acrescenta quando recorda palavras que lhe foram ditas pelo Pe. Serafim e destaca a seguinte colocação: “orar é respirar”<sup>395</sup>. Assim, para Yves, orar é também beijar a boca de Cristo, porque na oração esses sopros se encontram. Por isso sugere interpretar o texto de Jo 4,23 no qual é dito “*que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito [Pneuma: lit. Sopro] e verdade*”.<sup>396</sup>

Outro teólogo que pode acrescentar ao que intenta este trabalho é Bruno Forte. Tal como Taylor, Forte começa o itinerário apontando ao menos três graus de amor no Cântico dos Cânticos. Forte fala, inicialmente, em dois graus de amor: (1) “O amor que procura”, considerado por Forte como o primeiro grau do amor; (2): “O toque do amado”, sendo este o segundo grau do amor e, por fim, (3) tem-se o último grau que é “O amor virtuoso”.<sup>397</sup> Diferente de Taylor que enfatiza seu começo mostrando a noiva cansada do vinho e da alegria longe do amor do esposo, Bruno Forte acentua o começo do itinerário da esposa no Quinto poema, aonde se lê que o esposo chama a esposa de “*jardim fechado*” (Ct 4,12). Para Forte, a imagem do jardim evoca o começo do amor entre Adão e Eva, assim como o começo da relação entre Deus e o homem e, conforme a nossa busca, o amor entre Cristo e sua Igreja.

A procura é voltada para uma meta, a amada, representada com a imagem do jardim, o lugar do primeiro início dos seres e do nascimento do amor humano, o termo de desejo do coração humano, peregrino para o jardim encontrado no templo messiânico. “És um jardim fechado, minha irmã e esposa, jardim fechado e fonte lacrada; teus rebentos são um jardim de romãs com frutos excelentes...” [...]. Com analogia singular, no capítulo 20 do Evangelho de João, Madalena procurará no jardim o amado perdido (“Quem procuras?”, v. 15) e conseguirá ver o Ressuscitado justamente porque é movida pelo amor: o encontro com o Ressuscitado demonstra verdadeiramente como somente o amor é forte como a morte (Ct 8,6).<sup>398</sup>

Dessa forma, Bruno Forte demarca essa expressão do noivo e entende que aí se dá o primeiro grau do amor. É, como expressa Forte: “a etapa do desejo e da procura”<sup>399</sup>. Quer dizer com isso que Cristo, em busca de sua amada, vai de volta

<sup>394</sup> LELOUP, J, 2019, p. 44.

<sup>395</sup> LELOUP, J, 2019, p. 44.

<sup>396</sup> Segundo Yves, a expressão quer dizer literalmente “adorar no Sopro”. LELOUP, J, 2019, p. 44.

<sup>397</sup> FORTE, B. Os graus do amor no Cântico dos Cânticos. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 25.

<sup>398</sup> FORTE, B, 2012, p. 25.

<sup>399</sup> FORTE, B, 2012, p. 25.

ao jardim e, justamente ali, provou o amor que Forte chama de “Amor que procura”, da mesma forma como fez Madalena.<sup>400</sup>

Forte observa outro texto no Cântico dos Cânticos, desta vez, a procura por parte da esposa pelo noivo. O texto pertence ao Terceiro poema (Ct 3,1-5). Tem-se a descrição da esposa com ânsias pelo esposo que lhe sumiu, mas é “à noite” que ela sente a sua ausência. Forte romantiza o que a noite, em geral, significa para um casal. É quando então diz:

Esta é, por excelência, o tempo do sonho, do desejo permeado de elementos fantasiosos, em que o poder do amor acende a imaginação, e a ausência de luz inclina a iluminar cada coisa com a chama alimentada pela presença ausente do amado. Na noite, a amada procura o amado, inicialmente o caminho é iluminado somente pelo desejo e pela espera. Nos versículos 1-2, o verbo “procurar” é repetido quatro vezes; ele expressa não só a intensidade do desejo amoroso, mas também a percepção da ausência do outro como uma falta, como alguma coisa que deveria estar e não está, uma espera não satisfeita.<sup>401</sup>

Forte emenda Ct 3,1-5 à Ct 5,6-8<sup>402</sup>, ainda com intenção de apresentar os graus de amor no Cântico dos Cânticos. Em Ct 5,6-8 Forte preza pela audácia da esposa em, à noite, ir atrás do seu esposo, arriscando-se e, como é descrito no livro: surraram-na, feriram-na e despiram-na (Ct 5,7).

Ora é descrita a audácia de quem – insone na procura do amado – não tem medo de se aventurar na noite (Ct 3,1-4). Ora é apresentado o tormento de quem, até no sono, continua a fantasiar sobre ele: “Eu durmo, mas meu coração vigia” [...]. Finalmente, o desejo parece desatinar e elabora hipóteses irreais em torno do encontro com o amado: “Quem me dera fosses meu irmão, amamentando aos seios de minha mãe, para que eu pudesse encontrar-te fora e beijar-te, sem que ninguém me despreze” (Ct 8,1).<sup>403</sup>

Isto assim, Forte, então, leva-nos à pergunta: “O que a impele tão ardentemente a procurá-lo?”<sup>404</sup> E responde dizendo que a descrição tão detalhada que a noiva fez do esposo foi capaz de fazer com que as outras mulheres, antes apenas compadecidas, se colocassem à procura do esposo junto com a noiva (Ct 5,9-6,1).

#### 4.1.2.

#### “Teu peito é melhor do que o vinho” (Ct 1,2b)

Outra parte do corpo humano que chama a atenção de Orígenes é o peito, o peito do esposo. Na estória dramática, Orígenes idealiza uma cena na qual a

<sup>400</sup> FORTE, B, 2012, p. 25.

<sup>401</sup> FORTE, B, 2012, p. 26.

<sup>402</sup> FORTE, B, 2012, p. 29.

<sup>403</sup> FORTE, B, 2012, p. 29.

<sup>404</sup> FORTE, B, 2012, p. 28.

esposa, tão feliz por ter recebido beijos do Verbo, observa no mesmo instante o peito do esposo.<sup>405</sup> E assim começa o enredo, afirmou o nosso autor.<sup>406</sup>

Orígenes começa explicando o sentido espiritual desse trecho, conceituando acerca da palavra “coração”, e de como ela perpassa toda a Escritura. Relatou, em acréscimo, que há muitas narrativas que podem servir de comparação para aplicar esse trecho do poema, a fim de buscar explicar o significado dentro da sua proposta hermenêutica.<sup>407</sup> Começou pela comensalidade no Evangelho de João, episódio clássico, que revela alto grau de intimidade entre João e Cristo na última ceia.

Nessas palavras, certamente, se pode ver que João descansava no íntimo do coração de Jesus e nos sentidos das profundezas da sua doutrina, procurando e sondando “os tesouros de sabedoria e ciência que estavam escondidos em Cristo”, pois não me parece inconveniente compreender que o seio de Cristo está no lugar das santas doutrinas.<sup>408</sup>

Na verdade, Orígenes transita por toda Escritura, fazendo literalmente uma teologia sistemática sobre a figura do vinho e do peito.<sup>409</sup> Em geral, todos os textos que trabalhou no seu comentário deram o mesmo resultado, a saber: o peito é melhor que o vinho e é o lugar onde estão escondidos os tesouros da sabedoria.<sup>410</sup> Logo, a esposa viu o quanto era melhor estar agarrada ao peito do esposo do que ocupar-se com o vinho das velhas doutrinas (Lei e os Profetas). A doutrina que vem do peito é, segundo Orígenes, “muito mais perfeita...”.<sup>411</sup> João Lupi salienta que de todas as partes do corpo humano, o peito é a que mais reaparece no Cântico dos Cânticos, variando inclusive de significado, dependendo do lugar aonde é feito a menção:

O peito é, talvez, a parte do corpo que recebe mais atenção do Cântico, e também de Orígenes; tanto o peito do esposo quanto o da esposa são constantemente mencionados como aquela parte do corpo que não só é bela, mas esconde o coração, sede e símbolo da emoção amorosa: “Interpretamos o peito como a parte principal do coração”. Ao descrever as conversas entre os amantes, continua Orígenes logo adiante, de modo muito acolhedor o Cântico diz “que a parte principal do coração é designada pelo peito”.<sup>412</sup>

Cavalcanti traz um pequeno trecho de Ct 1,2 comentado por Gregório de Nissa, um pouco diferente da forma como Orígenes interpretou esse texto, porém

<sup>405</sup> ORÍGENES, Livro I, 2,1, p. 140.

<sup>406</sup> ORÍGENES, Livro I, 2,2, p. 140.

<sup>407</sup> ORÍGENES, Livro I, 2,3, p. 141.

<sup>408</sup> ORÍGENES, Livro I, 2,4, p. 141.

<sup>409</sup> ORÍGENES, Livro I, 2,4, p. 141.

<sup>410</sup> ORÍGENES, Livro I, 2,4, p. 141.

<sup>411</sup> ORÍGENES, Livro I, 2,8, p. 143.

<sup>412</sup> ORÍGENES, Introdução, p. 82.

está de acordo com o itinerário afetivo entre a esposa e o esposo que é o que nos ocupa nesta dissertação.<sup>413</sup>

Em nossa opinião, o que essas palavras significam não é trivial nem sem importância. Através da comparação do leite dos seios divinos com prazer obtido do vinho, aprendemos, creio, que com toda sabedoria humana, a ciência, o poder de observação e a compreensão da imaginação não alcançam o simples sustento derivado do ensinamento divino. O leite, alimento do recém-nascido, vem dos seios. Já o vinho, com sua potência e capacidade de aquecer-nos, é o prazer do perfeito [do homem maduro]. Contudo, a perfeição do conhecimento do mundo é inferior ao ensinamento infantil da palavra divina. Onde os seios divinos são melhores do que o vinho humano.<sup>414</sup>

O padre capadócio compara o peito do esposo a um seio feminino, destacando maior sustância aquele que se agarra a ele que ao vinho. O leite divino é superior a qualquer tipo de conhecimento. Cavalcanti, porém, traz uma discussão a respeito da palavra ideal, a qual pode estar correspondendo melhor a parte “a” do v.2. Ele assume que a palavra “coração”; “amor” ou “seio/peito/mamilo” tiveram seu valor ao longo da interpretação do Prólogo do livro bíblico, mas diz mesmo que a palavra mais correta, segundo a exegese moderna, seria “carícias”, recondicionando assim o texto: “Tuas carícias são melhores do que o vinho”.<sup>415</sup> E é a partir disso que desabrocha uma bela nupcialidade que Cavalcanti limita apenas a um homem e mulher normalmente.

A comparação do prazer resultante das carícias com aquele provocado pelo vinho não pode ter outro sentido que não seja o de que tais carícias são as que estão associadas ao beijo, no caso tendo de ser entendidas como as que produzem o contato com a língua do amante. O Cântico voltará a falar do sabor da língua num elogio à da Sulamita, que sabe a leite e mel (Ct 4,11). Não estranha que se sinta na do amante um sabor comparável ao do vinho.<sup>416</sup>

#### 4.1.3.

#### “O rei me levou à sua câmara” (Ct 1,4)

Orígenes começa a expor este trecho, ainda do Prólogo, considerando o privilégio da esposa em relação às amigas, que também correram, mas não foram introduzidas à câmara do rei.<sup>417</sup> Por ter corrido rápido, chegou primeiro, e obteve um prêmio de inestimado valor. Ao introduzi-la à câmara, o rei, segundo Orígenes, fez da esposa a sua “rainha”.<sup>418</sup> A esposa deve se alegrar, pois na câmara lhe serão revelados “tesouros da sabedoria e da ciência”. O doutor de Alexandria,

<sup>413</sup> CAVALCANTI, 2005, p. 252-253.

<sup>414</sup> CAVALCANTI, 2005, p. 252-253.

<sup>415</sup> CAVALCANTI, 2005, p. 249-253.

<sup>416</sup> CAVALCANTI, 2005, p. 252.

<sup>417</sup> ORÍGENES, Livro I,5,1, p. 164.

<sup>418</sup> ORÍGENES, Livro I,5,9, p. 167.



ao comentar este trecho do Cântico, pensa em textos paulinos que complementam seu pensamento.

Seja como for a realidade de que se trata aqui, é a Igreja (ou a alma) que se une à Palavra Divina; devemos acreditar que a Câmara de Cristo e o celeiro das Palavras de Deus são o próprio pensamento de Cristo e os sentidos ocultos, nos quais a Igreja, ou a alma, que lhe está unida, é introduzida. Dos quais já Paulo dizia: “Nós temos o sentido de Cristo para saber quais são os dons que recebemos de Deus”. “O que Deus preparou para os que o amam nem a vista viu nem os ouvidos escutaram, nem subiu ao coração do homem”.<sup>419</sup>

Embora fosse um lugar secreto estar na câmara real, a Esposa, por sua vez, também tinha sua câmara particular, a Palavra de Deus.<sup>420</sup> Então ensinava Orígenes que era dever da esposa “fechar a porta”; para que, guardada, pudesse receber as riquezas ocultas quando ao Pai, que habita em lugar oculto, clamasse.<sup>421</sup> Em termos cristãos, Orígenes ensinava que era “Cristo introduzindo a alma para que compreenda o seu pensamento”.<sup>422</sup> Seria, portanto, o mesmo que ser introduzido à câmara do rei. Tudo isso não sem esforço pessoal, talvez por isso Orígenes tenha pensado esse texto à luz da metáfora do atletismo grego.

Na teologia sponsal com fonte no Cântico dos Cânticos essa passagem, somada ao texto de Ct 2,4 em geral, é vista em conexão no itinerário espiritual de Orígenes. Hudson Taylor, por exemplo, é um que entrecruza os textos, apresentando dois momentos sublimes que esposa experimenta depois que desejou trocar o vinho pela presença do esposo.

Hudson Taylor começa dizendo que a esposa, no primeiro momento, é introduzida a um lugar extremamente fechado, cuja presença a desfrutar é somente a do esposo,<sup>423</sup> quer dizer, a esposa é levada para um ambiente restrito onde fica a sós com o esposo. Taylor, na força retórica, então se expressa: “Mas, ah! O que vem a seguir? Uma maravilhosa e feliz surpresa! Nem Moriá, nem Calvário, ao contrário, um Rei! Quando o coração se submete, então Jesus reina. E quando Jesus reina, há descanso. E para onde se dirige sua noiva?”<sup>424</sup>, se pergunta Taylor. Ele mesmo responde:

Não primeiramente à sala do banquete – isso acontecerá no devido tempo; mas, primeiro, estar a sós com Ele. Quão perfeito! Poderíamos ficar satisfeitos em encontrar alguém amado somente em público? Não, nós queremos estar com ele à parte, tê-lo exclusivamente para nós. Assim é com o nosso Mestre. Ele toma Sua noiva – agora totalmente consagrada

<sup>419</sup> ORÍGENES, Livro I,5,3, p. 38.

<sup>420</sup> ORÍGENES, Livro I,5,10, p. 167.

<sup>421</sup> ORÍGENES, Livro I,5,10, p. 167.

<sup>422</sup> ORÍGENES, Livro I,5,4, p. 165.

<sup>423</sup> TAYLOR, H, 2002, p. 26.

<sup>424</sup> TAYLOR, H, 2002, p. 26.

– à parte, para experimentar e desfrutar as intimidades sagradas de Seu maravilhoso amor.<sup>425</sup>

Taylor acredita que a noiva é primeiramente conduzida à intimidade com o esposo. É inclusive nesse momento que a luz do rei raia sobre a esposa a qual percebe a negrura de sua pele.<sup>426</sup>Só depois, então, a noiva foi mostrada publicamente após se conduzida à “sala do banquete”. Tem-se aqui uma teologia nupcial que se divide em dois momentos, a saber, a esposa, antes de apresentar-se publicamente, completamente segura do amor de esposo, e só depois, no segundo momento, que é mostrada aos convidados, restaurada e amada pelo rei.<sup>427</sup>

Essa abordagem não está longe de Orígenes. Acontece que nosso autor interpretou simultaneamente as duas possíveis formas de tradução e deu sentido ao drama. Vê-se assim que Orígenes também ligou Ct 1,4 à Ct 2,4 no itinerário da Igreja/alma.

“Leva-me à adega.” Essas são ainda palavras da esposa, mas são dirigidas, creio eu, aos amigos e familiares do esposo; parece que lhes pede que a introduzam na casa da alegria, onde se bebe vinho e se preparam iguarias; porque aquela que já tinha visto a câmara do rei deseja agora ter acesso ao banquete real e desfrutar do vinho da alegria.<sup>428</sup>

Orígenes recomenda, portanto, que a Igreja e toda alma entre nessa adega para ter o aquilo que é perfeito.<sup>429</sup>E como é sua característica, incentiva a que isto se torne exercício espiritual: “O conhecimento da ciência e da sabedoria divinas continuamente aumenta e se renova pelo progresso dos que aprendem”.<sup>430</sup>

Stadelmann é outro autor que, à luz da exegese, chega também ao mesmo resultado que nosso autor Orígenes e Taylor.

Na expressão “sala do banquete” está subentendida a indicação de uma casa bem determinada, como também a área de sua localização. Ora, não é uma casa comercial, numa vila ou em alguma cidade do interior, mas é o palácio real, na capital, ao qual já se havia aludido anteriormente na referência aos “aposentos” (*hadārīm*) do rei (1,4). É também na capital que situam as residências dos integrantes do séquito (*degel*) e os domicílios das “filhas de Jerusalém”.<sup>431</sup>

Em resumo, pode-se dizer que a esposa deseja um encontro privado com o esposo, ali se vê decidida a ir com o rei ao lugar secreto. Em seguida, é o próprio esposo quem conduz a esposa e “ostenta-a” publicamente na sala do banquete ou

<sup>425</sup> TAYLOR, H, 2002, p. 26.

<sup>426</sup> TAYLOR, H, 2002, p. 27.

<sup>427</sup> A Bíblia de Jerusalém autoriza traduzir Ct 2,4 onde lê-se “casa do vinho”, por “sala do banquete” como sendo outra tradução possível, dando também textos paralelos (Est 7,8; Ecl 7,2) e, segundo Jr 16,8-9, pode estar fazendo referência às festas de matrimônio.

<sup>428</sup> ORÍGENES, Livro III,6,1, p. 282.

<sup>429</sup> ORÍGENES, Livro III,6,7, p. 284.

<sup>430</sup> ORÍGENES, Livro III,6,9, p. 285.

<sup>431</sup> STADELMANN, L, 1998, p. 76.

na “casa do vinho”, Jean-Yves afirma que na Tradição cristã, vê-se a “casa do vinho” como o lugar da Eucaristia, onde se realiza a comunhão intensa entre Cristo e o cristão, entre Cristo e seu corpo, a Igreja.<sup>432</sup>

#### 4.1.4.

#### “Sou negra, mas formosa” (Ct 1,5)

No Primeiro poema, Orígenes logo suscitou um questionamento que seguiu uma declaração da amada a respeito de si: “*Sou morena, mas formosa, ó filhas de Jerusalém... não olheis eu ser morena, foi o sol que me queimou*” (Ct 1,5). Orígenes então se pergunta: “A esposa certamente é bela, e posso descobrir como seja bela. Perguntamos, porém, como negra e sem alvor, seja bela (?)”.<sup>433</sup>

O doutor alexandrino compreendia que “ser morena” significava sua condição antes do começo da jornada, antes da penitência. Sua cor era, por assim dizer, “cor do pecado”<sup>434</sup>, mas após ser escolhida pelo esposo ela buscou alvejar-se. Sua conversão – dizia Orígenes – conferiu-lhe beleza<sup>435</sup>e, justamente por isso, passou a cantar os cânticos. Esse clareamento se dá uma vez que a esposa “eleva-se às realidades superiores e começando a ascender das mais baixas às mais altas”.<sup>436</sup>Quer dizer, no início do itinerário espiritual, a esposa é negra conforme diz Ct 1,5, mas, ao final do livro bíblico diz-se assim: “Quem é esta que se eleva alvejada?” (Ct 8,5).<sup>437</sup>

E mais, Orígenes demonstra seu brilhantismo exegético quando diz: “E, para que mais claramente se descreva de modo perfeito o mistério, não diz, como se lê em vários [códices]: ‘*apoiada sobre seu amado*’ (Ct 8,5) isto é, *epistērizomēnē*, mas *epistēthizomēnē*, ou seja, ‘*repousando sobre seu peito*’”.<sup>438</sup>Eis-aqui o clímax da jornada da esposa: morena, mas chegou ao peito do esposo e ali repousou.

Por isso, separando-nos das realidades carnis, devemos perceber as espirituais e compreender que é muito melhor amar que desistir de amar. “Ascende”, portanto, “repousando sobre o peito de seu amado”, e, daquela que aqui, no início do Cântico, é apresentada negra, canta-se, no fim do epitalâmio: “Quem é esta que se eleva alvejada?”. Compreendemos como a esposa seja negra e formosa. Se, porém, também tu não fizeres

<sup>432</sup> LELOUP, J, 2019, p. 84.

<sup>433</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 38.

<sup>434</sup> ORÍGENES, Livro II,1,56, p. 192.

<sup>435</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 38.

<sup>436</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 38.

<sup>437</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 38.

<sup>438</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 39.

penitência, cuidado para que não se diga que tua alma é negra e deformada, e te desfigures por dúplice feiura: negra devido aos pecados passados, deformada devido a perseverares nos mesmos vícios. Se, porém, fizeres penitência, tua alma será negra devido aos antigos delitos, mas, devido à penitência, terás algo, por assim dizer, da beleza etíope. E, porque também nomeei a etíope, quero invocar, ainda a esse respeito, a palavra das Escrituras como testemunho.<sup>439</sup>

Orígenes falou acima de “duplicada feiura”. Uma, devido à alegoria que fez da cor morena e outra se esta permanecer nas mesmas práticas. Dado curioso é que nesse sermão, o padre alexandrino trouxe a Etiópia como nação modelo para expressar a esposa, em caráter de contraposição à Israel. Orígenes coletou algumas menções na Escritura sobre a Etiópia e deu caráter substitutivo, ressaltando agora, a formosura espiritual da morena. A começar por Moisés, sobre o qual se sabe que casou com uma mulher etíope (Nm 12,1), e os irmãos dele murmuraram. Orígenes diz que “a Lei passou a essa nossa etíope”<sup>440</sup>. Orígenes ironiza a comunidade judaica dizendo: “Murmure, pois, Aarão, o sacerdócio dos judeus; murmure, pois, Maria [Mirian], sua sinagoga. Moisés não se preocupou com a murmuração; ele ama sua etíope”.<sup>441</sup>

Citou, em acréscimo, o texto do profeta Sofonias que disse: “Do outro lado dos rios da Etiópia trarão oferendas” (Sf 3,10), e reforçou com um salmo: “A Etiópia se antecipará em estender suas mãos a Deus (Sl 68 (67), 32)”.<sup>442</sup> Orígenes, às vezes, endereçava algumas palavras à comunidade judaica, em tom de superioridade da Igreja.

“Sou negra e formosa, filhas de Jerusalém”. E tu, que és da Igreja, dirige a palavra às filhas de Jerusalém e dize[-lhes]: “O esposo ama mais a mim; ama mais a mim que a vós, que sois muitas, filhas de Jerusalém. Vós estais fora e vedes a esposa que entra no quarto [do esposo]”. Ninguém duvide que aquela que se designou negra é a formosa que somos nós, para conhecermos Deus; para cantarmos o Cântico dos Cânticos; para irmos, dos confins da Etiópia, no extremo da terra, ouvir a sabedoria do verdadeiro Salomão.<sup>443</sup>

Sendo assim, Orígenes afirmava que a Igreja é a “Rainha do sul” que virá pra julgar os homens desta geração.<sup>444</sup> E todos os povos viriam dos confins da terra para ouvir a sabedoria “não daquele Salomão de quem se fala no Antigo Testamento, mas daquele Salomão que no Evangelho é maior que Salomão”.<sup>445</sup>

<sup>439</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 39.

<sup>440</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 40.

<sup>441</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 40.

<sup>442</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 40.

<sup>443</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 40.

<sup>444</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 40.

<sup>445</sup> ORÍGENES, Homilia I, 6, p. 41.

Essa esposa que aqui fala representa o personagem da Igreja congregada de todos os povos. Mas as filhas de Jerusalém, a quem ela dirige a palavra, são aquelas almas muito queridas devido à escolha de seus pais, mas inimigas por causa do Evangelho. São essas as filhas da Jerusalém terrena, que, vendo a Igreja vinda de outros povos, de algum modo a desprezam e a rebaixam por causa da sua origem humilde. Mas, apesar da humildade dessa origem – pois não pode se atribuir uma linhagem nobre como a de Abraão, Isaac e Jacó –, ela, esquecendo o seu povo e a casa de seu pai, veio até Cristo.<sup>446</sup>

#### 4.1.5.

#### “Faze-me saber onde apascentas o rebanho” (Ct 1,7)

Antes do encontro nupcial o Cântico dos Cânticos, por algumas vezes, mostra que a noiva esteve bem próxima de ver o esposo, mas, repentinamente desaparecia, e, logo após, dava novamente sinais de proximidade da noiva sedenta (Ct 3,1-5; 5,6; 6,1). Para Orígenes, isso se dá por descuido pessoal da esposa. E mais, Orígenes acreditava que apenas o cristão que “perdeu” a presença do esposo, tão próximo, poderia realmente saber a razão pela qual se explica o sumiço súbito do esposo. Orígenes diz que isto ocorreu algumas vezes com ele durante sua busca por Deus:

Então, a esposa vê o esposo, que, visto, retira-se. E frequentemente ele faz isso em todo o Cântico; o que não pode ser compreendido senão por aquele mesmo que experimentou isso. Muitas vezes, Deus é testemunha, vi o esposo aproximar-se de mim e estar comigo o quanto possível; [mas] ele repentinamente se retirava [e] eu não podia encontrar aquele que eu buscava. De novo, portanto, desejo sua chegada, e às vezes ele vem novamente. Mas depois que apareceu e eu o contive entre minhas mãos, de novo ele escapa e, tendo escapado, novamente é buscado por mim. E isso ele faz frequentemente, até que eu o tenha verdadeiramente e me eleve “apoiada sobre meu amado”.<sup>447</sup>

Pelo que já se investigou sobre a hermenêutica de Orígenes, com certeza, Orígenes pensava em descuido moral, ou baixo nível espiritual, como razão para o desaparecimento do esposo, mesmo tão próximo da esposa. À vista disso, Orígenes orienta seu público para buscar, com mais intensidade e vigilância, a fim de que o noivo não escape. Na verdade, Orígenes enfatiza que a esposa somente estará plenamente segura, de maneira inescapável, quando estiver “*apoiada no amado*”<sup>448</sup>(Ct 8,5). E isso lhe exigirá progresso espiritual.

E ainda, nosso autor debruça-se sobre o mistério do “meio-dia”, horário almejado para se chegar ao esposo-pastor: “Não busco outros momento, [isto é] quando apascenta pela tarde, quando ao amanhecer, quando ao

<sup>446</sup> ORÍGENES, Livro II,1,3, p. 174.

<sup>447</sup> ORÍGENES, Homilia I, 7, p. 43-44.

<sup>448</sup> ORÍGENES, Homilia I, 7, p. 43-44.

anoitecer”.<sup>449</sup>Orígenes, porém, deixa entrever que a busca da esposa pelo esposo perdido é um ato vergonhoso, haja vista que um dia este “a quem há tempos beijei”<sup>450</sup> estivera em seus braços, no entanto, mesmo afastada a esposa ainda ama seu esposo desaparecido, por isso, Orígenes destaca a fala dela: “Aquele a quem ama a minha alma. Ela não disse: ‘quem eu amei’, mas ‘aquele a quem ama a minha alma’, sabendo que deve amar o seu esposo não com um amor qualquer, mas ‘com toda a alma, com todas as forças e de todo o coração’”.<sup>451</sup>

“Meio-dia” para Orígenes é, então, o instante do progresso, da elevação e, portanto, é o momento em que Igreja/alma deve se esforçar para experimentar um clarão do “sol da justiça” que afinal alcança o seu ponto mais alto justamente ao meio-dia. Aí, conforme cria Orígenes, abriga a porção mais clara do conhecimento do Verbo, onde “Cristo manifesta à sua Igreja os eminentes e sublimes segredos das suas virtudes, parecendo que descobre as agradáveis pastagens e os lugares onde se retira ao meio-dia”.<sup>452</sup>

Pois quando ela está ainda no início da sua instrução, e como ela recebe dele, por assim dizer, os rudimentos do conhecimento, então, diz o profeta: “E Deus a ajudará de manhã cedo”. Mas como agora busca o que é mais perfeito e deseja o que é mais elevado, pede a luz da ciência do meio-dia.<sup>453</sup>

Exegetas contemporâneos, de linha literalista, observaram que logo na abertura do Terceiro poema tem-se a conclusão de que entre o noivo e a noiva houve relações sexuais pré-nupciais.<sup>454</sup> Isso pode custar à ideia deste capítulo cuja finalidade é começar o itinerário a partir de uma distância da esposa até o clímax da relação nupcial. Cavalcanti é um que suscita tal questão ao dizer que Ct 3,1 “é perturbador por sugerir terem ocorrido relações sexuais pré-nupciais entre os amantes e repetidas vezes”.<sup>455</sup> Contudo, sabe que os teólogos cristãos, em geral, dizem que o casamento entre ambos só será consumado depois,<sup>456</sup> isso segundo a interpretação alegórica dos poemas, conforme registrado abaixo:

A interpretação mais corrente, e que alcança o mesmo resultado de preservar a reputação da Sulamita, é a de que se trata aqui não de uma narração, mas da provável rememoração de um sonho da Sulamita, sonho que vira pesadelo. A JPSV aventa a possibilidade de que a cláusula “de noite” signifique, simplesmente, “em sonhos”. Pode-se imaginar que, chegada a noite, diferentemente do que esperava a Sulamita (Ct 2,17), o amante não apareceu.

<sup>449</sup> ORÍGENES, Homilia I, 7, p. 44.

<sup>450</sup> ORÍGENES, Homilia I, 7, p. 45.

<sup>451</sup> ORÍGENES, Livro II,4,16, p. 210.

<sup>452</sup> ORÍGENES, Livro 2,4,25, p. 213.

<sup>453</sup> ORÍGENES, Livro 2,4,26, p. 213.

<sup>454</sup> CAVALCANTI, G. 2005, p. 319.

<sup>455</sup> CAVALCANTI, G. 2005, p. 319.

<sup>456</sup> CAVALCANTI, G. 2005, p. 319.

Temendo pelo que pode ter-lhe acontecido, a Sulamita sonha que o busca pela cidade. Ao não encontrá-lo, o sonho vira pesadelo. Perturbada pela ausência do amado, a Sulamita é perseguida pela ansiedade da busca. Quando, já sem esperanças, o encontra, para não perdê-lo novamente pensa em guardá-lo lá onde lhe parece estar mais seguro, no quarto de sua mãe, protegendo-o, assim, das maquinações de seus irmãos.<sup>457</sup>

Jean-Yves Leloup, seguindo a interpretação origeniana de Ct 3,1, expondo também sua percepção sobre os demais textos que mostram esse súbito sumiço do esposo, diz que a interpretação alegórica dessa passagem faz entender que a amada conhece o seu amado. E mais, sabe para quem ela viva e respira, “mas é próprio do amor continuar buscando aquilo que já encontrou e desejar ainda mais aquilo que já é dado”.<sup>458</sup> Jean-Yves reproduz também as palavras do padre capadócio Gregório de Nissa que, por sua vez, seguiu a mesma forma com a qual Orígenes interpretou esse trecho do Terceiro poema do Cântico dos Cânticos.

Eu realmente o busquei na minha cama à noite, para saber qual é a sua essência, onde ela começa e onde ela termina, em que consiste sua existência, mas eu não o encontrei. Eu chamei Aquele que não podemos nomear por tantos nomes quanto me foram possíveis, mas nenhuma virtude presente em nome algum poderia chegar até aquele que eu buscava. Pois como poderíamos alcançá-lo chamando-o pelo nome, aquele que está acima de todo nome.<sup>459</sup>

Outra possível interpretação, porém, não distante daquela que deu Orígenes, vem de São Bernardo, repetida por Dom Estêvão Bettencourt dizendo: “o esposo desapareceu para submeter a esposa à prova”, porque “É pelas provações que o amor se torna forte como a morte”<sup>460</sup>, conforme encontra-se em Ct 8,6. Vê-se como Orígenes e outros teólogos deram explicações para esse “sumiço” do noivo. Muitos seguiram a compreensão de que a esposa deve se esforçar para não perder o esposo por nenhum descuido. Enfim, podemos observar as opiniões diversas de alguns comentadores, principalmente a de Orígenes de Alexandria. Os que consideram o Cântico dos Cânticos um drama, que configura o itinerário espiritual da Igreja/alma, atentam-se aos obstáculos que a alma encontra ao longo do itinerário até à união mística com o Cristo-esposo.

Hudson Taylor, diante disso, com palavras pastorais resume o que podemos chamar de evidências de um afastamento da alma da presença do amado nas seguintes palavras:

Nesta seção, a noiva saiu da posição de benção e voltou para o estado mundano. Talvez o próprio descanso de sua recém-encontrada alegria a levou a sentir-se muito segura; talvez

<sup>457</sup> CAVALCANTI, G. 2005, p. 319.

<sup>458</sup> LELOUP, J. 2019, p. 114.

<sup>459</sup> LELOUP, J. 2019, p. 114.

<sup>460</sup> CAVALCANTI, G. 2005, p. 379.

tenha pensado que no que dizia respeito a ela, não havia necessidade de exortação: “Filhinhos, guardai-vos dos ídolos”. Ou ela pode ter pensado que o seu amor pelo mundo estava totalmente acabado, e que poderia com segurança voltar, e que, com uma pequena concessão ao mundo de sua parte, poderia ganhar seus amigos para seguirem o Senhor também. Talvez ela nem tenha pensado nada: feliz por estar salva e livre, esqueceu que a correnteza – o curso deste mundo – estava contra ela; e, sem perceber, deslizou de volta a posição em que estava quando foi chamada, todo o tempo sem perceber o seu desvio. [...] Ah, quantas vezes o inimigo tem êxito, por um ou outro artil, ao tentar o crente a deixar aquela posição de total consagração a Cristo, sem a qual a plenitude de Seu poder e de Seu amor não pode ser experimentada. Nós dizemos a plenitude do Seu poder e de Seu amor, pois ele não tem deixado de amar a seu Senhor. Na passagem que estás adiante de nós, a noiva ainda o ama verdadeiramente, mas não totalmente; ainda há em Sua Palavra um poder que ela não deixa de perceber, apesar de que ela não a obedece mais instantaneamente. Ela quase não percebe o quanto está ofendendo ao seu Senhor e quão real é a parede de separação entre eles.<sup>461</sup>

#### 4.1.6.

#### “Como é gracioso o nosso pequeno quarto à meia luz” (Ct 1,15)

Acompanhando o drama, nesta cena, Orígenes pontua o momento em que o esposo, pela segunda vez, destila palavras elogiosas à esposa. Na primeira vez (Ct 1,9-11) o esposo contemplou a beleza da noiva e destacou os seus brincos que embelezavam suas bochechas e um belo colar que a noiva usava. Agora o esposo enxerga uma beleza adicional não antes observada, são os olhos da esposa. O esposo vê que a noiva tem “olhos de Pomba”.<sup>462</sup> Para o nosso autor, o esposo dispara novos e mais tocantes elogios porque a esposa o olha “com outros olhos”. Antes de a esposa ter olhos de pombas, o esposo a elogiou assim: “graciosa entre as mulheres”, mas depois que trocou os olhos elogiou-a dizendo: “amiga e graciosa” (Ct 1,15).<sup>463</sup>

Aplicando seus postulados, Orígenes ensinou que esse novo elogio à esposa se deu “pelo seu progresso na inteligência espiritual”<sup>464</sup>, pois a beleza do noivo embeleza a noiva, de modo que o próprio noivo reconhece ao dizer o quanto está mais bela pela proximidade. O padre alexandrino explica que a “mudança de olhos” ocorre quando a Igreja/alma enxerga Cristo na Lei e nos Profetas, e isto só por intermédio do Espírito Santo, cujo símbolo maior é realmente uma pomba.

Que os olhos dela sejam comparados a pombas, que é o símbolo do Espírito Santo, deve ser porque ela já entende as Sagradas Escrituras segundo o Espírito e não segundo a letra, e percebe os mistérios espirituais. De fato, “ter olhos de pomba” significa ter a compreensão espiritual da Lei e dos profetas.<sup>465</sup> [...] Não há aqui nada de estranho porque, se dizemos de

<sup>461</sup> TAYLOR, H, 2002, p. 42-43.

<sup>462</sup> ORÍGENES, Livro III,1,3, p. 266.

<sup>463</sup> ORÍGENES, Livro III,1,3, p. 266.

<sup>464</sup> ORÍGENES, Livro III,1,3, p. 266.

<sup>465</sup> ORÍGENES, Livro III,1,4, p. 266.



Cristo que ele é a cabeça, pode-se dizer que os olhos dos que entendem de modo espiritual e julgam segundo o homem interior são o Espírito Santo.<sup>466</sup>

A esposa, por sua vez, agora nesse segundo encontro, também enxergou seu esposo de maneira diferente. E isso é, para Orígenes, porque seus “olhos são pombas”. Importante ainda é a descrição romântica de um quarto rústico, iluminado à meia luz, que a esposa faz menção como sendo um lugar de encontro com seu esposo (Ct 1,16b). Têm-se, então, duas virtudes que a esposa obteve fruto do seu progresso espiritual: ganhou “olhos de pomba” que certamente significam olhos espirituais para contemplar a beleza do Cristo e os mistérios da Palavra de Deus.

Orígenes, talvez se referindo à comunidade judaica em Alexandria, cujo véu cobria os olhos, expressou a beleza de Cristo no Cântico dos Cânticos, em contraposição à leitura de primeiro grau (carnal), a qual resultava em uma compreensão literal de Is 53, texto que faz-nos imaginar o aspecto físico de Cristo, aliás, oposto ao que Orígenes destacou no Cântico dos Cânticos.

Contudo, os que acreditam que é apenas o esposo, e não puderam perceber como é a beleza da Palavra de Deus, dizem: “Nós o vimos: ele não tinha graça nem elegância, seu aspecto era feio e vil perante os filhos dos homens”. Porém, aquela alma que progrediu e ultrapassou o nível “das adolescentes, das oitenta concubinas e das sessenta rainhas”, essa pode dizer “como és encantador, meu amado, e tão gracioso”.<sup>467</sup>

Além disso, a bela esposa desfruta da beleza do esposo num “pequeno quarto”, que é o segundo elemento que receberá interpretação nupcial de Orígenes. A Bíblia de Jerusalém traz a seguinte tradução: “*Nosso leito é todo relva*” (Ct 1,16-17). Os pilares deste quarto são de cedro, e o teto de cipreste decorado de folhas naturais à meia luz, na definição de Orígenes. Cenário ideal e perfeito para uma teologia nupcial entre Cristo-Esposo e a Igreja-Esposa. Segundo Stadelmann o cenário descrito no Primeiro poema fez a maioria dos intérpretes concluir que se trata aí de uma celebração nupcial<sup>468</sup>. Há um leito nupcial com grinaldas, e sabe-se que no palácio real havia madeira importada da Fenícia, justamente cedros e ciprestes<sup>469</sup> e por fim, observa que a forma de diálogo entre o esposo e a esposa evoca admiração entre dois namorados.<sup>470</sup>

<sup>466</sup> ORÍGENES, Livro III,1,7, p. 266.

<sup>467</sup> ORÍGENES, Livro III,2,3, p. 269.

<sup>468</sup> STADELMANN, L, 1998, p. 67.

<sup>469</sup> STADELMANN, L, 1998, p. 67.

<sup>470</sup> STADELMANN, L, 1998, p. 67.

Jean-Yves é um autor que aproveita os elementos presentes no poema e constrói um cenário de amor sacro entre os amantes, conforme as palavras abaixo:

O cedro e o cipreste são madeiras preciosas originárias do Líbano, utilizadas por Salomão para construir o templo de YHWH/Deus em *Yerushalaim*. É como se disséssemos que o leito onde repousam os amantes é um templo, um lugar sagrado. O amor transforma o espaço-tempo mais trivial em espaço-templo. O fundo é de folhas, ele é verde; existir ainda não é viver, é o amor que torna a existência viva e a faz vicejar. “Quem não ama” dirá de maneira abrupta São João em sua Epístola, “permanece na morte”, quer este se diga muito “espiritual” ou muito “materialista”. É o amor que dá vida, sentido e saber ao corpo, ao coração e ao espírito que nós somos.<sup>471</sup>

Contudo, nosso autor não seguiu esta perspectiva, antes entendeu o pequeno quarto como sendo o “corpo da alma”<sup>472</sup>, magnetizado a aprofundar a compreensão através de um nível mais fundo, e para isso, a alma estaria sendo convidada à união a Palavra de Deus. O que não significa dizer que Orígenes não deu uma explicação esponsal para este trecho do poema. No “pequeno quarto”, a esposa e o esposo partilham do corpo um do outro<sup>473</sup>. Mas, é por semelhança que Orígenes eleva interpretação do poema, dizendo que ali se atestava o que Paulo disse aos coríntios: “Nossos corpos são membros de Cristo”, e conclui dizendo: “De fato, quando ele diz ‘nossos corpos’ é como se falasse do corpo da esposa; mas quando menciona ‘os membros de Cristo’, indica que esses mesmos corpos são também o corpo do esposo”.<sup>474</sup>

#### 4.1.7.

#### **“À sua sombra desejei estar e me assentei” (Ct 2,3)**

A gradual presença e aproximação do esposo, de que fala Orígenes, pode começar a ser compreendida desde o momento em que a esposa deseja estar “... *à sombra do esposo*” (Ct 2,3b), assentada, protegida do sol forte. Nosso autor observa, em tom de reforço, acerca da gradual presença da esposa próxima ao esposo, que o cântico não enfatiza quando é dito “à sua sombra desejo”, mas sim “à sua sombra desejei”<sup>475</sup>, pois destaca que, “em princípio não nos podemos unir em conversação com ele pessoalmente; por outro lado, por assim dizer, gozamos de certa sombra de sua majestade”.<sup>476</sup>

<sup>471</sup> LELOUP, J. 2019, p. 78.

<sup>472</sup> ORÍGENES, Livro III,2,2, p. 269.

<sup>473</sup> ORÍGENES, Livro III,2,5, p. 269.

<sup>474</sup> ORÍGENES, Livro III,2,5, p. 269.

<sup>475</sup> ORÍGENES, Homilias II, 6, p. 62.

<sup>476</sup> ORÍGENES, Homilias II, 6, p. 62.

Dessa forma, Orígenes compreendeu que a esposa ocupava lugar à sombra, todavia, não do esposo propriamente, mas, em termos gerais, da sua majestade, e com isso destacou uma baixa relação afetiva entre ambos. Ainda assim, não deixou de crer que houve uma “sombra” que a encobriu, porque como se lê nos Profetas – lembrou Orígenes – “*À sua sombra viveremos entre as nações*” (Lm 4,20b).<sup>477</sup> O que afirmava, então, era que a esposa havia passado de uma sombra à outra.<sup>478</sup>

De fato, “para os que jazem na região e na sombra da morte, surgiu uma luz” (Is 9,1; Lc 1,79; Mt 4,16), para que passemos da sombra da morte à sombra da vida. Os progressos são sempre deste modo: no início, deseja-se, pelo menos, estar à sombra das virtudes. Eu considero, por isso, que também a natividade de Jesus começou da sombra, embora se tenha concluído não à sombra, mas na verdade, diz [a Escritura]: “O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do altíssimo te cobrirá com sua sombra” (Lc 1,35). [Assim,] o nascimento de Cristo teve início a partir da sombra. E o nascimento dele começou não só em Maria a partir da sombra, mas também em ti, se fores digno, nasce a Palavra de Deus. Faze, então, de modo que possas ter a sombra dele e, quando te tornares digno da sombra, virá a ti, por assim dizer, o corpo dele, que nasce da sombra.”<sup>479</sup>

Ao reagir com a expressão: “*E seu fruto é doce em minha boca*” (Ct 2,3b), o padre da escola alexandrina entende que a esposa, agora e só assim, experimenta realidade melhores noutra sombra<sup>480</sup> e convida-nos a sermos “dignos da sombra” tal como foi Maria, através de quem nasceu o Messias, portanto, até o Verbo, igualmente, nasceu de uma sombra.

Em acréscimo, com base em Ct 1,16, Orígenes diz que é justamente “à sombra” que a esposa enxerga com atenção a beleza do esposo (através dos olhos de pombas) e por isso, diz que o pequeno quarto deles está à meia luz.<sup>481</sup> Têm-se aqui duas percepções chamativas, a primeira destaca a imagem de árvores expostas ao sol inclemente que afeta danosamente os frutos na estação. Isto assim, Orígenes diz que “A sombra da meia luz, que não é árida, lembra o que dá frutos, pois tem a densa folhagem das boas obras...”<sup>482</sup>. Ou seja, o autor de Alexandria faz-nos entender que o sol intenso é prejudicial às folhagens e os frutos de uma árvore. Daí a importância desta, proteger-se à sombra. Em seguida, estando à sombra, pode-se dizer que é revelada a face do esposo, tornando possível compreendê-lo com nitidez. O que fez Orígenes dizer:

<sup>477</sup> ORÍGENES, Homílias II, 6, p. 62.

<sup>478</sup> ORÍGENES, Homílias II, 6, p. 62.

<sup>479</sup> ORÍGENES, Homílias II, 6, p. 62-63.

<sup>480</sup> ORÍGENES, Homílias II, 6, p. 63.

<sup>481</sup> ORÍGENES, Livro III, 2,1, p. 268.

<sup>482</sup> ORÍGENES, Livro III, 2,1, p. 269.

O entendimento das Sagradas Escrituras está numa sombra tão densa que não a atinge nem o calor excessivo, que geralmente queima e resseca muitas frutas; por isso, pode dizer “que o nosso pequeno quarto está na sombra” [...]. Se esses corpos estão na sombra e, tal como antes dissemos, verdadeiramente repletos de boas obras e densamente cobertos de significados espirituais, desses tais se pode dizer: “O sol não te queimará de dia, nem a lua durante a noite”. Porque o sol da tentação não queima o santo que descansa à sombra da Palavra de Deus – de fato esse sol que queima o santo não é elogiável, mas só aquele que se transfigura em anjo de luz.<sup>483</sup>

Mais ainda, Orígenes também chama atenção para o sentimento de contentamento da esposa, deliciando-se dos frutos da macieira, à sua sombra. Estando a Igreja protegida à sombra do Filho de Deus, esta “conserva na boca o doce sabor da fruta, isto é, meditando sem cessar na Lei de Deus e ruminando acerca dela como um animal puro”.<sup>484</sup> Retomando o exemplo de Maria, nosso autor expõe dizendo:

Como então sua sombra não nos daria vida a nós, se até pela concepção do seu corpo se diz a Maria: “O Espírito Santo virá a ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra”? Se, portanto, houve a sombra do Altíssimo na concepção do seu corpo, com razão a sua sombra dará vida aos povos. Razão tem a sua esposa, a Igreja, para desejar “sentar-se à sombra da macieira”, sem dúvida para participar da vida que está na sua sombra. Mas a sombra das outras árvores da floresta é tal que aquele que sob ela se sentar parece que fica “na região da sombra da morte”.<sup>485</sup> [...] Passar da sombra da Lei à sombra de Cristo é com certeza um progresso. Desse modo, posto que Cristo “é vida, verdade e caminho”, primeiramente nos colocamos à sombra do caminho, à sombra da vida e à sombra da verdade “compreendendo em parte, e como num espelho e em enigma”. Depois, se avançarmos por esse caminho que é Cristo, poderemos chegar ao ponto de compreender “face a face” aquilo que antes tínhamos visto em sombras e enigmas. Ninguém poderá chegar ao que é verdadeiro e perfeito se antes não tiver desejado e ambicionado descansar sob essa sombra.<sup>486</sup>

À sombra a esposa consegue enxergar com atenção a beleza do esposo (através dos olhos de pombas), por isso diz que os esses dois corpos estão na sombra, e nela “De dia o sol não te ferirá nem a lua de noite” (Sl 121(120),6). Parece agora que, pela primeira vez, a esposa examinou com atenção a beleza do esposo, e, com aqueles olhos que são chamados “pombas”, considerou o encanto e graça da Palavra de Deus. De fato, não se pode perceber nem reconhecer quão grande seja a magnificência da Palavra, se antes não se receber os “olhos de pomba”, quer dizer, a inteligência espiritual. À sombra no noivo pode se esperar em breve a presença do corpo, pois toda sombra traz consigo um corpo.

<sup>483</sup> ORÍGENES, Livro III, 2,1, p. 268-270.

<sup>484</sup> ORÍGENES, Livro III, 2,1, p. 278.

<sup>485</sup> ORÍGENES, Livro III, 2,1, p. 279.

<sup>486</sup> ORÍGENES, Livro III, 2,1, p. 280.

#### 4.1.8.

#### “As mãos esquerda e direita me abraçam” (Ct 2,6)

“A descrição é bem adequada a um drama de amor, no qual a esposa se apressa – a bem dizer, corre – para se unir ao seu esposo”<sup>487</sup>, começa comentando Orígenes essa parte final do Primeiro poema. O desejo da esposa é “afastar-se das insinuações corporais”,<sup>488</sup> ou seja, a esposa deseja chegar-se definitivamente ao esposo e este abraço do esposo decerto favorece esse anseio. Na tradição judaica, segundo a exegese rabínica, “esquerda e direita” representam as duas nuvens que protegeram Israel no período em que o povo era errante no deserto.<sup>489</sup> Mais tarde, o significado de “mão direita e esquerda” começava a definir as duas tábuas da Lei de Moisés, ou até as franjas do xale de oração, ou os filactérios usados ainda hoje por judeus ortodoxos.

No cristianismo a imagem das duas mãos que envolvem a esposa teria a ver com os dois Testamentos. Assim pensava o nosso autor Orígenes, por sua vez, toma um Provérbio de Salomão onde é dito: “Sua vida longa está na direita, e na esquerda, riquezas e glórias” (Pv 3,16). Orígenes, mais uma vez, dilui neste poema a relação nupcial, transpondo a cena do campo literal ao alegórico-místico.

Pois como aquele que se diz amante da beleza da Sabedoria mostra que transferiu para a Sabedoria o afeto natural de caridade que há nele, assim também aqui a esposa/Igreja pede que o seu esposo, a Palavra de Deus, com a sua mão esquerda segure a cabeça dela e com a mão direita abraçe e estreite todo o seu corpo.<sup>490</sup>

Nesse abraço, a Igreja-Esposa recebe “riquezas” – riquezas da graça (2Co 8,9) –, e por meio destas a Igreja-Esposa foi enriquecida, já a “glória” Orígenes entende ser a Glória da Paixão.<sup>491</sup> É quando então diz: “A fé na Paixão de Cristo é a glória e a riqueza da Igreja, que se contêm na mão esquerda da esposa”.<sup>492</sup> Nesse ato, a mão esquerda de Cristo, apoiada sobre a cabeça da esposa, que é também a cabeça de Cristo, pois Cristo é a cabeça da Igreja intenta proteger a cabeça dos fiéis na fé na Encarnação.<sup>493</sup> A mão direita, traz consigo anos de vida e de tão afetiva é esta imagem que Orígenes expressa-se assim: “o braço do esposo seja

<sup>487</sup> ORÍGENES, Livro III, 9,1, p. 301.

<sup>488</sup> ORÍGENES, Livro III, 9,1, p. 301.

<sup>489</sup> LÉLOUP, J. 2019, p. 89.

<sup>490</sup> ORÍGENES, Livro III, 9,5, p. 302.

<sup>491</sup> ORÍGENES, Livro III, 9,6, p. 302.

<sup>492</sup> ORÍGENES, Livro III, 9,6, p. 302.

<sup>493</sup> ORÍGENES, Livro III, 9,9, p. 303.

meu travesseiro e o ápice da alma se deite sobre a Palavra de Deus”<sup>494</sup> e João Lupi diz:

O abraço dos esposos é outra imagem tocante: tal como a alma ou a Igreja quer que a Palavra divina a ampare com a sua sabedoria, a esposa pede “o natural afeto do amor, e que o esposo com a mão esquerda lhe ampare a cabeça, e com a direita a abrace e enlace todo o corpo”.<sup>495</sup>

#### 4.1.9. “Ei-lo aqui atrás da nossa parede” (Ct 2,9b)

Nosso autor, neste momento, detém-se na figura do esposo aproximando-se de onde estava a esposa. Embora o esposo tenha desejo de tê-la consigo, ele primeiro posiciona-se na janela da casa e dali observa a bela esposa, à espera de vê-lo, após já ter ouvido sua voz (Ct 2,8-9). Orígenes diz que esposa está “agitada pelo desejo”<sup>496</sup>, teme se antecipar ao ter que ir atrás do esposo sem saber de onde viria. Ela quer a todo custo “ver” a voz que ouvira antes.<sup>497</sup> Quanto ao esposo, Orígenes entende que seu frequente desaparecimento faz parte do drama.

Devemos compreender que o esposo, sendo o homem da casa, nem sempre está em casa, nem sempre está junto da esposa, mas ela fica em casa; ele sai com frequência, e ela, espicaçada pelo seu amor, procura por ele quando ele não está; mas ele só volta para ela de vez em quando. É por isso que, ao longo de todo o livro, umas vezes o esposo é procurado porque está ausente, e outras vezes está em casa conversando com a esposa.<sup>498</sup>

Agitada, a esposa quer desfrutar do que já viveu noutros momentos. Como descreve Orígenes, ela deseja “o beijo”, o “seu colo”; ir “à adega”, enfim, reviver com seu amado os momentos marcantes de comunhão irrestrita.<sup>499</sup>

Essa é a esposa que, depois de ter visto e apreciado muitas coisas na câmara do esposo, pediu para ser levada à adega, e, quando lá chegou, e viu bem o que lá estava, e o esposo, homem como é, não estando em casa, a esposa, incitada de novo pelo amor por ele, saiu para fora e deu voltas à casa, e entrava e saía, e olhava para todo o lado à espera de quando ele voltaria para ela. E eis que de repente o viu, saltando a passos largos por cima dos altos montes vizinhos, descendo até a casa onde ela estava esmorecida de amor por ele.<sup>500</sup>

Dado curioso no desenrolar do drama, e isto também foi observado por Orígenes, é que o esposo não entrou na casa. Antes, parou próximo da residência e alcançou as janelas. Em seguida, fala à esposa dizendo: “Levanta-te e vem,

<sup>494</sup> ORÍGENES, Homilia II, 9, p. 69.

<sup>495</sup> ORÍGENES, Homilia II, 9, p. 69.

<sup>496</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,4, p. 335.

<sup>497</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,4, p. 335.

<sup>498</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,6, p. 335.

<sup>499</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,4, p. 335.

<sup>500</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,7, p. 336.

minha companheira, minha bela, minha pomba” (Ct 2,10).<sup>501</sup> A esposa, ainda assim, não sabe onde está o esposo, mesmo já tendo ouvido sua voz. É trabalho de esposa ir ao encontro físico da voz e, para Orígenes, é o ponto ideal para aplicar sua teologia sponsal.

Nosso autor começa a explicação do Segundo poema afirmando que seu significado é difícil<sup>502</sup> ainda assim ousa explicar. Quem está dentro da casa é a alma – a esposa do rei –, já a casa é a Igreja, ou o palácio do rei.<sup>503</sup> Nessa cena, Orígenes entende que a esposa em si é instruída pelo Verbo. A instrução, porém, restringe-se ao conhecimento que está na casa. A esposa passa certo tempo na casa, sendo instruída na doutrina da Lei e dos profetas.<sup>504</sup> Segundo Orígenes, chega o tempo em que a esposa alcança uma medida suficiente, o que a habilita a receber: “Aquele que desde o princípio estava com Deus”.<sup>505</sup> Isto é, Orígenes diz que Cristo é a Palavra escondida (mas agora revelada) de Deus. Mas, vez e outra precisa se esconder para que aumente na esposa o desejo de procurá-lo.<sup>506</sup>

Quando a Palavra de Deus a vem visitar, diz o versículo que ela vem saltando sobre os montes, e o sentido é que vem lhe revelando os elevados e sublimes pensamentos da ciência celeste, para chegar até a edificação da “Igreja, que é a casa de Deus vivo, coluna e apoio da verdade”, e que ele fica junto à parede, para nem ficar totalmente escondido, nem completamente à vista. A Palavra de Deus e a explicação da ciência não são para expor ao público nem para ficar onde possam espeznhá-la; mas deve ser encontrada ao longo de uma busca, e não, como dissemos, exposta aos olhares de todos, antes escondida como se estivesse atrás de uma parede.<sup>507</sup>

Orígenes aprofunda ainda mais. Embora a casa fosse a Igreja, como foi visto acima, nosso autor não quer que se pense, com isso, em uma igreja tal como um edifício predial<sup>508</sup> na qual a esposa reside. Antes, disse que a esposa está nos intramuros da fé, em construções de sabedoria, cujo teto desta casa é a caridade e os dons espirituais.<sup>509</sup> São essas as virtudes que, segundo Orígenes, “fazem a alma residir na Igreja”.<sup>510</sup> Mas, Orígenes incentiva, na verdade, a alma fiel sair da casa, pois ali nunca se irá ter um conhecimento total do esposo. Por isso, nosso autor comenta:

<sup>501</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,8, p. 336.

<sup>502</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,9, p. 336.

<sup>503</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,10, p. 336.

<sup>504</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,10, p. 337.

<sup>505</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,10, p. 337.

<sup>506</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,10, p. 337.

<sup>507</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,11-12, p. 337.

<sup>508</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,13, p. 337.

<sup>509</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,13, p. 337.

<sup>510</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,13, p. 337.

A parede é, portanto, aqui uma parte da casa, que pode indicar a firmeza na fé; junto dela, segundo se diz, está o esposo, e, em relação aos outros, ele é tão alto e sobranceiro que passa acima dos edifícios, e pode ver a esposa (ou seja: a alma). Na verdade, ele ainda não se apresenta a ela inteiramente, mas como que espiando pelas gelosias; ele a encoraja e convida a não ficar dentro de casa sem fazer nada, mas a sair ao seu encontro, e a se esforçar por vê-lo, não já através das janelas e pelas gelosias, nem por um espelho num enigma, mas face a face, avançando para fora. Por isso, como ele não está na frente da parede, mas atrás dela, ela ainda não o pode ver. Mas ele também se debruça nas janelas, que certamente estavam abertas para receber a luz e iluminar a casa. Ao debruçar-se sobre elas, e espiando para dentro, é que a Palavra de Deus convida a alma a se levantar e a vir ao seu encontro.<sup>511</sup>

#### 4.1.10.

#### “Tua face é tão formosa” (Ct 2,14-15)

Chegamos a última seção comentada por Orígenes. Lamentavelmente, o restante se perdeu no tempo ou ainda não foi achado, se é que é possível encontrar outros volumes do seu comentário ao Cântico dos Cânticos. O livro no qual esta dissertação apoia as palavras de Orígenes encerra-se com ele comentando Ct 2,14-15.<sup>512</sup> Seu comentário destaca o desejo do esposo em ver o rosto da esposa amada. Orígenes entende que esse trecho do Cântico é bem parecido com a seção comentada anteriormente (Ct 2,8-9), contudo, isola detalhes que não ficaram sem receber sua interpretação alegórica.

Deve-se considerar o texto a ser comentado “seguindo a ordem da ação dramática” – assim afirmou Orígenes.<sup>513</sup> Porém, diferentemente da vez em que o esposo recusou entrar na casa onde estava a esposa, convidando-a a sair à sua procura, tem-se agora o esposo que deseja encontra-se num lugar específico, a saber, “no abrigo de um rochedo” (Ct 2,14).<sup>514</sup> É neste lugar que o esposo deseja ver o rosto da sua amada que, por respeito, até esse instante usava o véu para cobrir-se.

Nosso autor expõe que esse momento é favorável à esposa, isto é, ela pode sair de casa e ir até rochedo, pois a primavera entrou e o inverno cessou-se.

Acompanha-me, primeiro, nesta leitura: que para a alma é inverno quando ela é sacudida pelas ondas das paixões, fustigada pelas tempestades dos vícios e pelos ventos ásperos dos espíritos malignos. Enquanto ela está nessas condições, a Palavra de Deus não a convida a sair, mas a recolher-se no interior de si mesma, a fortalecer-se e proteger-se por todos os lados, contra as ventanias perniciosas dos espíritos malignos. Então nela não há as flores do estudo das Escrituras, nem ressoam, como pelo canto da rola, os mistérios secretos e

<sup>511</sup> ORÍGENES, Livro III, 14,14-15, p. 338.

<sup>512</sup> ORÍGENES, Livro IV, 3, 1-34, p. 363-373.

<sup>513</sup> ORÍGENES, Livro IV, 2, 1, p. 354.

<sup>514</sup> ORÍGENES, Livro IV, 2, 1, p. 354.



escondidos da sabedoria profunda. Seu olfato não recebe o odor agradável das flores da videira, nem sua vista se encanta com os brotos da figueira; mas basta que, no meio das tempestades das tentações, ela fique segura e prevenida contra a queda no pecado.<sup>515</sup>

Isto assim, Orígenes classifica duas estações opostas: uma, o inverno que é o tempo das tentações; e a segunda, a estação do descanso da alma, que é a primavera. É nesta era que Orígenes entende que a Igreja deve sair de dentro da casa, e ir até o abrigo do rochedo. É neste lugar de pedras rochosas que estão “as doutrinas firmes e sólidas de Cristo”,<sup>516</sup> que é, afinal, a principal “pedra”. Ver-se-á, ali, segundo Orígenes, a Glória do Senhor. Também é o lugar onde a serpente (Satanás) não consegue rastejar-se devido o solo acidentado pelas pedras (Pv 30,18).<sup>517</sup>

Portanto, o rasto da serpente, ou seja, do diabo, quer dizer os sinais da passagem do pecado, que não podem encontrar-se naquela pedra que é Cristo, pois ele é o único que não cometeu pecado. Por isso, ao abrigo dessa pedra a alma chega em segurança ao lugar da muralha, ou seja, onde se contemplam as coisas incorpóreas e eternas.<sup>518</sup>

Veem-se quantos obstáculos a esposa precisou transpor, até chegar ao lugar onde habita a Glória do Altíssimo, na fenda do rochedo, semelhante a Moisés (Êx 33,22-23). A essa altura a esposa precisava mesmo era retirar o véu, porque isto pediu o esposo da alma: “Mostra-me teu rosto”. Orígenes diz que esse pedido do esposo é para se certificar “que ela não conservou nada do antigo véu; assim ela poderá, com olhar firme, contemplar a glória do Senhor, de maneira a poder dizer também: ‘Nós vimos a sua glória, glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade’ (Jo 1,14)”.<sup>519</sup>

Portanto, a esposa é convidada a sair e encontrar-se com o esposo na fenda da rocha sem o véu e mostra-lhe o rosto, contudo, por “rosto” Orígenes quer nos fazer entender que:

Se por “rosto” entendes aquele do qual diz Paulo: “Nós todos, com o rosto descoberto”, ou quando diz: “Então, face a face”, verás o que é esse rosto da alma que é louvado pela Palavra de Deus e do qual se diz que é formoso. Sem dúvida é aquele que “a cada dia se renova à imagem do que o criou”, e que não tem “nem mancha nem ruga, nem nada desse tipo, mas é santo e imaculado, tal como Cristo apresentou a Igreja a si mesmo”, ou seja, as almas que alcançaram a perfeição, e que, todas juntas, formam o corpo da Igreja.<sup>520</sup>

Ainda assim não é tudo, o esposo deseja mais, ou seja, além de querer ver seu rosto descoberto, o esposo quer agora ouvi-la, pois o Cântico diz na parte

<sup>515</sup> ORÍGENES, Livro IV, 2,4-5, p. 355.

<sup>516</sup> ORÍGENES, Livro IV, 2,8, p. 355.

<sup>517</sup> ORÍGENES, Livro IV, 2,10, p. 357.

<sup>518</sup> ORÍGENES, Livro IV, 2,10, p. 357.

<sup>519</sup> ORÍGENES, Livro IV, 2,13, p. 358.

<sup>520</sup> ORÍGENES, Livro IV, 2,17, p. 359.

final: “Deixe-me ouvir a sua voz, pois a sua voz é doce” (Ct 2,14). Para isso – comentou Orígenes – será exigido à esposa outra virtude semelhante àquela que teve Moisés visto que no Êxodo está registrado que “Moisés falava e Deus lhe respondia”.<sup>521</sup> Para plenificar seu itinerário a esposa tornar-se digna de, na fenda da rocha, ouvir o Verbo da mesma maneira como Moisés. Então, “Se terá cumprido nela o que o esposo diz [no Cântico]: Deixa-me ouvir tua voz”.<sup>522</sup>

Eis, portanto, um grande elogio – dessa vez recorrendo a um Salmo de Davi – ouvir da boca do esposo: “Tua voz é suave” (Ct 2,14), afirmou nosso brilhante autor<sup>523</sup>, pois é assim que também dizia o muito sábio profeta Davi: “Que minha conversa seja suave para ti” (Sl 104(103),34). Após todo este itinerário, possivelmente pode-se dizer finalmente para o esposo: “O meu amado é meu e eu sou dele” (Ct 2,16).

---

<sup>521</sup> ORÍGENES, Livro IV, 2,14, p. 358.

<sup>522</sup> ORÍGENES, Livro IV, 2,14, p. 358.

<sup>523</sup> ORÍGENES, Livro IV, 2,14, p. 358.

## 5.

### Conclusão

Esta dissertação investigou tópicos da vida de um dos homens mais emblemáticos e controversos de toda história da igreja cristã. Impulsivo, mas compulsivo por Cristo e pelas Escrituras. Um escritor avantajado, exegeta e apologista, um *vir ecclesiasticus*, sobretudo. Sua fama, porém, não faz jus à sua contribuição que deu e à espiritualidade que inspirou os seus discípulos e, mais adiante, os monges medievais. Particularmente, conheci Orígenes a partir do relatório de Eusébio, Gregório Taumaturgo e até mesmo por meio de seus críticos que tanto o perseguiram. Ao encerrar esta dissertação, comprometi-me a não mais acreditar nos manuais de historiografia eclesiástica modernos, eivados de preconceito e ignorância a respeito de quem de fato foi Orígenes de Alexandria, apesar de reconhecer que o doutor da igreja excedeu-se algumas vezes.

Além disso, Orígenes me fez entender a razão de aplicar sobre a Escritura o método de interpretação alegórica, o qual muito provavelmente teve a sua origem na Grécia (século VI a.C.), influenciando o judaísmo através de Filo em Alexandria (século II a.C.), e seguiu-se até o cristianismo alexandrino. Sabe-se que este método de abordagem durou por toda a Idade Média, depois enfraqueceu, devido a críticas de subjetividade e, finalmente, rejeitada pelos reformadores. Entendi, contudo, o quanto era sobremodo importante no seu tempo, e, na verdade, talvez uma das maiores demonstrações de zelo de Orígenes. Mesmo porque foi o que ajudou, em termos de argumentos, a promover a unidade entre o AT e NT, afinal, é-se apenas um livro só, de um autor só, o Espírito Santo, defendia Orígenes. Bem mesmo sua castração que foi, na verdade, fruto de uma vida piedosa marcada pelo zelo da obediência à Bíblia literalmente.

Deixando-se persuadir pelas sagradas Escrituras, dá-se realmente para acreditar que algumas passagens, de difícil interpretação, são permitidas o acesso por meio da intimidade com o Verbo – a própria Palavra – tal como supunha Orígenes. Os textos foram pontuados neste trabalho. Além de uma possível constatação da hermenêutica origeniana, viu-se aqui, como a metáfora da esponsalidade percorre toda a Escritura, ora implícita, ora explícita. O que nesta dissertação foi abordado consiste no passo além que Orígenes deu na história da teologia cristã, aplicando a metáfora da esponsalidade ao sujeito-cristã, porque até

então só a Igreja era vista como “esposa de Deus”. Na verdade, desde o início do séc. III os padres da igreja consideram a imagem e linguagem nupcial na Escritura um convite a entender Igreja e Cristo.

Isto posto, nosso autor, se valendo dos postulados neoplatônicos oportuniza à luz da sua teologia a cada alma fiel percorrer esse itinerário até unir-se misticamente com o Verbo divino, e o livro bíblico do Cântico dos Cânticos oferece em forma de drama esse caminho a ser seguido. Foi visto acima que Orígenes acreditava, em certa medida, no homem como alguém capaz de amar. Cria no amor como “duplo movimento de atração e autoentrega”.<sup>524</sup> O amor para Orígenes era chave não só no itinerário espiritual, mas para várias questões da fé e da moral cristã<sup>525</sup> e encontrou no Cântico dos Cânticos o livro especial, a fim de iniciar a busca da Igreja/alma à união mística com o Cristo-Esposo.

A teologia nupcial desta dissertação de Mestrado poderia ser construída utilizando outras expressões atraentes no Cântico dos Cânticos, como as metáforas vegetais, e a mais famosa, a metáfora dos cinco sentidos. Ambas guarnecem de interpretações dignas de uma produção exclusiva, pois possuem verdadeiras belezas teológicas, porém, Orígenes, mesmo fazendo alegoria sobre cada elemento, inclusive acerca dos vegetais e dos sentidos, deteve-se, sobretudo, em não ofuscar partes que compõem o corpo humano, sendo aí o núcleo da sua teologia esponsal, como destacamos no último capítulo desta dissertação. Aqui, tem-se, novamente, que considerar o amor e a afetividade o “motor” que dá partida ao itinerário.<sup>526</sup>

Esta dissertação chega ao fim e ficou-me a sensação de ter percorrido um itinerário. A começar pela paixão por Orígenes que nasceu em mim. Infelizmente, conhecia Orígenes apenas de passagem e resumidamente, mas, agora, parafraseando o personagem Jó: “*meus olhos te veem*” (Jo 42,5b). Minha carreira teológica evoluiu por deter-me sobre Orígenes e alguns dos seus escritos ao longo desta pesquisa. Mais ainda, desenvolvi um olhar sensível para o Cântico dos Cânticos, ou como nas palavras de Orígenes “ascendi”, ao investigar as riquezas subscritas em seus poemas, aliás, farei por mim mesmo um itinerário pelo Cântico

---

<sup>524</sup> ORÍGENES, Introdução, p.11.

<sup>525</sup> ORÍGENES, Introdução, p.12.

<sup>526</sup> KOUOBOU, D, 2017, p. 150.

dos Cânticos.<sup>527</sup> Talvez seja a maneira mais justa pelo que Orígenes prestou no seu tempo, e por providência divina, parte dos seus escritos foi preservado e traduzido em nossa língua e assim desfrutamos da sua teologia espiritual.

---

<sup>527</sup> ORÍGENES, Introdução, p.87.

6.

## Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALTANER, B. Patrologia: vida, obras e doutrina dos Pais da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1988.

BERNARD, C. Introdução à teologia espiritual. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BENTO XVI, Orígenes: a vida e a obra. Audiência Geral de 25 de abril de 2007.

[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf\\_ben\\_xvi\\_aud\\_20070425.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben_xvi_aud_20070425.html)

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Notas de rodapé e introduções. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, R (Orgs.). Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento: São Paulo: Paulus, 2007.

BRUCE, FF. O cânon das Escrituras. São Paulo: Editora Hagnos, 2011.

CAMPENHAUSEN, H. Os pais da igreja: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

CARSON, D.A. O comentário de Mateus. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

CASALEGNO, A. O Evangelho de João na interpretação dos Padres da igreja e dos teólogos medievais. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

\_\_\_\_\_.“E o Cordeiro os vencerá”. Leitura exegético-teológica do livro do Apocalipse. São Paulo: Loyola, 2017.

CAVALCANTI, G. O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: Editora USP, 2005.

CESARÉIA, E. História Eclesiástica (versão digital). São Paulo: Novo Século, 2002.

CHAMPLIN, N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, vol. 1. São Paulo: Editora Hagnos, 2008.

DANIEL, K. A afectividade no itinerário espiritual segundo as Homilias sobre o Cântico dos Cânticos de Orígenes – tradução e estudo teológico (Dissertação). Lisboa, 2017.

DUE, W. O Guia Trinitário para a escatologia. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

EATON, M; CARR, G.L. Eclesiastes e Cantares: Introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.

EICHRODT, W. Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2004.

ELWELL, W (Org.). Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009.

FORTE, B. Os graus do amor no Cântico dos Cânticos. São Paulo: Paulinas, 2012.

GERSTENBERGER, E. Israel no tempo dos persas. São Paulo: Loyola, 2014.

GONZÁLEZ, J. Uma história do pensamento cristão, vol 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

\_\_\_\_\_. História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GREGG, A. Teologia histórica: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina cristã. São Paulo: Vida Nova, 2017.

HALL, C. Lendo as Escrituras com os pais da Igreja. Viçosa (MG): Ultimato, 2000.

JARDILINO J; LOPES, L. Cântico dos cânticos: parte do cânon sob censura. Revista Nunes no 13 – Setembro/Dezembro 2009. Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP ISSN 1981-156X, p. 03.

JOÃO PAULO II *Carta apostólica mulieris dignitatem*  
[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1988/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19880815\\_mulieris\\_dignitatem.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris_dignitatem.html) 1988. Acesso: 07/02/22.

KEENER, C. Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento: Belo Horizonte (MG). Editora Atos, 2003.

KELLY, J.N.D. Patrística: Origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 2009.

LADARIA, L. Introdução à antropologia teológica. São Paulo: Loyola, 2016.

LELOUP, J. O cântico dos Cânticos: a sabedoria do amor. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2019.

LITFIN, B. Conhecendo os pais da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2015.



LUPI, J. O homem e o mundo na antropologia teológica de Orígenes. VERITAS: Porto Alegre v. 44, n. 3, Setembro 1999.

MATEOS, J; BARRETO, J. O Evangelho de São João. São Paulo: Paulinas, 1989.

MCDERMOTT, G. Grandes Teólogos: Uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de igreja. São Paulo: Edições Vida Nova, 2013.

MONDONI, D. História e teologia da espiritualidade. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

OLSON, R. História da Teologia Cristã. São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2001.

ORÍGENES. Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos: Introdução, tradução e notas de Heres Dian de O. Freitas; João E.P.B. Lupi. São Paulo: Paulus, 2018.

\_\_\_\_\_. Contra Celso (versão digital). São Paulo: Paulus, 2012.

\_\_\_\_\_. Tratado sobre os Princípios (versão digital). São Paulo: Paulus, 2012.

\_\_\_\_\_. Tratado da Oração, XXIII, 2

<https://pt.scribd.com/document/130029725/Origenes-Tratado-da-oracao>

RIBEIRO, F. O tríplice sentido da Sagrada Escritura em Orígenes: proposta de um itinerário espiritual. Encontros Teológicos | Florianópolis | V. 35 | N.2 | Maio-Ago. 2020.

\_\_\_\_\_. A experiência amorosa de Deus no Comentário ao Cântico dos Cânticos de Orígenes. (Dissertação) São Paulo: PUC-SP, 2019.

ROPS-DANIEL. A igreja dos apóstolos e dos mártires. São Paulo: Quadrante, 1988.

SANTOS, M.A; PEREIRA, E. A esponsalidade de Cristo com a igreja, 1ª parte: o Antigo Testamento. Teocomunicação, Porto Alegre (RS), v. 37, n. 158, dez. 2007.

SAWYER, J. Introdução à Teologia: Das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. São Paulo: Vida Acadêmica, 2009.

SCHÖKEL, A; DIAZ, S. Salmos I: Salmos 1-72. São Paulo: Paulus, 1996.

\_\_\_\_\_. Profetas I. São Paulo: Paulus, 1988.

\_\_\_\_\_. Profetas II. São Paulo: Paulus, 1988.

SKARSAUNE, O. À Sombra do Templo. As influências do judaísmo no cristianismo primitivo. São Paulo: Vida Acadêmica, 2004.

STADELMANN, L.I. Cântico dos Cânticos. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

TAUMATURGO, G. *Elogio del maestro cristiano*. Introducción, traducción, y notas de Marcelo Merino Rodríguez: Madrid: Ciudad Nueva, 1990.

TAYLOR, H. Cântico dos Cânticos: um convite para viver em união e comunhão profunda com Deus. Publicações Pão Diário. São Paulo: 2002.

TENNEY, M (Org.). Enciclopédia da Bíblia, vol. 1. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

TILLICH, P. História do pensamento cristão. São Paulo: Aste, 2000.

VANHOOZER, K. Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Editora Vida, 2005.

WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo Antigo Testamento, vol. III – Poéticos: Santo André (SP) Geográfica, 2010.

ZENGER, E. (Org.). Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2016.

ZUCK, R (Ed.). Teologia do Antigo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.